

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

BRUNA APARECIDA DA SILVA MIGUEL

OS INTELECTUAIS LEIGOS E O CENTRO DOM
VITAL: à luz das publicações da revista A Ordem

CAMPINAS
2016

BRUNA APARECIDA DA SILVA MIGUEL

**OS INTELECTUAIS LEIGOS E O CENTRO DOM
VITAL: à luz das publicações da revista A Ordem**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. João Miguel Teixeira de Godoy

PUC-CAMPINAS

2016

**Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião**

Autor: MIGUEL, Bruna Aparecida da Silva

Título e Subtítulo: Os intelectuais leigos e o Centro Dom Vital: à luz das publicações da revista A Ordem

Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Prof. Dr. João Miguel Teixeira de Godoy

1º. Membro Titular: Prof. Dr. Ney de Souza

2º. Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Membro Suplente: Profa. Dra. Cecília Domezi

Membro Suplente: Profa. Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Campinas, 29 de Janeiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

A Deus

Pelas bênçãos sem fim, por me dar coragem e me fazer perseverante.

Ao meu marido, Murilo Homem,

Por ser tão importante na minha vida, meu maior incentivador. Por permanecer sempre ao meu lado, pelo apoio irrestrito.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Miguel Teixeira de Godoy,

Pelo acompanhamento, atenção e paciência, por ter acreditado em mim.

Ao Dr. Prof. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves,

Pela coordenação deste Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, por toda compreensão e incentivo a pesquisa.

Aos docentes do Curso de Pós Graduação em Ciências da Religião,

Por ensinar e inspirar.

Aos meus pais, irmãos e familiares,

Pelo carinho e compreensão nos momentos de ausência.

Aos funcionários da Biblioteca - Unidade II,

Pelo bom humor e satisfação em auxiliar.

“[...] se não fossem as gotas,
o oceano não existiria”.
(Alceu Amoroso Lima).

RESUMO

MIGUEL, Bruna Aparecida da Silva, Os intelectuais leigos e o Centro Dom Vital: à luz das publicações da revista *A Ordem*. 2016 (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2016.

A proposta deste trabalho de pesquisa é desenvolver um estudo de algumas dimensões políticas do fenômeno religioso a luz das publicações do periódico *A Ordem*. Com ênfase nos aspectos institucionais presentes na trajetória da Igreja Católica no Brasil. Em linhas gerais, busca analisar qual o seu discurso e debates sobre a atuação do Centro Dom Vital na sociedade brasileira, trinta anos após a sua fundação; bem como, investigar a postura desempenhada pelos intelectuais católicos diante dos acontecimentos internos e externos ao campo religioso, em meados do século XX. Tem-se ainda a pretensão de tecer considerações sobre o contexto histórico e teórico do catolicismo no país.

Esta revista que surge como a primeira expressão leiga de produção intelectual sobre a Igreja Católica, que juntamente com o Centro Dom Vital, marcam o início de uma nova fase dos escritos sobre a Igreja Católica Brasileira. *A Ordem* é considerada por estudiosos como um núcleo de debates e exposição de pensamentos do grupo católico que a compunha.

Levando em consideração toda relevância deste periódico para formação inicial de um pensamento católico brasileiro e a expressão e engajamento dos intelectuais é que se propõe o seu estudo. Tendo em vista que a grande maioria das pesquisas sobre o tema concentram suas atenções nas primeiras décadas da revista e do Centro, este trabalho, diferentemente, propõe um estudo que se prolonga até a década de 1950, buscando entender as especificidades deste momento para a Igreja. Computando assim a pertinência desta pesquisa.

Palavras-chave: Leigos. Catolicismo. Intelectuais. Centro Dom Vital. *A Ordem*.

ABSTRACT

MIGUEL, Bruna Aparecida da Silva, *Intellectuals lay and Dom Vital Center: in the light of magazine publications A Ordem*. 2016. (master's thesis in science of religion) - Graduate Program in Science of Religion at the Catholic University of Campinas, Campinas, 2016

The purpose of this research is a study of some political dimensions of the religious phenomenon in light of magazine publications *A Ordem*. With emphasis on institutional aspects in the history of the Catholic Church in Brazil. In general, seeks to analyze what your speech and debates on the role of the *Dom Vital Centre* in Brazilian society, thirty years after its foundation; as well as investigate the posture performed by Catholic intellectuals in the face of internal and external events to the religious field in the mid-twentieth century. It has even pretend to elaborate about the historical and theoretical context of Catholicism in the country. This magazine which appears as the first lay expression of intellectual production on the Catholic Church, which together with the *Dom Vital Centre*, mark the beginning of a new phase of the writings of the Brazilian Catholic Church. *A Ordem* considered by scholars as a core of debates and thoughts of exposure Catholic group that composed.

Taking into account all relevant this newsletter for initial training of a Brazilian Catholic thought and expression and engagement of intellectuals is that is proposed to study. Given that the vast majority of research on the subject focus their attention in the first decades of the magazine and the Center, this work, by contrast, proposes a study that continues into the 1950s, seeking to understand the specifics of this moment for the Church . Thereby computing the relevance of this research.

Keywords: Laity. Catholicism. Intellectuals. Dom Vital Centre. The Order.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC - Associação de Bibliotecas Católicas

AC - Ação Católica

ACB - Ação Católica Brasileira

ACE - Ação Católica Especializada

ACI - Ação Católica Independente

ACO - Ação Católica Operária

ACR - Ação Católica Rural

AP - Ação Popular

AUC - Ação Universitária Católica

CDV - Centro Dom Vital

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

JAC - Juventude Agrícola Católica

JEC - Juventude Estudantil Católica

JIC - Juventude Independente Católica

JOC - Juventude Operária Católica

JUC - Juventude Universitária Católica

LEC - Liga Eleitoral Católica

UDM - União Democrática Nacional

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Capítulo 1 - Estado laico, Nação católica: A Igreja Católica no Brasil em meados do século XX	23
1.1. Instituição Religiosa: de uma defesa da “neocristandade” às novidades do “reformismo”.....	24
1.1.1. Catolicismo no Brasil nos tempos da Neocristandade.....	27
1.1.2. Década de 1950: anúncio de novos rumos.....	31
1.2. O surgimento da Revista A Ordem e do Centro Dom Vital.....	39
1.2.1. Intelectuais d’A Ordem.....	45
1.2.1.1. Jackson de Figueiredo.....	45
1.2.1.2. Alceu Amoroso Lima.....	48
1.3. Considerações.....	50
2. Capítulo 2 - Dividir ou Multiplicar: o Centro Dom Vital no tempo de Alceu Amoroso Lima	53
2.1. Pensamento Católico Oficial.....	54
2.2. Novos rumos do Centro Dom Vital.....	57
2.3. Novas Instituições Católicas.....	66
2.3.1. Ação Universitária Católica (1929).....	67
2.3.2. Confederação Nacional dos Operários Católicos (1931).....	69
2.3.3. Instituto Católico de Estudos Superiores (1932).....	70
2.3.4. Associação das Bibliotecas Católicas.....	71
2.3.5. Liga Eleitoral Católica (1932).....	72
2.3.6. Ação Católica Brasileira (1935).....	73
2.4. Dividir ou multiplicar: uma crítica.....	76
3. Capítulo 3 - As vozes d’A Ordem na década de 1950	82
3.1. O Centro Dom Vital na década de 1950.....	82
3.1.1. As atividades do Centro Dom Vital.....	85
3.1.2. O início de um rejuvenescimento?.....	88
3.2. Uma nova voz: a CNBB.....	89
3.3. As publicações da Ordem na década de 1950.....	92
3.3.1. Primado da Fé.....	94
3.3.2. Atuação dos leigos.....	95
3.3.3. Missão da Igreja.....	97
3.3.4. Situação político-social.....	100
3.4. Um balanço.....	101
Considerações Finais	105
Referências	112
Anexos	120

INTRODUÇÃO

Nesta introdução objetiva-se apresentar um panorama sobre a temática geral do trabalho, bem como as questões que aparecem ao fundo e fornecem sustentação teórica para as discussões mais específicas.

Contudo, antes de iniciar, cabe aqui tecer considerações sobre o campo disciplinar geral. Nossa pesquisa, tal como está formulada, pretende atender as exigências metodológicas da chamada Ciência(s) da Religião, na maneira como define Hans-Jürgen Greschat. Entendendo método como a perspectiva que o sujeito do conhecimento adota diante de seu objeto, Greschat chama a atenção para a maneira específica como os cientistas da religião devem observar a religião¹.

Primeiro, a religião deve ser vista como uma totalidade e como foco central dos questionamentos. Em outras palavras, não deve servir como “pretexto” ou estratégia de aproximação para se entender outras dimensões da realidade, as mudanças da sociedade, a cultura, a mentalidade humana etc. Certamente essas dimensões estão relacionadas com a religião, mas constituem totalidades estudadas pelos antropólogos, sociólogos, entre outros especialistas. O cientista da religião pode tomar como ponto de partida cada uma dessas dimensões, mas é o campo das crenças e práticas e Instituições religiosas que constitui seu objetivo central.

Em segundo lugar, essa totalidade que constitui a religião, pode ser desmembrada em outras dimensões, ou “camadas”, mas estando sempre articuladas. Manifesta-se como comunidade, como atos religiosos, como doutrinas e como experiência religiosa, por exemplo. Está implícita nessa colocação de Greschat a dimensão institucional da religião, com sua estrutura organizacional, hierarquia eclesial, ritos, cultos...

Em terceiro lugar, devemos ficar atentos não apenas para os aspectos estruturais dessa totalidade, contudo igualmente para sua dinâmica, suas transformações, pois as religiões constituem realidades vivas e mudam sem cessar.

¹ Os parágrafos a seguir baseiam-se em: GRESCHAT, H. J. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005. p. 23-28.

Nossa pesquisa, certamente, não tem a pretensão de abarcar a totalidade do fenômeno. E entendemos que nem é essa a proposta de Greschat. O importante, como o autor explicita, é não perder de vista a totalidade da religião, ela é o horizonte de questões nos quais devemos nos situar. Optamos por um recorte bem delimitado, um aspecto do processo histórico de reorganização da Igreja Católica brasileira, num momento também muito específico de sua trajetória. Interessa-nos um aspecto da dimensão organizacional e suas implicações em termos de formação de uma instância de sistematização de ritos e doutrinas, hierarquização de comando, fundamentação da autoridade e legitimação do poder.

Após estas considerações, convém mirar-se mais diretamente sobre a pesquisa que estrutura e dá forma a esta dissertação. O objetivo geral é desenvolver um estudo de algumas dimensões políticas do fenômeno religioso à luz das publicações do periódico *A Ordem*. Especificamente, busca-se analisar qual o seu discurso e debates sobre a atuação do Centro Dom Vital na sociedade brasileira, a partir da época em que Alceu Amoroso Lima assumiu a sua presidência, a prolongar-se até a década de 1950.

Outras duas intenções singulares, somam-se a esta e complementam o trabalho: investigar a postura desempenhada pelos intelectuais católicos diante dos acontecimentos internos e externos ao campo religioso, em meados do século XX; bem como tecer considerações sobre o contexto histórico e teórico do catolicismo no país.

A principal fonte de estudo foi a revista *A Ordem*, fundada em agosto de 1921, sob a liderança de Jackson de Figueiredo e a ajuda de alguns amigos, nasceu da necessidade de se ter um meio de expressão e divulgação do ideário do grupo - leigo católico.

Além desta, foram utilizados diversos outros comentadores, os quais oriundos de áreas diferentes - História, Teologia, Filosofia e Sociologia -. As várias disciplinas e campos de atuação contribuem para o estudo em Ciências da Religião.

* * *

Duas dimensões do trabalho devem ser explicitadas. Primeiro o recorte temporal e, segundo, algumas questões de fundo. Como já dizemos anteriormente, o período escolhido prolonga-se do início do século XX aos anos

1950, e concentrando um olhar mais atento a estes últimos anos. Cabe aqui ressaltar que a especificidade dessa década na trajetória da Igreja Católica no Brasil, relaciona-se com o modo como a hierarquia católica enfrentou e equacionou tendências contraditórias que vinham se acumulando desde pelo menos o final do século XIX, após a separação do Estado promovida pelo governo republicano.

Tendências ligadas, em primeiro lugar, ao modo como se deu a recomposição do próprio corpo da hierarquia eclesial, nesse momento denominando de “restauração católica”, marcado então por um conjunto de ações voltadas para garantir uma maior presença e influência da Igreja nas várias dimensões (sociais, políticas e culturais) da sociedade brasileira.

São conhecidas as dificuldades enfrentadas pela Instituição, no período do Império e do regime de padroado, no sentido de arregimentar os quadros que se apresentavam como capazes de levar adiante o projeto católico num país de dimensões continentais². De modo emergencial isso foi resolvido, no primeiro período republicano, com a vinda de membros das Igrejas europeias. Resultando num processo de “*estrangeirização*” do clero brasileiro³.

Por um lado, isso representou efetivamente um ganho em termos de formação de um grupo mais coeso e familiarizado com as linhas de orientação e ação das lideranças religiosas católicas. Porém, este grupo apresentou-se mais dependente materialmente da Instituição, distanciando-se da figura típica do padre fazendeiro, com grande autonomia, tão comum no Período do Império. Não se deve deixar de considerar estas características e o papel decisivo desse novo clero no processo de reorganização da Igreja Católica no Brasil no início do século XX.

Os limites do modo como essa recomposição dos quadros se deu, pode ser percebido no relativo distanciamento de setores da Igreja no que diz respeito às demandas das esferas populares, rurais e urbanos. A presença destes setores da Igreja nos meios operários urbanos, formados a partir de um incipiente processo de industrialização, sobretudo, em São Paulo e Rio de Janeiro, ocorreu de maneira pontual e tímida.

² BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

³ BEOZZO, J. O. A Igreja entre a revolução de 1930: o Estado Novo e a Redemocratização, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986.

Uma segunda tendência marca esse momento de *“restauração católica”*. Trata-se do problema da relação Estado e Igreja, em outras palavras, do poder temporal e do espiritual. No período que se seguiu à Proclamação da República, tudo indicava que realmente ocorreria uma desvinculação completa entre Estado e Igreja no Brasil. Havia uma predominância de orientações de cunho positivista por parte dos líderes e pensadores republicanos, e a histórica vinculação entre a Igreja e a Monarquia, todo este panorama parecia conduzir as novas elites dirigentes a uma laicização do poder político.

As indicações apontavam para um movimento já perceptível nas sociedades europeias no decorrer do século XIX, sobretudo, após a Revolução Francesa e a subsequente legislação civil napoleônica. Ou seja, um processo de modernização da sociedade, tal como a formulou a sociologia alemã⁴. Por um lado, à tendência crescente da sociedade se estruturar a partir de *“sistemas parciais diferenciados e funcionais”*, por outro, a consequente *“autonomização institucional de diversas funções sociais”* e, por fim, a *“purificação temática de esferas funcionais diferenciadas”*, levando a uma considerável perda de influência das interpretações cristãs e da elite eclesiástica no âmbito da vida mundana⁵.

No entanto, esse processo de laicização foi de certa maneira interrompido, ou desacelerado, no Brasil em virtude de um movimento de reaproximação da Igreja Católica com o Estado, já a partir dos anos de 1920, mas com considerável ênfase no primeiro Governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945. Vale ressaltar que esta reaproximação que não significou uma submissão da Igreja ao Estado, e nem o restabelecimento de uma conduta similar ao Regime de Padroado, vigente até o final do século XIX.

Nesse novo contexto, a Igreja se coloca como uma instituição autônoma e organizada, como uma instância de poder, que se relaciona com outra instância de poder, o Estado. Uma relação que se apresenta em termos de apoio mútuo, num momento em que o Estado se instituía no papel de agente histórico do processo de construção da soberania nacional. Mas uma nação cujo nexos moral deveria ser construído a partir de uma base genuinamente cristã.

⁴ Seguiremos aqui as formulações de Franz Xaver Kaufmann (2013).

⁵ KAUFMANN, F. X. A crise na Igreja: como o Cristianismo sobrevive?. São Paulo: Loyola, 2013. p.77 -79.

Esta ação implicou em consequências tanto positivas, quanto negativas. Por um lado, a Igreja foi privilegiada por esta situação, uma vez que ganhou espaço e influência cultural. Por outro lado, esta proximidade com os poderosos, distanciaram ainda mais seus olhares da população menos avantajada economicamente, e não estimularam as práticas pastorais, e desarmando a Instituição de mecanismos mais eficazes para atuação no “mercado religioso” que gradual e lentamente se constituía no Brasil; a fixação de uma imagem de Igreja “oficial” e mais voltada para os próprios interesses institucionais, entre outros problemas.

Uma terceira tendência decorre do modo como se organizou o apostolado leigo. A investigação do envolvimento da Igreja Católica com os grupos sociais médios e altos, que passaram a se consolidar nas principais cidades industriais brasileiras na primeira metade do século XX, revela que o processo de modernização capitalista da sociedade brasileira neste período, impactou decisivamente nos rumos e orientações de seu trabalho pastoral e, portanto, nas estratégias de reorganização e consolidação da Instituição no período republicano.

Foi necessário todo um esforço de análise das ameaças e possibilidades do novo ambiente em que passou a atuar, e de identificação dos novos adversários e aliados, reais ou não. Uma vez que a Igreja transitou de uma situação na qual se identificava como instância organizadora da vida espiritual, unida institucionalmente ao aparelho estatal, para outra na qual se transfigura, começa a organizar-se como organismo da sociedade civil, como “*aparelho privado de hegemonia*”, na expressão de Gramsci⁶. Isso, mesmo considerando o caráter ainda incipiente da sociedade civil no Brasil no primeiro período republicano, e ainda com uma prática intelectual e cultural não consolidada. Cenário este que começa a se alterar nos anos de 1920, com os avanços das relações capitalistas e uma maior complexificação da sociedade, o surgimento dos setores médios urbanos e operários, diversificando as associações, surgimento de uma imprensa operária alternativa, e uma nova dinâmica social.

⁶ Não pretendemos entrar aqui no mérito do conceito de Gramsci, mas apenas nos servir dele para apontar uma mudança histórica. Ver: GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Nesse contexto, quanto ao impacto sobre a Igreja, poder-se-ia esperar transformações profundas no modo como se organizava internamente e de como passou a intervir na dinâmica da sociedade. A própria dinâmica global da Instituição, bem como sua identidade, foi se moldando nesse processo.

Interessa-nos observar que a resultante institucional e política desse momento, a qual recebeu o título de *neocrisandade*, e definiu de maneira decisiva a natureza e os significados das reações e respostas que a Igreja deu e vem dando em períodos mais recentes da história do Brasil.

O projeto da neocrisandade marcou a trajetória da Igreja Católica no Brasil da segunda década do séc. XX, principalmente até os anos de 1950⁷. Trata-se de uma segunda fundação da Igreja no Brasil. Caracteriza-se, sobretudo, por um momento de recomposição institucional e clerical da Igreja num contexto novo, livre da proteção legal do Estado, porém de fato associada a ele. Impulsionada pelas tendências gerais e direcionamentos definidos pela cúria romana, mas também buscando estabelecer organizações de mediações e poder local.

Recomposição que trabalhou com um dado de realidade, naquele momento, incontornável, ou seja, a fragilidade institucional da Igreja apontada acima. Fragilidade essa que conduziu a dois movimentos aparentemente contraditórios: distanciamento e reaproximação com a sociedade brasileira. Distanciamento porque exigiu um estreitamento da dependência em relação a Roma e o conseqüente resultado de europeização do corpo clerical brasileiro já mencionado.

E houve também uma reaproximação dada à necessidade de articulação com setores leigos, de segmentos sociais politicamente influentes, resultando na criação de várias organizações voltadas para a formação de intelectuais católicos leigos e coordenadas por estes mesmos leigos. Foi o caso então do Centro Dom Vital, que tinha também intervenção política com a Liga Eleitoral Católica, além de todo o trabalho de formação pedagógica com a Associação dos Professores Católicos, transformando-se depois, em 1935, na Confederação Católica Brasileira de Educação, com abrangência nacional. Atuou

⁷ Ver: DELLA CAVA, R. Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916-1964. *Estudos Cebrap*, n.º. 12, p.6-52, 1975. / BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. / MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

fortemente na formação de quadros com o Instituto Católico de Estudos Superiores (1932), bem como atuação na militância apostólica com a Ação Católica (1935), e finalmente, completando todo esse processo, o projeto de repensar globalmente a cultura nacional, com a Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1942.

Do ponto de vista doutrinário, esse movimento foi amarrado por uma rejeição das características sincréticas da religiosidade tradicional brasileira e a formulação de um projeto de estreitamento da prática religiosa com as orientações doutrinárias do catolicismo oficial. Em outros termos, superar a distancia tão comum na experiência religiosa brasileira entre uma concepção religiosa que tem vigência, mas não tem necessariamente eficácia. O projeto da neocrisandade, além de cristianizar as instituições, também exigia uma reaproximação do aparelho estatal, utilizando-o como instrumento de catolicização das instituições e da sociedade.

Como é sabido, os problemas envolvendo a posição, função, importância e poder de influência dos leigos dentro da vida da Igreja Católica, e das igrejas em geral, possuem uma dimensão não apenas histórica, mas teórica também. O polêmico texto de Pierre Bourdieu⁸ a respeito da constituição e dinâmica do campo religioso inicia-se exatamente com a proposição de que o momento de instituição da divisão entre profissionais/produtores da religião e os leigos/consumidores constitui a base da divisão sagrado e profano e, portanto, o fundamento primeiro de constituição do campo religioso “relativamente autônomo”, juntamente com o surgimento das cidades e da divisão entre trabalho material e intelectual.

Seriam necessárias a emergência de novas circunstâncias históricas, econômicas, sociais, políticas, entre outras, para que fossem criadas novas configurações e novos circuitos de produção, distribuição e consumo de bens simbólicos. A relação nova que se estabelece entre sacerdotes profissionais e leigos torna-se decisiva uma vez que é dessa relação, de reciprocidade, que se constitui aquilo que chama de “capital religioso”: Nas palavras do autor:

⁸ BOURDIEU, P. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. IN: _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 27-78.

“Assim, o capital de autoridade propriamente religiosa de que dispõe uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos ou classes que ela pode mobilizar oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos, sendo que a natureza destes bens e serviços depende, por sua vez, do capital de autoridade religiosa de que dispõe levando-se em conta a mediação operada pela posição da instância produtora na estrutura do campo. Esta relação circular, ou melhor, dialética [...], é a base da harmonia que se observa entre os produtos religiosos oferecidos pelo campo e as demandas dos leigos, e ao mesmo tempo, constitui a base da homologia entre as posições dos produtores na estrutura do campo e as posições dos consumidores de seus produtos na estrutura das relações de classe”⁹.

Podemos destacar alguns elementos nessa colocação. Em primeiro lugar, tal divisão, ou ruptura, pressupõe o estabelecimento de um espaço de autonomia relativa para ambas às dimensões. Não implica na exclusão dos leigos, mas certamente é o fundamento de sua realocação. Torna-se a base a partir da qual uma nova relação é definida, um novo espaço de participação e contribuição é estabelecido. Tal divisão, tampouco implica em “*pauperização*” religiosa dos leigos, como ocorre no processo de constituição de outros campos¹⁰. Segundo, estabelece uma relação dialética, ou seja, a constituição de uma instância ocorre numa relação de reciprocidade com a outra. Portanto, a realização dos interesses e a satisfação das necessidades só é possível quando estabelecido uma relação.

Em terceiro lugar, podemos tentar avançar um pouco as colocações do autor e enfatizar uma outra dimensão do sentido dialético apontado, uma vez que o termo implica em circularidade mútua, mas pode apontar também para uma dimensão do conflito e da contradição. A questão que se coloca aqui diz respeito aos limites da cooperação e fortalecimento recíproco entre profissionais e leigos. A partir de certo ponto é possível identificar divergências, conflitos e disputas por poder? Nesse sentido, a harmonia e a homologia apontadas podem tornar-se o contrário?

Esse é um problema que para a nossa pesquisa é fundamental, uma vez que as teses mais usuais sobre a criação e atuação do Centro Dom Vital, e de seus intelectuais leigos, apontam para sua função de apoio e capacidade de

⁹ BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p 58.

¹⁰ Não é nossa intenção realizar aqui uma avaliação ampla do pensamento de Pierre Bourdieu sobre a questão, mas apenas exemplificar a importância teórica do problema levantado. Para uma discussão das idéias Bourdieu sobre o campo religioso. Ver: BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 27-78.

inserção social dos leigos num momento de relativa fragilidade da hierarquia eclesial no início do período republicano.

A complexidade da relação entre leigos e hierarquia clerical pode ser problematizada, portanto, no plano histórico. Historicamente, este processo não foi isento de tensões e negociações, bem como de imposições e concessões. A trajetória da Igreja no Brasil, desde o período colonial, pode ser analisada tomando essa perspectiva de análise. Embora não pretendemos aqui detalhar essa trajetória, é necessário destacar que o princípio organizador da Instituição, durante quase quatro séculos, foi o da preeminência leiga sobre a eclesial, no que diz respeito a sua estrutura e funcionamento. Está era a lógica presente no regime de Padroado, ou seja, a concessão, pela cúpula da Igreja em Roma, de um grau relativo, mas expressivo, de controle sobre uma Igreja nacional, a um administrador civil (monarca). Isso se dava em reconhecimento de sua dedicação e esforços para difundir a religião católica, mas também como estímulo para futuras “boas obras”.

Entretanto, a importância da presença leiga também se manifestou em várias dimensões. Pensamos aqui no papel das irmandades e ordens terceiras. Ou mesmo na presença decisiva da família patriarcal em relação ao clero secular. Pode-se dizer que essa condição definiu, ao mesmo tempo, a força e a fraqueza da Igreja no período colonial e Imperial¹¹.

A questão se coloca com toda a força na primeira metade do século XX, num contexto reconhecidamente novo e desafiador para a Igreja na trajetória da sociedade brasileira. Nesse momento, as ambiguidades da presença leiga no processo de reconstrução da Igreja no Brasil, tornam-se cada vez mais explícitos, pois da mesma forma que possibilitou que a Instituição definisse mecanismos efetivos de enraizamento social, principalmente com os setores e grupos que surgiam e se fortaleciam no processo de urbanização, não era de menor importância a possibilidade, percebida pelas lideranças da hierarquia eclesial, do surgimento de um foco de poder concorrente dentro da Instituição. Embora não era o único, este era um dos receios e do pouco entusiasmo que a criação de um

¹¹ Ver a este respeito: BRUNEAU, T. Fundação: integração entre Igreja e Estado. In: _____. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. / HOONAERT, E. *A formação do catolicismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1974.

partido católico despertava entre os bispos no Brasil durante todo o período republicano e posterior.¹²

Resumindo, o que se apresentou até agora, entendemos que os três movimentos apontados, ou seja, a estrangeirização de parte do clero nacional, a reaproximação com o Estado Vargas e a participação leiga, apresentavam elementos de oportunidade, no sentido de estruturação da Instituição, porém igualmente abriam possibilidades de criação de um ambiente problemático e com tendências muitas vezes contraditórias em relação aos rumos que a Instituição havia traçado.

Nesse ponto que gostaríamos de apontar para as especificidades da década de 1950. Pois foi exatamente nesse momento que a capacidade de desarmar os elementos ameaçadores e negativos das tendências apontadas, e, ao mesmo tempo, reforçar as dimensões positivas, tornaram-se decisivas no sentido de consolidação da instituição no Brasil moderno.

* * *

Duas questões de fundo perpassam e ao mesmo tempo orientam o presente trabalho de pesquisa. Decorrem da temática e do objeto escolhido. Acreditamos ser importante explicitá-los desde já, mesmo que de maneira muito sucinta, pois entendemos que tiveram um papel importante na efetiva função analítica no decorrer da pesquisa, na interpretação proposta e organização do material. Primeiramente, o problema da posição e papel dos intelectuais leigos dentro da estrutura e dinâmica da Instituição Igreja Católica no Brasil.

Discutimos acima a questão dos leigos em geral, mas devemos destacar a importância de um tipo especial de leigos, a saber, os intelectuais católicos. Depois, a questão da criação de instrumentos de comunicação social, sobretudo, jornais e revistas, capazes de veicular com eficácia as propostas da Igreja para todo o país.

O que se especifica aqui é a categoria de leigos com os quais a instituição Igreja Católica procurou se aproximar e estabelecer um verdadeiro programa de ação, ou seja, os intelectuais católicos. Grupo esse que de fato, junto com lideranças expressivas da hierarquia eclesial, desempenharam

¹² BEOZZO, J. O. A Igreja entre a revolução de 1930: o Estado Novo e a Redemocratização, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986. p. 302-304.

efetivamente aquilo que se espera dos chamados “intelectuais orgânicos”¹³, ou seja, grupo capaz de se constituir enquanto fonte e suporte de um projeto que vai além das fronteiras institucionais e visa conformar a sociedade como um todo. Mas grupo capaz igualmente de construir a coesão das funções e instituições que representam. Rigorosamente o sentido empregado por Gramsci é um pouco diferente e não se refere àquele tipo de intelectual que se dedica profundamente a uma causa e por isso seria “orgânico” à causa. Logo no início de seu “*Os intelectuais e a organização da cultura*” (1982), coloca o seguinte:

“Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político”¹⁴.

Alguns pontos podem ser destacados. Em primeiro lugar o intelectual orgânico tem sua origem no grupo que vai servir. Segundo, o grupo deve possuir uma função essencial na estrutura econômica, função essa que é a condição de sua homogeneidade. Por fim, esse caráter essencial e sua homogeneidade deve ser explicitada e tornada consciente pelo trabalho do intelectual orgânico. Somente a partir daí é que se torna possível a elaboração de projeto abrangente de sociedade que vai além da mera dimensão econômica¹⁵.

Nesse sentido, seria equivocado falar em intelectuais orgânicos da Igreja, uma vez que se trata de uma Instituição e não de um grupo social essencial. Poderíamos então falar, quando muito, de porta-vozes. De qualquer maneira, extrapolando Gramsci, seguiremos aqui a seguinte formulação:

“Um grupo é ‘essencial’, e pode ter intelectuais orgânicos, desde que exerça uma influência ponderável sobre a dinâmica global da sociedade e possua ou possa alcançar certa coesão. Essa coesão, por sua vez, pode decorrer de uma função, como no caso do Exército ou da Igreja”¹⁶.

¹³ GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

¹⁴ GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 03.

¹⁵ Aproveitamos aqui a leitura e interpretação de Michel Debrun. Ver: DEBRUM, M. *Intelectuais orgânicos, intelectuais tradicionais*. IN: _____. *A conciliação e outras estratégias*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 94-104.

¹⁶ DEBRUM, M. *Intelectuais orgânicos, intelectuais tradicionais*. IN: _____. *A conciliação e outras estratégias*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 94.

A importância que os intelectuais, reunidos no Centro Dom Vital e participando ativamente da elaboração da revista *A Ordem*, tiveram num determinado momento da trajetória da Igreja Católica, torna pertinente a recolocação do problema dos intelectuais orgânicos da igreja no Brasil. Porém o problema dos intelectuais nesse momento da história da sociedade brasileira, extrapola o âmbito da Igreja Católica.

Duas grandes linhas de interpretação se organizaram em torno da temática das relações entre cultura, intelectuais e política. De um lado a ideia de que os intelectuais constituíram um grupo relativamente independente e passaram a participar da vida nacional orientados por um “sentido de missão”, sem vínculos imediatos com interesses econômicos e sociais específicos¹⁷.

De outro lado, a visão de que os intelectuais definiram todo um conjunto de estratégias no sentido de manter seu prestígio social e capacidade de influência a partir de sua proximidade com o poder e as autoridades dirigentes¹⁸. Na análise das posições de alguns intelectuais que escreveram e publicaram na revista *A Ordem*, conforme veremos, pode-se verificar uma certa oscilação entre uma posição e outra. Isso já foi percebido por outros pesquisadores¹⁹.

Estreitamente ligado à questão dos intelectuais, está o problema da organização dos meios de comunicação social católica no projeto de “restauração católica”. Na *Pastoral Coletiva dos Bispos do Brasil* de 1890, a principal liderança dos Bispos brasileiros no momento, Dom Antonio Macedo Costa, já defendia com ênfase a importância da organização de uma imprensa confessional, capaz de veicular um posicionamento crítico e coerente com os princípios do catolicismo, frente às novas orientações implementadas pelo regime republicano: a não confessionalidade do Estado, a liberdade religiosa e o laicismo na educação, por exemplo²⁰.

A partir dessa Pastoral, todo um conjunto de iniciativas foram lançadas, nem todas com êxito. Mas o objetivo estava claro, ou seja, a necessidade de ampliação de jornais e revistas católicas para transformar a imprensa num meio

¹⁷ PÉCAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

¹⁸ Ver principalmente: MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979. / MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁹ RODRIGUES, C. M. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 23-99.

²⁰ Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro. In: RODRIGUES, Anna Maria M. (org). *A Igreja na República*. Brasília: Ed. Unb, 1981, pp. 17-58.

efetivo de interferir nos debates públicos e formar uma opinião pública favorável ao papel da Igreja e da religião católica na estruturação e dinâmica da sociedade brasileira moderna. Esse tema foi objeto de vários estudos e apenas a título de exemplo podemos lembrar os de Veloso (1978), Cordi (1984), Dias (1996), Beired (1999) e Almeida (2002)²¹.

* * *

O conjunto de questões e tendências apontadas acima representam, sobretudo, linhas de força decisivas que informam o contexto mais geral de nossa pesquisa e nossas preocupações mais de fundo. Entendemos que a documentação produzida pela revista *A Ordem*, nas várias etapas, constituem uma rica fonte de informação para discutirmos este conjunto de temas. Mesmo lembrando a impossibilidade de esgotarmos qualquer um deles.

²¹ VELLOSO, M. P. *A Ordem: Uma Revista de Doutrinação, Política e Cultura Católica*. *Revista de Ciência Política*, v. 21, nº. 3, p. 117-159, 1978. / CORDI, C. *O tradicionalismo República Velha*. 1984. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro/RJ. / DIAS, R. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996. / BEIRED, J. L. B. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Loyola, 1999. / ALMEIDA, C. A. *Meios de comunicação católicos na construção de uma ordem autoritária 1907-1937*. 2002. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo.

CAPÍTULO 1

Estado laico, Nação católica:

A Igreja Católica no Brasil em meados do século XX

Neste primeiro capítulo buscou-se desenvolver uma reconstituição do contexto histórico brasileiro em meados do século XX, assim como uma análise de quão influentes e decisórias foram as mudanças na política nacional para com a Igreja Católica e, ainda, como esta Instituição se reorganizou no período republicano e orientou seu relacionamento com o Estado e a sociedade civil. Não pretendemos aqui realizar uma reconstituição exaustiva, mas destacar alguns aspectos centrais do período, no sentido de definir os princípios organizadores dessa trajetória.

Através da explanação da conjuntura histórica, serão apresentados alguns dos elementos estruturantes desta pesquisa, tais como o Centro Dom Vital, a participação dos intelectuais leigos e a criação de um órgão de comunicação social que foi a revista *A Ordem*. Esta última configurara-se como o objeto de estudo do presente trabalho. Pretende-se, sobretudo, desenvolver uma caracterização global da temática e do objeto de pesquisa, articulado com os problemas de fundo definidos anteriormente, a saber, o problema do lugar e função dos leigos na nova ordem institucional que emerge a partir dos anos de 1920; a questão dos intelectuais e o problema dos mecanismos de comunicação social que a instituição lança mão nesse momento, no sentido tornar mais efetiva sua inserção na dinâmica mais geral da sociedade brasileira.

A clareza destes assuntos é de considerável relevância para o entendimento das problemáticas - históricas e religiosas - presentes ao ambiente das produções dos intelectuais leigos ao longo do século XX. Sendo assim, a pertinência deste capítulo é computada na medida em que fornece as bases históricas e conceituais para o estudo desenvolvido ao longo deste trabalho.

1.1. Instituição Religiosa: de uma defesa da “neocristandade” às novidades do “reformismo”

Os acontecimentos que exerceram influência nas questões religiosas e, sobretudo, delinearam os novos rumos da Igreja Católica ao longo do século XX, são desdobramentos de profundas transformações políticas ocorridas na sociedade brasileira nos primeiros anos do novo século.

Para tanto, se faz necessário retornar brevemente ao momento em que o regime republicano é proclamado no Brasil (1889) e, diante destes movimentos iniciais, maior atenção será dada a nova Constituição do país, promulgada em 1891, a qual, entre outras esferas, exerceu forte influência nos rumos do catolicismo no Brasil.

O Brasil, desde o início de seu processo de colonização, não apenas recebeu missões de determinadas ordens religiosas, mas teve na presença ativa da Igreja um de seus elementos estruturantes. Considerando a complexidade dos fatos, a historiografia moderna sobre o período colonial, mesmo aquela voltada para o entendimento da dimensão mais econômico-social e política, considerou que o projeto colonial, além dos interesses expansionistas do Estado Metropolitano, e os atrativos de acumulação do capital comercial, enfatizou também o papel central do projeto religioso de expansão da cristandade, sobretudo, após os movimentos reformistas protestantes eclodirem na Europa.

A mensagem cristã esteve fortemente vinculada à cultura da colonial, sendo esta aliança entre a Instituição religiosa, o Estado e a sociedade, o que caracterizou o período da chamada “Cristandade”²². Modelo de organização e atuação da Igreja caracterizada, entre outros pontos, pela ambição de abrangência da Instituição em todo território. A presença física da Igreja cobrindo todo o espaço colonial. Pela pretensão de envolver todos os setores e grupos da sociedade com a mesma religião, garantindo efetivamente o monopólio religioso. Como desdobramento disso, a fusão Igreja e sociedade. Toda vida social deveria ser permeada pelas regras estabelecidas pela Igreja. Tendo como condição

²² AZZI, R. A Igreja e o Estado no Brasil: um enfoque histórico. *Revista Perspectiva Teológica*, nº. 29 a 31, p. 7-11, 1981. Para Azzi o modelo da Cristandade esteve presente na América Portuguesa de 1500 a 1759, quando este entra em um período de crise e que teve sua superação coincidindo com a divulgação das ideias de Romanização, a partir de 1840.

básica a integração Igreja-Estado, baseado na premissa de que a estrutura forma o indivíduo²³.

Mesmo após a Independência política, o catolicismo continuou preponderante, foi legitimado como religião oficial do Império e amparado pela Constituição de 1824²⁴. Condição esta que foi legalmente alterada somente no contexto da República, quando ocorre a separação efetiva entre Igreja e Estado²⁵. E é deste momento em diante que estudaremos com maiores detalhes, uma vez que, contribuem para o entendimento de questões centrais deste trabalho, tais como a emergência da intelectualidade leiga, pioneira e articuladora de um projeto católico de acordo com a mentalidade predominante na época.

Os desdobramentos da oficial separação entre a Religião e o Estado configuram-se como uma situação ambígua. Se por um lado, o catolicismo perdeu o seu status de religião oficial da nação e com ele todo o amparo estatal, Riolando Azzi completa dizendo que “[...] desta forma, a Igreja perdia os privilégios que gozara durante quase quatro séculos”²⁶.

Olhando de outra perspectiva, a ruptura da Igreja com o Estado proporcionou a emancipação da tutela do regime de padroado, o qual impossibilitava o desenvolvimento de uma autonomia por parte da hierarquia eclesiástica e limitava consideravelmente sua atuação, uma vez que suas decisões dependiam de uma autorização prévia da Coroa, e até mesmo os regimentos vindos da cúria romana passavam pelo filtro do Estado.

Thomas Bruneau ao comentar sobre esta situação cita a Carta Pastoral de março de 1890, escrita em decorrência do episódio da Questão Religiosa, na qual para descrever a ação do regime de padroado, os bispos utilizaram a

²³ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

²⁴ Constituição Política do Império do Brasil (De 25 de março de 1824). Art. 5. “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. (grafia segue conforme o original).

²⁵ Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (24 de fevereiro de 1891). Art. 72. § 7º Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União, ou o dos Estados. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. (grafia segue conforme o original).

²⁶ AZZI, R. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. p.40.

expressão “*proteção que nos abafava*”, e ainda conferem a este sistema a responsabilidade por um “*atrofiamento quasi completo [da Igreja]*”²⁷.

O cenário político-religioso do Império do Brasil caracterizava-se por esta subordinação da Igreja ao Estado, e há algum tempo uma parte significativa do episcopado, sobretudo, os que atuavam nas áreas urbanas, já se manifestavam descontentes das interferências do poder temporal em questões religiosas, além de que almejavam uma aproximação maior com o Vaticano²⁸. De acordo com Antonio Villaça, a República trouxe liberdade ao catolicismo, liberdade que nunca conseguiu antes²⁹.

O novo contexto impulsionou a Igreja a buscar alternativas para prosseguir sua missão e se expandir³⁰. Foi necessário repensar-se enquanto Instituição, reestruturar sua administração interna. Somente para citar alguns exemplos, na tradição do padroado era a monarquia que nomeava os párocos e bispos, fundava paróquias, dioceses, era a responsável pela remuneração do clero e pela construção de novas Igrejas³¹.

Este panorama registra brevemente os principais obstáculos enfrentados pela Igreja Católica no início da república e sinaliza um novo momento da História da Igreja no Brasil. O historiador brasileiro Scott Mainwaring em seu livro “A Igreja Católica e a Política no Brasil” traz uma importante contribuição teórica para o entendimento da trajetória da Igreja ao longo do século XX. Mainwaring divide o período de 1916 a 1985 em quatro momentos que se configuram como “modelos”, os quais são classificados conforme o posicionamento da Igreja frente aos acontecimentos políticos de seu tempo³².

De acordo com a análise de Mainwaring este período da trajetória da Igreja Católica pode ser dividido cronologicamente da seguinte maneira: de 1916

²⁷ BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 63. Grafia segue conforme original.

²⁸ O regime de padroado impedia uma aproximação mais efetiva com as diretrizes do Vaticano, uma vez que a presença mediadora da Coroa era constante e preponderante. Ver: AZZI, R. A Igreja e o Estado no Brasil: um enfoque histórico. *Revista Perspectiva Teológica*, nº. 29 a 31, p. 8, 1981.

²⁹ VILLAÇA, A. C. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1975. p. 57.

³⁰ LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil República*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 19.

³¹ AZZI, R. A Igreja e o Estado no Brasil: um enfoque histórico. *Revista Perspectiva Teológica*, nº. 29 a 31, 1981. p. 8.

³² MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 11.

a 1955, a Igreja da Neocristandade; de 1955 a 1964, tem-se a chamada Igreja Reformista; no intervalo de 1964 a 1973, a ênfase é dada a uma Igreja Popular; e continua a periodização, considerando o intervalo de 1974 a 1982 como “desenvolvimento” da Igreja Popular, e os anos de 1982 a 1985 como o período do “declínio” deste modelo de Igreja³³.

1.1.1. Catolicismo no Brasil nos tempos da Neocristandade

O ano de 1916 ficou marcado pela famosa Carta Pastoral escrita por Dom Sebastião Leme³⁴ quando foi nomeado para o arcebispado de Olinda, a qual é considerada pela historiografia como o elemento que assinala uma nova etapa na história do catolicismo brasileiro. Antonio Villaça escreve que a carta tratava “[...] de uma advertência e um apelo”³⁵. Em seu texto, o arcebispo demarca alguns dos principais pontos de volubilidade da instituição e clama por uma reação da cristandade.

Na apreciação de um trecho:

Somos a maioria absoluta da nação. Direitos inconcussos nos assistem com relação à sociedade civil e política, de que somos a maioria. Defendê-los, reclamá-los, fazê-los acatados, é dever inalienável. E nós não o temos cumprido. Na verdade, os católicos, somos a maioria do Brasil e, no entanto, católicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política. Não é católica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os

³³ Ibid., loc. cit.

³⁴ Dom Leme foi o personagem de maior destaque na hierarquia católica brasileira no início do século XX. “[...]” Nasceu no município de Espírito Santo do Pinhal, atual Pinhal (SP), em 1882. [...] Em 1910, foi convidado pelo cardeal Joaquim Arcoverde para assumir o cargo de bispo-auxiliar do Rio de Janeiro. Em 1916, assumiu a arquidiocese de Olinda e Recife, em Pernambuco. Nessa época, desenvolveu um ativo trabalho de evangelização e passou a exigir do governo da República um tratamento especial para o catolicismo, que segundo ele não tinha reconhecida a sua posição de religião da maioria dos brasileiros. Em 1921, voltou ao Rio de Janeiro, agora como arcebispo coadjutor. Em 1922, apoiou Jackson de Figueiredo na criação do Centro Dom Vital, órgão voltado para o estudo e difusão do catolicismo. Sempre em busca de uma participação maior dos católicos na vida do país, fundou, ainda em 1922, a Confederação Católica, com o objetivo de melhor coordenar a ação dos leigos e das associações católicas. [...] Em julho de 1930, foi elevado a cardeal pelo papa Pio XI e, após a morte do cardeal Arcoverde, assumiu a arquidiocese do Rio de Janeiro [...]”. Para maiores informações, ver: Sebastião Leme. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/aeravargas1/biografias/sebastiao_leme>. Acesso em Nov/2014.

³⁵ VILLAÇA, A. C. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1975. p. 81.

depositários da autoridade. Leigos são as nossas escolas; leigo, o ensino. Na força armada da República, não se cuida da Religião³⁶.

Dom Leme alerta para a pouca representatividade dos católicos na sociedade brasileira, o que segundo sua concepção não poderia ser aceito, uma vez que a nação era formada majoritariamente por católicos. E esta fala é compartilhada por outros bispos, os quais também defendiam que as manifestações culturais e sociais, as leis brasileiras deveriam evidenciar a tradição e fé católica³⁷. Na carta é feita uma série de questionamentos sobre a atuação dos católicos e, de maneira bastante contundente, Dom Leme escreve: “Somos, pois, uma maioria ineficiente”.

Ainda no mesmo documento, ressalta as suas principais ideias de “recatolização” e seus objetivos, os quais são relatados no estudo de Mainwaring: “A Igreja precisa cristianizar as principais instituições sociais, desenvolver um quadro de intelectuais católicos e alinhar as práticas religiosas populares aos procedimentos ortodoxos”³⁸. Destaca-se deste pequeno trecho a preocupação em formar grupos de intelectuais, os quais seriam os responsáveis por influenciar o pensamento da população brasileira. De fato, estes intelectuais leigos tiveram participação crucial neste momento da trajetória da Igreja Católica no Brasil.

As ideias começam a serem discutidas no campo de atuação prática a partir dos anos 1920, quando iniciou um movimento entre parte da hierarquia eclesiástica buscando reafirmar o seu prestígio frente à sociedade brasileira. Momento em que estas aspirações conquistaram maior destaque, época em que a Igreja passou também a valorizar o elemento leigo e abriu espaços para sua atuação. O laicato, segundo Riolando Azzi, teria um papel importante na afirmação da presença católica nos meios políticos e sociais³⁹.

³⁶ LEME, S. Carta Pastoral a Olinda. IN: DIAS, R. B. *Deus e a pátria: Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - UFPB/João Pessoa. p. 201-202.

³⁷ AZZI, R. *A Neocrisandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. p. 29-30.

³⁸ MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. p. 41. / Ainda tomando como referência este mesmo autor, é importante ressaltar que este modelo de neocrisandade embora tenha apresentado característica num período anterior, foi apenas nos anos 1920 que se efetiva, e dos anos 1930 a 1945 que a neocrisandade atingirá seu ápice.

³⁹ AZZI, R. A Igreja e o Estado no Brasil: um enfoque histórico. *Revista Perspectiva Teológica*, nº. 29 a 31, p. 12, 1981.

Os nomes mais significativos deste momento foram Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima⁴⁰, ambos sob a orientação do Cardeal Leme⁴¹. A participação e relevância deste grupo de leigos serão estudadas mais adiante neste capítulo e nos seguintes.

Ao finalizar sua Carta Pastoral, escreve:

[O] católico não pode ser indiferente que a sua pátria seja ou não aliada de Jesus Cristo. Seria trair a Jesus; seria trair a pátria! Eis por que, com todas as energias de nossa alma de católicos e brasileiros, urge rompamos com o marasmo atrofante com que nos habituamos a ser uma maioria nominal, esquecida dos seus deveres, sem consciência dos seus direitos. É grande o mal, urgente é a cura. Tentá-lo – é obra de fé e ato de patriotismo⁴².

A "luta contra o mal" - expressão utilizada pelos conservadores para designar o combate ao comunismo, ao capitalismo exacerbado, as diversas denominações religiosas e, de maneira geral, todas as tendências, comportamentos e atos seculares de sua contemporaneidade, nesse contexto ainda vistos como uma ameaça ao catolicismo -, e a defesa de que a Igreja deveria catolicizar as demais instituições sociais para preservar o caráter cristão do país são algumas das características deste primeiro modelo, denominado "Igreja da Neocristandade" (1916-1955), de acordo com o já anunciado estudo de Scott Mainwaring.

Tal reação às transformações políticas e sociais do início do século XX também está presente na análise de Monica Velloso⁴³, e ainda Riolando Azzi escreve que a carta pastoral do arcebispo de Olinda projeta-se como base ao movimento de restauração cristã, fase esta em que a Igreja Católica adota um viés autoritário, afirmando-se diante ao contexto brasileiro⁴⁴.

⁴⁰ RODRIGUES, C. M. *Alceu Amoroso Lima: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica (1928-1946)*. Tese de doutorado, UNESP/Assis, 2006. p. 109-10.

⁴¹ Dentre os aspectos mais importantes do projeto lançado por Dom Leme estava a evangelização das elites, sobretudo dos intelectuais; entre outros. Ver: INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002): jubileu de ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 19.

⁴² LEME, S. Carta Pastoral a Olinda. IN: DIAS, Roberto Barros. *Deus e a pátria: Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930)*. Dissertação de Mestrado, UFPB/João Pessoa, 2008. (Dissertação de mestrado). p. 203.

⁴³ VELLOSO, M. P. A Ordem: Uma Revista de Doutrinação, Política e Cultura Católica. *Revista de Ciência Política*, vol. 21, nº 3, jul./set., 1978.

⁴⁴ AZZI, R. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. p. 24-25.

Em linhas gerais, este momento da neocristandade foi marcado pelos ideais de recatolicização do país, pelo teor conservador dos discursos, pelo anticomunismo. A partir desses anos, foram fundadas importantes instituições católicas que passaram contribuir na luta contra os desdobramentos da sociedade secular. Entre elas destaca-se a Liga Eleitoral Católica (LEC) que foi criada com a finalidade de orientar os eleitores segundo os interesses católicos; a Ação Católica (AC) considerada um dos pilares que apoiavam o clero na luta pela restauração do espírito de ordem e pela conquista do maior número de fiéis católicos.

Cabe ressaltar aqui que a articulação de um grupo de leigos levou, em 1921, a criação de uma revista de orientação católica, denominada *A Ordem*, e no ano seguinte, foi fundado o Centro Dom Vital, o qual foi “[...] *designado a reunir a intelectualidade católica na luta por maior influência da Igreja nas diretrizes políticas e sociais do país, visando sempre à salvaguarda dos interesses eclesiais*”⁴⁵. Estes dois órgãos receberão um estudo mais cuidadoso ao longo deste trabalho.

Pode-se argumentar dizendo que desde o início das discussões sobre a romanização do catolicismo até a década de 1950, a Igreja Católica entendia as questões de fé como um processo voltado principalmente para os assuntos internos e caráter devocional. Neste sentido o mundo moderno era visto como “maligno” uma vez que colocava em risco a fé devota e valorizavam questões seculares como poder e dinheiro⁴⁶.

Entretanto, não podemos deixar de considerar sobre a relação entre a Igreja e o mundo social e secular. O quadro apresentado pelos estudos existentes é caracterizado por um clero que se fechava frente às demandas do universo secular, mantendo-se limitado a práticas devocionais; não havia um projeto consistente de atuação social.

Até este momento as transformações da sociedade não eram vistas como parte de sua missão, mas ao contrário, como já foram citados alguns exemplos, as mudanças eram tidas apenas como elementos destruidores da tradição e dos bons costumes. Neste sentido, “a [...] *missão da Igreja era*

⁴⁵ AZZI, R. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. p. 28.

⁴⁶ MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 44.

*cristianizar a sociedade conquistando maiores espaços dentro das principais instituições e imbuindo todas as organizações sociais e práticas pessoais de um espírito católico*⁴⁷.

Este panorama que brevemente qualifica as primeiras décadas do século XX nos fornecem subsídios para o entendimento das mudanças de perspectiva e postura assumidas pela Igreja Católica na década de 1950, e eventualmente ressaltar os fatos de continuidade e ruptura.

1.1.2. Década de 1950: anúncio de novos rumos

Após aproximadamente três décadas, o modelo da neocristandade entra em crise, colocando em cheque as condutas até então defendidas. O desdobramento das tensões de meados do século XX foi decisório para a Igreja Católica, a qual paulatinamente mudou suas práticas e crenças na forma de se relacionar com a sociedade.

Riolando Azzi aponta para os primeiros sinais de uma mudança de óptica dentro da Igreja: *“Já nos anos 50, porém, começa a surgir uma tensão dentro da Igreja, sobretudo nos setores leigos mais diretamente vinculados à esfera política e social, como os membros da JOC e da JUC*⁴⁸. O contato com as novas possibilidades do mundo moderno gerou em alguns grupos um estranhamento em continuar difundindo as vertentes tradicionais.

Em outras palavras, estas incongruências nas linhas de pensamento surgem na medida em que enfrentaram dificuldades na divulgação dos ideais conservadores defendidos pela Igreja Católica. Aquele posicionamento voltado aos assuntos internos passa a ser também questionado e a abertura para o mundo social e seus problemas começa a ser pensada.

⁴⁷ Ibid. p. 45.

⁴⁸ AZZI, R. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. p. 28. / JOC - Juventude Operária Católica. No Brasil os primeiros grupos foram criados nos anos 1920, entretanto, conquistou maior representatividade no final da década de 1940. Ver: MATTOS, R. C. O. A Juventude Operária Católica. *Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 6, nº. 2, abr-jun/2009. / JUC - Juventude Universitária Católica foi uma associação cujo objetivo era difundir a fé católica no meio acadêmico, sua abrangência chegou a nível nacional ao longo dos anos 1950. Os membros da JUC frequentavam o Centro Dom Vital. Ver: SENA, L. G. Juventude Universitária Católica: Reflexões sobre uma experiência de vida cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 61, nº. 242, 2001.

Em meados do século XX, sobretudo após o fim do Estado Novo, a Igreja já não gozava da boa influência conquistada durante o governo Vargas; a educação religiosa nas escolas regulares, por exemplo, uma vitória legitimada pela Constituição de 1934, já não possuía tanta expressão⁴⁹. Torna-se mais frequente a competição com outras religiões pelo monopólio religioso, o grupo pentecostal representava ameaça crescente⁵⁰. Concomitantemente a todas estas questões, a sociedade no pós-guerra modernizava-se rapidamente. Diante de todas estas afirmações, o questionamento é: como continuar combatendo a secularização? Inaugura-se um descompasso entre os discursos contra a secularização e a realidade da sociedade brasileira.

Mainwaring destaca que *“por volta de 1945, o antimodernismo se tornara insustentável para uma instituição que tinha a pretensão de ser universal [...]”*⁵¹. A partir da emergência desta nova conjuntura econômica, política e social e, sobretudo, as implicações oriundas deste contexto estimularam um grupo dentro do clero a lutar por reformas na conduta e nas práticas sociais, passando a investir na missão pastoral.

Em escala mundial, após 1945, observou-se a derrota dos regimes totalitários; um impulso ao retorno do liberalismo; a expansão das ideologias socialistas/comunistas. No Brasil, Getúlio Vargas é deposto e o regime democrático é reinstaurado; surgem programas reformistas. E mais uma vez a Igreja buscou redefinir sua situação dentro da sociedade civil, suas relações com os novos grupos sociais no poder, conforme veremos a seguir⁵².

Em outro âmbito, o caráter autoritário ancorado na valorização da ordem e da disciplina, características da neocrisandade, teve que se alterar, tornando-se mais compatível aos governos democráticos de 1945-1964, além de atingir o mundo moderno com maior eficácia e, conseqüentemente, conquistar um maior número de fiéis.

Neste contexto, observou-se um rápido avanço na produção capitalista. Conforme o estudo de Thomas Bruneau, a partir de 1950 a economia brasileira

⁴⁹ MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 52-57.

⁵⁰ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 111.

⁵¹ MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 53.

⁵² BEOZZO, J. O. A Igreja entre a revolução de 1930: o Estado Novo e a Redemocratização, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986.

teve um crescimento grandioso, cujo avanço deu-se em virtude da prosperidade da indústria moderna no país. Somente para exemplificar com alguns dados: “a produção total da indústria, entre 1955 e 1961, cresceu num índice [...] de 80%, a indústria de aço cresceu 100%, as indústrias mecânicas, 125% [...] elétricas e de comunicação, 300%, e [...] equipamento de transporte [...] 600%”⁵³. Entre outros desdobramentos no campo social e econômico, uma das consequências foi o início da intensificação da urbanização no país, o qual era majoritariamente rural.

A vida nas cidades, acompanhada de um desenvolvimento crescente do capitalismo industrial, trouxe aos fiéis católicos uma dinâmica de vida diferente, caracterizada pela correria da rotina, apresentação constante de novas ciências, técnicas, novas ideologias e possibilidades. E para atender a este público heterogêneo que é composto por operários, estudantes universitários e funcionários em geral, os quais devidamente politizados reivindicam seus direitos, a Igreja teve que considerar os anseios populares e readequar a sua maneira de atuar⁵⁴.

Esta grande modernização da sociedade como um todo, colocou em questionamento as formas de influência pregadas pela Igreja Católica, as quais se encontravam em considerável descompasso frente à situação das esferas seculares no pós-guerra. Em suma, o modelo de Igreja na neocristandade estava ameaçado, a proposta de cristianizar todas as instituições, já não se sustentava mais.

Aquele modelo estruturado a partir de uma sociedade em que a religião é parte fundamental da cultura cotidiana (cristandade); e que muitos dos seus mecanismos utilizados para desenvolver e divulgar a mensagem religiosa estavam apoiados no Estado, dificilmente conseguiria vitórias frente às novidades e opções do mundo contemporâneo. Sendo assim, o rompimento com antiga concepção de mundo foi necessário para dar continuidade a sua missão evangelizadora.

Entretanto, Bruneau considerando esta situação, alertou que: “o que falta são os elementos decisivos de engajamento pessoal, recursos autônomos, e

⁵³ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 103.

⁵⁴ PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, P. F. C. Igreja Católica: 1945 – 1970, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986. p. 355.

*uma instituição eficiente que pudesse atuar por si mesma*⁵⁵. Mesmo com as mudanças do início do século, a Igreja ainda não tinha conquistado plena autonomia para com as suas questões.

À medida que a onda de secularização se alastrava pela sociedade, modificava também o modo de viver dos cristãos, e em meados dos anos 1950 torna-se impossível continuar com a mesma mentalidade. Utilizando-se da periodização de Mainwaring, a Igreja passava do seu modelo de neocristandade para uma vertente *reformista*, uma nova forma de se portar frente às necessidades e implicações da contemporaneidade.

Além desta aceleração na modernização da sociedade, outros fatores também geravam preocupações dentro da Igreja, e estes novos desafios, cada qual dependendo de sua natureza, marcaram presença dentre os embates enfrentados no âmbito interno ou externo ao campo religioso.

A partir dos anos 1950 observou-se um aumento expressivo no número de protestantes, sendo o grupo pentecostal o mais expressivo. Na análise de Thomas Bruneau: *“os pentecostais representavam 9,5% de todos os protestantes em 1930; em 1958 tinham aumentado para 55% [...]”*⁵⁶. Geograficamente este avanço acontece, sobretudo, nos grandes centros urbanos, pois esta doutrina religiosa melhor se encaixou aos anseios dos grupos sociais contemporâneos.

Nas palavras de Giumbelli sobre o culto protestante, e mais especificamente sobre a vertente pentecostal: destaca-se *“[...] o dinamismo e as inovações [...] marcada pela afirmação da atualidade da ação do Espírito Santo, o que resultava em cultos mais emotivos e espontâneos e em ênfase sobre a ocorrência de milagres”*⁵⁷.

E não apenas os protestantes que se colocavam como um obstáculo ao monopólio do catolicismo, paralelamente, também ocorreu um considerável crescimento de grupos espíritas.

A década de 1950 inaugura um marco na trajetória de Chico Xavier, em cuja época já tinha se consolidado como grande escritor e passa a investir na construção de uma personalidade mais atenciosa. Tornou-se notável através de suas ações de assistência social e defesa da caridade que o médium oferecia

⁵⁵ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 107.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 111.

⁵⁷ GIUMBELLI, E. Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações da pluralidade. *Plura: Revista de Estudos de Religião*, vol. 3, nº. 1, p. 86, 2012.

consolo às pessoas e comunicava-se de modo comovente e popular. O seu atendimento mobilizou caravanas⁵⁸.

Estes grupos cresciam na medida em que as bases de influência da igreja católica eram pouco flexíveis para abranger o novo contexto, uma vez que possuíam um direcionamento de carácter sacramental. Bruneau assinala que esta perda de espaço se deu porque ao invés de pensar em mecanismos de evangelização, a Igreja Católica se apoiou em instrumentos políticos, uma velha herança dos tempos da Cristandade⁵⁹.

Outro fator que conquistou maior espaço na sociedade pós II Guerra Mundial, e que conseqüentemente também influenciou a Igreja neste momento de reflexão da sua própria conduta, foi à expansão do partido Comunista. A difusão do comunismo era visto como um sinal da derrocada dos valores tradicionais cristãos. Mainwaring salienta que da década de 1930 até o golpe militar (1964), os comunistas eram encarados como uma das maiores preocupações da Igreja⁶⁰.

Mais do que a crítica ao capitalismo exacerbado e a inversão de valores que este sugere, colocando em primeiro plano os bens materiais/seculares e, conseqüentemente, deixando de lado a importância dos bens espirituais e assinalando um riso à promoção da fé católica. Os pensadores católicos concentraram também energias na análise/julgamento de outra corrente presente na modernidade: o socialismo. E foi no contexto pós-guerra que estes escritos se intensificaram, ocupando lugares de destaque nos pronunciamentos da Igreja e dos leigos católicos⁶¹.

Somando-se ao avanço da industrialização e expansão da ideologia socialista, a questão agrária também se constitui como uma ameaça. A Liga Camponesa de 1950 anunciou os novos olhares para questões antigas: fome, miséria, em resumo, as condições precárias da população mais pobre. Vale ressaltar que a Liga era apoiada em ideais socialistas, o que por sua vez preocupava o clero católico.

⁵⁸ Ibid. p. 89.

⁵⁹ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 114-115.

⁶⁰ MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 56.

⁶¹ PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, P. F. C. Igreja Católica: 1945 – 1970, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986. p. 347-353.

Entre os anos 1950 e 1964, a questão agrária conquistou destaque nas discussões políticas do período, e isso ocorreu em resposta à articulação política da população mais pobre localizada no nordeste do país. A ala reformista do clero passou a apoiar a reforma agrária. Em uma rápida cronologia dos acontecimentos: em 1950, foi divulgado o primeiro texto que discutia estes impasses, no ano seguinte, três bispos nordestinos escreveram um documento denunciando o problema da terra e a situação dos camponeses. E em 1953, já eram vários os bispos nordestinos que defendiam a reforma agrária⁶².

Frente às estas lutas e ameaças contemporâneas a década de 1950, a Igreja viu-se obrigada a reagir. Para Antonio Flávio Pierucci, a Igreja Católica no Brasil ao longo dos anos 1940, encontrava-se evidenciada em práticas e modelos “envelhecidos”. Nas palavras do próprio autor: “*Até os anos 50, a problemática que dominava os pronunciamentos [...] da Igreja católica no Brasil era uma problemática apologética, de autodefesa [...]*”⁶³.

Pierucci confere a esta postura, a explicação que depois que Dom Sebastião Leme faleceu (1942), os bispos ficaram sem uma liderança expressiva e influente nos campos político e religioso. Emerson Giumbelli salientou que a Igreja Católica sentiu muito a perda do grande líder, cuja participação foi crucial no processo de restauração de relações e alianças com o Estado, e na afirmação da Igreja Católica sobre a sociedade civil⁶⁴.

Em finais da década de 40, um padre cearense que morava no Rio de Janeiro vinha se destacando nos meios eclesiásticos. Pe. Hélder Camara foi cogitado pelo cardeal Dom Jaime Camara para ser bispo auxiliar no Rio de Janeiro, e em 1947 foi nomeado assistente eclesiástico da Ação Católica Brasileira (ACB). No ano seguinte, foi convidado pelo Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carlo Chiarlo, para ser Conselheiro da Nunciatura⁶⁵.

⁶² MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 72-73. / A título de conhecimento, o primeiro documento em apoio à reforma agrária foi escrito por Dom Inocêncio Engelke, bispo de Campanha/MG, datado de setembro de 1950. Neste discurso, o bispo criticou as condições pelas quais viviam os camponeses no país.

⁶³ PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, P. F. C. *Igreja Católica: 1945 – 1970*, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986. p. 354.

⁶⁴ GIUMBELLI, E. Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações da pluralidade. *Plura: Revista de Estudos de Religião*, vol. 3, nº. 1, p. 79-96, 2012.

⁶⁵ RAMPON, I. A. *Paulo VI e Dom Helder Camara: exemplo de uma amizade espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 21.

Estas nomeações anunciaram uma oportunidade para Helder Camara, o qual via nelas a oportunidade de lutar por seu projeto de unir os bispos do Brasil e criar um órgão que fosse capaz de diagnosticar e analisar os problemas da sociedade.

No ano de 1950, Hélder Camara foi encaminhado para Roma para expor sua proposta ao subsecretário do Papa Pio XII, Monsenhor Giovanni Batista Montini⁶⁶. Camara entregou a Montini o primeiro esboço da Assembleia dos Bispos do Brasil, e este se comprometeu em apoiar⁶⁷.

Um tempo depois chegou à autorização para a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cuja inauguração oficial ocorreu no dia 14 de outubro de 1952, na cidade do Rio de Janeiro. Símbolo da união efetiva dos bispos do Brasil em um órgão que os auxiliassem a delimitar a missão da Igreja frente às questões da modernidade⁶⁸. Vale ressaltar que neste mesmo ano Hélder Camara foi nomeado bispo e passou a integrar a CNBB⁶⁹.

De acordo com a análise de Christian Schallenmueller, a CNBB representou um avanço na organização de um direcionamento político da Igreja, a qual antes era dependente de figuras específicas com, o já mencionado, Dom Sebastião Leme. Confere que a partir da sua fundação *“a Igreja Católica brasileira ficou mais coesa, podendo definir com clareza e unidade seus objetivos e princípios políticos e sociais perante a sociedade”*⁷⁰.

E foi ao longo dos anos 1950 que as práticas pastorais se desenvolveram e ganharam destaque. As camadas sociais deixaram as zonas periféricas do pensamento e passaram a ocupar espaços de considerada importância nos debates e ações do clero nacional. Bruneau traz uma

⁶⁶ Futuro Papa Paulo VI (1963-1978). RAMPON, I. A. *Paulo VI e Dom Helder Camara: exemplo de uma amizade espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2014.

⁶⁷ RAMPON, I. A. *Paulo VI e Dom Helder Camara: exemplo de uma amizade espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 19-33. Ver também: BASTOS DE ÁVILA, F. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 104-5.

⁶⁸ PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, P. F. C. *Igreja Católica: 1945 – 1970*, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986. p. 354-355.

⁶⁹ SCHALLENMÜELLER, C. J. *Tradição e Profecia: o pensamento político da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e seu contexto social e intelectual (1952-1964)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 65.

⁷⁰ Ibid. p. 9.

contribuição positiva quando, em poucas palavras, escreve que a Igreja Católica mudou as suas estratégias de influência⁷¹.

Conforme já foi assinalado, nos campos político, econômico e social, tem-se a industrialização, a urbanização, as questões ao entorno da reforma agrária, entre outros. No campo religioso, observou-se o considerável crescimento das Igrejas Protestantes, sobretudo, as pentecostais; o número de pessoas que passaram a procurar os centros espíritas também aumentou; além da religiosidade afro-brasileira.

Seria muito simplista afirmar que um único fator influenciou decisivamente na mudança de conduta da Igreja, mas todos estes acontecimentos elucidam alguns dos desafios encontrados pela Igreja Católica no contexto da modernidade, cada qual com a sua especificidade contribuí para a Igreja de fato mudar a sua concepção de atuação no mundo e construir uma nova maneira de “ver” a sociedade⁷². Era a emergência de um modelo “reformista”, para utilizar a mesma nomenclatura adotada no início deste capítulo.

Segundo Pierucci, foi à assimilação e a identificação das ameaças que provocaram uma reação na Igreja Católica a ponto de transformar as suas antigas bases de influência e atuação na sociedade⁷³.

Esta transformação na sua consciência de mundo, fez com que o clero olhasse para os problemas sociais como parte da missão da Igreja, criando uma mentalidade mais atenta às conjunturas sociais. Houve uma modernização nas formas de atuação na sociedade, as camadas populares tornam-se alvos de suas ações. Pierucci em seu estudo qualifica os anos 1950 como sendo de uma importância crucial para Igreja Católica no Brasil⁷⁴. De modo complementar, é válido ressaltar o estudo de Bruneau que apresenta esta mesma década como sendo a mais expressiva na elaboração de uma ideologia de mudança social⁷⁵.

Em conclusão, este panorama exemplifica alguns dos principais embates enfrentados pela Igreja Católica dentro e fora do campo religioso, os

⁷¹ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 99.

⁷² MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 55.

⁷³ PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, P. F. C. *Igreja Católica: 1945 – 1970*, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986. p. 355.

⁷⁴ *Ibid.* p. 366.

⁷⁵ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 150.

quais ilustram o contexto geral de produção dos artigos da revista *A Ordem* (objeto de estudo propriamente dito). Assim como o breve retorno às problemáticas dos anos 1920, é de considerável importância para estudarmos os condicionantes que levaram a fundação do Centro do Vital e o lançamento da Revista *A Ordem*.

1.2. O surgimento da Revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital

Conforme já apresentado, juntamente com o nascer do século XX, surgiram inúmeras transformações para Igreja Católica no Brasil, a qual viu a necessidade de uma reestruturação de sua administração interna. E, sobretudo, foi um período em que a Igreja por meio de seu projeto de recatolicização tentou de muitas formas dominar o ensino, a políticas entre outras esferas e instituições.

O grande marco, já primeiros anos do século XX, foi a Carta Pastoral de Dom Leme, a qual propunha a luta contra os males da modernidade e ainda alertava para falha no campo da representatividade dos católicos na sociedade brasileira e da necessidade da união dos católicos em defesa dos preceitos de sua religião, entre outros levantamentos. Este mesmo documento assinala o início de um modelo de Igreja denominado neocristandade, sobre o qual algumas considerações já foram anunciadas no tópico anterior.

É circundado por este contexto que um grupo de intelectuais leigos, inspirados pelos ideais do arcebispo Dom Sebastião Leme e liderados por Jackson de Figueiredo, funda a revista *A Ordem*, no mês de agosto de 1921, na capital da república⁷⁶.

A Ordem nasceu da necessidade de se ter um meio de expressão e divulgação do ideário do grupo. Aparece em cena num momento em que o catolicismo brasileiro contemplava um quadro de baixíssima produção intelectual leiga sobre a Igreja Católica. É importante ser ressaltado que até a segunda década deste século, a grande maioria dos intelectuais brasileiros estava associada a correntes positivistas ou evolucionistas, as quais foram fortemente recusadas pelos católicos. A Igreja carecia de uma frente intelectual atuante. Francisco Iglésias, ao considerar o quadro nacional, que em número contava com

⁷⁶ RODRIGUES, C. M. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 138.

uma relevante maioria católica, escreveu: “a inteligência nacional não é católica: se não é hostil à Igreja, é-lhe indiferente”⁷⁷.

É interessante observar que próprio nome do periódico evoca a bandeira levantada por Jackson de Figueiredo, a qual coloca a ordem proporcionada pela religião como a solução para a anarquia vigente⁷⁸.

A revista foi bem aceita entre os fiéis católicos e aprovada pelos bispos, inclusive pelo próprio Dom Sebastião Leme⁷⁹. Em linhas gerais, representou a primeira manifestação intelectual leiga que passou a debater as questões e problemáticas enfrentadas pela Igreja Católica e, ainda, esta produção foi marcada por um forte teor de defesa dos princípios católicos.

A restauração católica dos anos 1920 baseou-se na tendência conservadora de seus líderes, num culto ao passado e a tradição, o qual era contrário a qualquer revolução ou evento da modernidade secular que colocasse em cheque os princípios cristãos católicos. De acordo com o estudo de Mônica Pimenta Velloso, a frequente retomada do passado pode ser abarcada a partir do significado concedido pelo grupo de leigos, que é o de “criador de valor”, sendo assim, este passado não deve apenas ser salvo do esquecimento, mas também vivido no presente⁸⁰.

E foi com esta visão que Jackson de Figueiredo se impôs socialmente e conseguiu agrupar vários intelectuais sob o mesmo pensamento, pelo menos nos primeiros anos⁸¹.

De acordo com Candido Moreira Rodrigues, a revista pode ser vista como um dos principais mecanismos de atuação da Igreja naquele período, responsável para divulgação das propostas de reordenação do país aos moldes cristãos católicos. Esta imagem era mantida também na medida em que os intelectuais que compunham seu corpo de colaboradores propagavam a ideia de que eles eram os únicos a propor soluções e novos rumos ao país⁸².

⁷⁷ IGLESIAS, F. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p.132.

⁷⁸ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital. *A Ordem*, vol. LVIII, nº. 5, 1957. p. 60.

⁷⁹ AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 98-99.

⁸⁰ VELLOSO, M. P. A Ordem: Uma Revista de Doutrinação, Política e Cultura Católica. *Revista de Ciência Política*, vol. 21, nº. 3, 1978. p. 157.

⁸¹ SALEM T. Do Centro Dom Vital a universidade católica. IN: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982.

⁸² RODRIGUES, C. M. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 16.

No ano seguinte do lançamento da revista, em abril de 1922, também sob a liderança de Jackson de Figueiredo, e apoio de um grupo de intelectuais, entre eles: Hamilton Nogueira, Jonatas Serrano e Perilo Gomes⁸³, foi fundado o Centro Dom Vital⁸⁴, o qual além do corpo de leigos, alguns anos depois passaram contar também com o apoio eclesiástico do Padre Leonel Franca⁸⁵.

A finalidade inicial foi a de criar uma biblioteca católica e também funcionar como uma editora de livros católicos em geral. Os intelectuais d'A Ordem eram os mesmos que atuavam no Centro Dom Vital, e o que movia este grupo (nos anos iniciais) era um objetivo em comum: o ideal de contribuir para a recatolicização do Brasil.⁸⁶

Nas palavras de Sobral Pinto⁸⁷: *“O Centro D. Vital apareceu, então, no horizonte do pensamento cultural da comunidade nacional, exatamente para reagir contra essa degradação espiritual da nossa terra e da nossa gente”*⁸⁸. Este pequeno trecho traz indícios relevantes sobre a visão dos intelectuais no momento da fundação do Centro, deixando seus objetivos de combate a tudo que pudesse corromper os princípios católicos.

Com passar dos anos, o Centro foi ganhando mais adeptos e conquistando maior expressão, tornando-se um importante núcleo de debates entre a intelectualidade católica leiga e membros do clero. O estudo feito por

⁸³ *Hamilton Nogueira* (1897-1981). Médico de profissão, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1918. Trabalhou um tempo em Minas Gerais, voltando para o Rio de Janeiro ingressou-se no Hospital Pedro II, onde permaneceu por vinte anos. Foi também professor universitário, livre-docente a partir de 1929. Concomitantemente, conheceu Jackson de Figueiredo, o qual foi responsável por seu engajamento no grupo de intelectuais católicos que estava se formando, inclusive foi um dos colaboradores na fundação do Centro Dom Vital. Ver: AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 73-79.

Jonatas Serrano (1885-1944). Formou-se em direito em 1907, mas seguiu carreira no magistério. Foi membro do Conselho Nacional de Educação, docente da Faculdade de Santa Úrsula. Nos anos 1920, tentou frequentar o Centro Dom Vital, mas suas ideias eram muito divergentes das defendidas por Jackson de Figueiredo. Voltou a colaborar com o Centro e com a revista *A Ordem* somente após a morte do fundador. Ver: *Ibid.* p. 115-118.

Perilo Gomes (1890-1952). Foi um colaborador direto na fundação do Centro Dom Vital e da Revista *A Ordem*, desempenhando função de secretário de ambos. Escreveu vários livros e foi um dos primeiros a encarar o projeto de Dom Leme de propagar o pensamento católico na sociedade em geral. Ver: *Ibid.* p. 105-106.

⁸⁴ O centro adotou este nome em memória e homenagem ao bispo de Olinda, Dom Vital, o qual foi protagonista nas lutas em defesa do catolicismo no final do século XIX.

⁸⁵ AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 42.

⁸⁶ *ibid.* p. 99.

⁸⁷ Sobral Pinto foi atraído ao Centro por intermédio de Jackson e nos anos 1930 foi um importante colaborador da Revista *A Ordem*, publicou diversas crônicas sobre a situação política do Brasil. Ver: AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 159.

⁸⁸ *A Ordem*, p. 196-172, 1981. Apud AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 94.

Monica Velloso contempla o Centro e a Revista como os anunciadores de um novo tempo cunhado na arregimentação e no fortalecimento do “elemento leigo” como uma força significativa⁸⁹.

Tanto o Centro, quanto a revista simbolizaram uma novidade no sentido de serem encabeçados por leigos. E foi em torno do Centro Dom Vital que emergiu nos anos 1920, um dos grupos de intelectuais leigos católicos mais influentes na História da América Latina. Na caracterização de Mainwaring, o centro foi “*um instituto católico pequeno, mas de grande influência no desenvolvimento da Igreja e na política*”⁹⁰.

Nos primeiros anos a revista e o Centro estiveram sob a liderança de Jackson de Figueiredo, o qual era também seu presidente. De acordo com Wellington Teodoro da Silva, durante este período a revista possuía um perfil religioso e político, ou seja, direcionada à formação religiosa e à argumentação de combate a qualquer manifestação revolucionária.⁹¹

Quando seu percurso foi inesperadamente interrompido, sobre este episódio, Hamilton Nogueira, intelectual contemporâneo de Jackson, escreveu:

“faleceu aos 37 anos, no dia 4 de novembro de 1928, num domingo radioso [...] Jackson fora passear em companhia de seu filho Luis, então com 9 anos, e de Rômulo. Ao lançar a linha com o anzol, escorregou e caiu ao mar. Era dia de ressaca. Jackson lutou até ser vencido pela impetuosidade da correnteza. Exausto, não podia mais lutar. Seu filho e Rômulo viram-no fazer o sinal da cruz e desaparecer”⁹².

Após a morte de Jackson, Alceu Amoroso Lima foi procurado por Perilo Gomes e Hamilton Nogueira para assumir a presidência d’A Ordem e do Centro Dom Vital.

Em um estudo da trajetória inicial, os anos iniciais deste periódico podem ser divididos em duas fases, a primeira delas é que vai de 1921 a 1928, em que a revista foi dirigida por Jackson de Figueiredo, e a segunda após sua morte, Alceu Amoroso Lima, também conhecido por seu pseudônimo Tristão de

⁸⁹ VELLOSO, M. P. A Ordem: Uma Revista de Doutrinação, Política e Cultura Católica. *Revista de Ciência Política*, vol. 21, nº. 3, 1978. p. 121.

⁹⁰ MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 46.

⁹¹ SILVA, W. T. Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro *História Revista*, v. 13, n. 2, p. 541-563, jul./dez. 2008. p.557.

⁹² A Ordem, 1983, p. 69-71. Apud AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 50-51.

Athayde, assume a Revista e o Centro Dom Vital por um longo período (1928 - 1964).

Sobre este novo período que se inicia, no dia 26 de fevereiro de 1929, o arcebispo Sebastião Leme escreveu a seguinte consideração, a qual foi publicada na Revista A Ordem:

“Ao ingressar no seu oitavo anno de existencia, ‘A Ordem’ inicia igualmente uma nova phase transformando-se em órgão exclusivo de cultura catholica. Seu novo director Tristão de Athayde (Dr. Alceu Amoroso Lima) é uma das mais altas affirmações de intelligencia e de cultura da moderna geração de escriptores brasileiros e um devotado combatente das hostes de Jesus Christo”.⁹³

Cabe ressaltar, conforme já anunciado por Dom Leme, as mudanças não se restringem apenas a figura do editor, mas a abordagem geral da revista, ou seja, propiciando mudanças em seu perfil. Passou-se de um viés doutrinal político-religioso e conservador, para dar uma ênfase maior nas questões sociais, culturais e religiosas⁹⁴.

Durante o período da Neocristandade, a revista tinha como meta contribuir para recatolicizar e reordenar o país nos os moldes cristãos. O próprio nome da revista evoca a ordem almejada e em contraposição à anarquia que, segundo sua visão, se alastrava. Sendo assim, deixavam bem claro nas páginas deste periódico os inimigos que deveriam ser combatidos: o liberalismo, o comunismo e o protestantismo. O título da revista também evoca outra dimensão importante. Remete-nos para a questão central que nesse momento mobilizava o mundo católico no Brasil. A questão que se colocava aponta para a centralidade do problema do catolicismo enquanto organização, autoridade e poder. Ou seja, o que estava em jogo eram as possibilidades e os desafios que se colocavam para o aspecto institucional da religião. Sua capacidade de estruturação e controle da hierarquia clerical, a administração eficaz dos rituais, cultos e doutrinas, a consolidação da fé católica em termos de adesões, compromissos e práticas, o

⁹³ LEME, S. Em torno da Ordem. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 1 (Nova Série), nº 1-2 Especial, p. 384, 1929. Obs.: para esta e demais transcrições da Revista A Ordem: a grafia segue conforme o original.

⁹⁴ VELLOSO, M. P. *A Ordem: Uma Revista de Doutrinação, Política e Cultura Católica*. *Revista de Ciência Política*, V. 21, nº 3, jul./set, p. 119, 1978. / Ver também: RODRIGUES, C. M. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 137; e AZZI, R. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. P. 132.

enquadramento das religiosidades como instrumento de fortalecimento da fé e consolidação da instituição.

Grandes mudanças no direcionamento da revista podem ser observadas na década de 1940, mais precisamente após a deposição do presidente Vargas, em 1945, uma vez que a partir deste momento o cenário político do Brasil sofreu intensas modificações.

De acordo com a análise de Riolando Azzi, os católicos leigos que na segunda década do século XX lutaram contra as tendências da modernidade, denunciando os perigos das ideologias do mundo secular, ao longo dos anos 1940, passaram a ganhar espaço elaborando um pensamento fundado na “liberdade” e princípios democráticos. A intelectualidade católica, impulsionada pelo novo contexto histórico, percebeu a necessidade de uma articulação entre a fé devocional e a vida social. A incorporação das problemáticas sociais tornaram-se mais frequentes em seus discursos e ações.⁹⁵

Deve-se ressaltar ainda que a participação dos leigos foi ao mesmo tempo decisiva para o processo de afirmação institucional da Igreja naquele momento, mas expressava fragilidades dessa mesma institucionalização. Sem dúvida, um aspecto importante para a compreensão da história da Igreja Católica no Brasil, neste momento, é justamente o modo como a hierarquia eclesial foi estabelecendo estratégias de consolidação de uma instância de poder própria, que definisse as bases de relacionamento com a Igreja em Roma, com o Estado e com a comunidade cristã aqui no Brasil. Num primeiro momento, a presença de líderes marcados por uma capacidade pessoal excepcional de articulação foi fundamental. A figura de Dom Leme foi o melhor exemplo disso. Mas também é visível que essas lideranças lograram êxito no sentido de criarem formas institucionais sólidas de comando, como foi o caso da criação da CNBB.

Mesmo depois destes grandes expoentes históricos, a revista e o Centro continuaram suas atividades. Sendo que o outro momento que caracteriza o periódico transcorre desde 1974 até os dias atuais, têm-se os seguintes destaques: Eduardo Prado de Mendonça foi presidente do Centro de 1967 a 1971; Heráclito Sobral Pinto assumiu em seguida e ficou até 1991; desta data até 2001, a direção ficou nas mãos de Tarcísio Padilha; e num curto período de 2011

⁹⁵ AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 77-78.

a 2013, Luiz Paulo Horta foi o grande representante. No ano de 2014, Carlos Frederico Calvet da Silveira assumiu a direção do Centro e continua até o momento⁹⁶.

A relevância histórica e religiosa de abordá-la como objeto de estudo estabelece-se justamente neste sentido de ter sido pioneira nos estudos sobre os assuntos religiosos a partir da perspectiva de um leigo católico ou convertido. E conforme salienta Monica Velloso, a revista lida pelos pesquisadores como um núcleo de difusão dos ideais de um grupo, fornece elementos para a análise das especificidades do momento em que os textos foram produzidos⁹⁷.

Ainda pertinente à proposta de imersão na temática no contexto histórico geral e as problemáticas do objeto de estudo, os quais se configuram como objetivos deste capítulo; também é importante dedicar um pouco de atenção a duas personalidades marcantes, cujos nomes já foram mencionados em diversos momentos. São eles: Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima.

1.2.1. Intelectuais d'A Ordem

1.2.1.1. Jackson de Figueiredo

Jackson de Figueiredo foi o grande líder e fundador do Centro Dom Vital e da Revista A Ordem. De linha conservadora, foi o grande defensor dos ideais de recatolicização do Brasil. Iglésias avalia, em seus estudos, a personalidade de Jackson de Figueiredo como divisor de águas na história do catolicismo no Brasil⁹⁸.

Um jornalista nascido em Aracajú que após concluir seu curso jurídico, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde teve contato com Farias Brito, o qual em contraposição a corrente de maior preponderância no início da república - o positivismo -, critica as explicações baseadas no materialismo, e tenta desenvolver uma nova matriz filosófica cunhada no espiritualismo⁹⁹.

⁹⁶ Presidentes do CDV. Disponível em: <<http://centrodomvital.com.br/page/2/>>. Acesso em 26 de janeiro de 2015.

⁹⁷ VELLOSO, M. P. A Ordem: Uma Revista de Doutrinação, Política e Cultura Católica. *Revista de Ciência Política*, vol. 21, nº 3, jul./set., 1978. p. 118.

⁹⁸ IGLESIAS, F. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 110.

⁹⁹ AZZI, R. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. p. 106.

As leituras das obras de Brito foi o primeiro contato de Jackson com o catolicismo romano¹⁰⁰, sua forma de concepção do mundo modificou, sentiu-se motivado a desbravar um mundo espiritual. A retratação destas novas vivências aparece expressa em um dos textos de Jackson:

“Não escondo a exaltação religiosa do meu pensamento de três anos para cá. Se é possível, classificar-me, eu mesmo o faço, pondo-me ao lado dos chamados místicos, descrentes da razão e de todos os experimentalismos. Sou um ser crepuscular, atormentado por uma dúvida infinita e, ao mesmo tempo, crente”.¹⁰¹

O resultado das motivações e reflexões foi que nos idos do ano de 1917, se converte ao catolicismo. Mas foi, sobretudo, em 1921 quando se encontrou com Dom Leme, que iniciou sua batalha na divulgação do catolicismo e na evangelização¹⁰². Vale lembrar que a Carta Pastoral de Dom Leme, escrita alguns anos antes, exerceu grande influência nas atitudes de Jackson¹⁰³. Foi o idealizador e fundador da revista *A Ordem* e do *Centro Dom Vital*, conforme já explicado no item anterior. Paralelamente a estes acontecimentos, inicia também uma profícua troca de cartas com Alceu Amoroso Lima.

Jackson de Figueiredo, conhecido por sua mentalidade conservadora, afirmava ser um antimodernista, o dinamismo de sua contemporaneidade era visto como uma ameaça à pregação católica. Defendia o princípio da autoridade; e desejava criar uma nova ordenação social e política no Brasil, embasada no catolicismo, pois em sua visão, somente ele oferece as balizas para sustentação da sociedade. Ao longo de sua jornada, manteve-se sempre fiel e pronto para o “combate” em nome da Igreja. Alguns dos seus maiores inimigos eram o liberalismo e o socialismo¹⁰⁴.

Seu pensamento também é marcado pelo culto nostálgico a elementos de um passado ideal. Sendo assim, a sua proposta é a de restauração destes

¹⁰⁰ PINHEIRO FILHO, F. A. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. *Tempo Social revista sociológica da USP*, vol. 19, nº. 1, 2007. p 37.

¹⁰¹ FIGUEIREDO, J. *Farias Brito, ensaios*. Rio de Janeiro, 1961. p. 61. Apud AZZI, R. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. p. 108.

¹⁰² SALEM T. Do Centro Dom Vital a universidade católica. IN: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982.

¹⁰³ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v LVIII, nº. 5, p. 57, 1957.

¹⁰⁴ SILVA, W. T. Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro *História Revista*, v. 13, n. 2, p.555-6, 2008.

momentos que remetam a ordem e a tradição¹⁰⁵. Vale lembrar que a concepção de mundo presente em suas obras possui sempre um cunho espiritual e religioso.

A luta pela causa católica, encabeçada por Jackson de Figueiredo, é marcada pelo anseio de reafirmação do catolicismo na sociedade brasileira. Sendo considerado mais tarde por aqueles que se dedicaram a estudar a sua trajetória de vida e obra como um eminente líder na defesa dos princípios católicos e da ordem social conservadora, além de sua incisiva presença no plano político¹⁰⁶.

Assim como Jackson foi influenciado por suas leituras, ele também entusiasmou uma considerável gama de intelectuais que frequentavam as mesmas reuniões na cidade do Rio de Janeiro, ou que correspondiam com ele por meio de cartas.

“Na realidade, Jackson não era um inovador em termos de pensamento católico no Brasil; sua importância deriva da força com que defendeu e difundiu estas ideias. Conseguiu aglutinar ao seu redor um pequeno, mas significativo grupo de intelectuais, ampliado progressivamente pelos amigos e discípulos. Jackson apenas expressou com mais veemência a orientação conservadora e antiliberal que marcara a Igreja Católica desde meados do século XIX”¹⁰⁷.

Um dos grandes legados de Jackson foi conseguir reunir um grupo de intelectuais com ideais congruentes e em defesa dos princípios católicos e da reafirmação da Igreja Católica na sociedade brasileira. E mais do que isso, além de vários livros publicados, conseguiu fundar um centro de debates e estudos atrelados a Igreja Católica, e uma revista para expressar as afirmações, os pensamentos e os embates enfrentados por este grupo.

A herança deixada por Jackson é lembrada por Dom Sebastião Leme em um artigo, o qual foi publicado pouco tempo depois da morte do líder intelectual, em um número especial da revista *A Ordem*. Nas palavras de Dom Leme: “*Fez discípulos e deixa imitadores. Para citar veteranos do Centro Dom*

¹⁰⁵ Ibid., loc. cit.

¹⁰⁶ VILLAÇA, A. C. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1975. / AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.

¹⁰⁷ AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.p. 45.

*Vital, bastaria o nome de Tristão de Athayde. É valor que só por si immortaliza a influencia espiritual de Jackson de Figueiredo*¹⁰⁸.

Considerando a relevância de Jackson, Mainwaring o descreve como uma figura de destaque durante o período de restauração, que se portou fortemente ativo desde a sua conversão no ano de 1918 até sua morte, dez anos mais tarde¹⁰⁹.

1.2.1.2. Alceu Amoroso Lima

Alceu Amoroso Lima nasceu no Rio de Janeiro, concluiu o curso superior em 1913, e durante sua juventude pôde ir algumas vezes para a Europa, frequentando cursos e estabelecendo contato com outros escritores como, por exemplo, José Pereira da Graça Aranha, o qual incentivou a formar no Brasil algum grupo que tivesse como público alvo a intelectualidade jovem.

Bacharel em ciências jurídicas de formação, trabalhou alguns anos na fábrica de tecidos da família, e após um convite para colaborar em um jornal da cidade, com apenas 25 anos, iniciou suas atividades como crítico literário, adotando o pseudônimo Tristão de Athayde, para assim não confundir a atividade literária com a industrial. Não se restringiu apenas as páginas de *O Jornal*, “*escreveu muitos artigos no Jornal do Brasil e na Folha de S. Paulo, realizou programas formativos na rádio Nove de Julho [...]*”¹¹⁰, por um longo período de 1947 a 1966, contribuiu com o *Diário de Notícias*, com a coluna dominical “*Letras e Problemas Universais*”¹¹¹.

Iniciou-se um profícuo diálogo entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo. Inúmeras cartas foram trocadas entre 1919 e 1928¹¹². No início os

¹⁰⁸ LEME, S. Jackson de Figueiredo. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. 1 (Nova Série), nº 1-2 Especial, p. 118, 1929.

¹⁰⁹ MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 46.

¹¹⁰ GONÇALVES, P. S. L. *Questões Contemporâneas de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 97.

¹¹¹ VILLAÇA, A. C. Alceu Amoroso Lima: do agnosticismo ao catolicismo militante. *IN: PAIN, A. F. Alceu Amoroso Lima (1893-1983): Bibliografia e Estudos Críticos*. Salvador: CDPB, 1987. p. 30.

¹¹² As cartas originais encontram-se na Academia Brasileira de Letras. Posteriormente as 244 cartas trocas entre Jackson e Alceu foram agrupadas e publicadas em dois tomos: *Correspondência entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo*. Tomos I; II. Rio de Janeiro: ABL, 1995. Ver também: LEONIDIO, A. *Notas de pesquisa sobre a correspondência entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo (1919-1928)*. *Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 4, nº. 1, 2007.

debates eram sobre questões políticas, posteriormente as correspondências receberam outra entonação, as discussões de cunho religioso conquistaram considerável relevância entre os assuntos tratados. Estes diálogos, além de estreitar os laços de amizade, também impulsionaram Alceu a se dedicar a leitura de textos de filósofos e pensadores católicos, entre eles o francês Jacques Maritain.

Alceu se converteu ao catolicismo em 1928, recebendo sua primeira Comunhão das mãos do Padre Leonel Franca, alguns meses antes da morte do amigo. E foi na ocasião deste acontecimento inesperado, que naquele mesmo ano assumiu a presidência do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*¹¹³.

Além de suas atividades na revista e no Centro (1928-1968), Alceu Amoroso, em 1929, fundou a Ação Universitária Católica (AUC), cuja proposta era disseminar os preceitos católicos no ambiente acadêmico¹¹⁴; apoiou à formação da Liga Eleitoral Católica (LEC) e a pedido de Dom Sebastião Leme, redigiu o texto base que arregimentou a Liga¹¹⁵. E ainda foi o presidente da Ação Católica Brasileira por dez anos, iniciados na data de sua fundação, em 1935¹¹⁶.

Ao longo de sua trajetória intelectual, Alceu foi extremamente ativo, atuou como professor e reitor da Universidade do Distrito Federal/RJ, esteve nos Estados Unidos e na França, onde também lecionou. E ainda, “[...] foi membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Ciências Morais, do Instituto de França e da Pontifícia Comissão Justiça e Paz do Vaticano, além de ter dirigido o Departamento de Cultura da União Pan-americana”¹¹⁷

Em comemoração ao seu 70º aniversário, diversos artigos foram publicados n’*A Ordem* engrandecendo e elencando características da atuação de Alceu:

“Atinge Alceu Amoroso Lima os setenta não, um dos homens mais discutidos dêste país, como sociólogo, humanista, crítico literário e sobretudo pensador e líder católico. Mestre de várias gerações, através dos livros, dos jornais e da cátedra [...] êsse homem Admirável conseguiu até hoje manter, não obstante, a unidade evangélica de suas múltiplas atividades, fruto de sua volta à Igreja, há mais de trinta anos”¹¹⁸

¹¹³ AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.p. 194-200.

¹¹⁴ *Ibid.* p.13-14.

¹¹⁵ *Ibid.*p. 25.

¹¹⁶ VILLAÇA, A. C. Alceu Amoroso Lima: do agnosticismo ao catolicismo militante. *IN: PAIN, A. F. Alceu Amoroso Lima (1893-1983): Bibliografia e Estudos Críticos*. Salvador: CDPB, 1987. p. 31.

¹¹⁷ GONÇALVES, P. S. L. *Questões Contemporâneas de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 97.

¹¹⁸ HARGREAVEN, H. J. Alceu Amoroso Lima. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LXX, nº 2, p. 31, 1963.

Os anos 1940 são dotados de um ambiente com indícios mais progressistas. Conforme a análise de Mainwaring, Alceu inspirado pela leitura das obras dos franceses Jacques Maritain e Emmanuel Mounier¹¹⁹, deixa para trás seu posicionamento autoritário e consagra-se como um dos grandes destaques da doutrina social da Igreja¹²⁰.

O historiador e professor mineiro, João Camillo Torres escreveu em 1963:

“[...] foi Jacque Maritain [...] que deu a AAL a maturidade de sua vocação de pensador. [...] Maritain deu-lhe ensejo de realizar plenamente seu pensamento e forneceu-lhe os elementos para descobrir todas as dimensões de seu largo espírito [...] Abriu-lhe novos horizontes e mostrou-lhe a Humanidade.”¹²¹

Este breve panorama de sua atuação deixam importantes vestígios da relevância de sua personalidade para o período e para posterioridade.

1.3. Considerações

Ao longo deste capítulo buscou-se apresentar os principais eventos que marcaram a relação entre a Igreja e o Estado brasileiro em meados do século XX, sendo também trabalhado o contexto histórico de surgimento da Revista A Ordem e do Centro Dom Vital, traçando alguns detalhes da atuação de seus principais líderes.

¹¹⁹ Jacques Maritain (1882-1927) nasceu em Paris, enquanto filósofo católico pode ser considerado um dos maiores destaques do século XX. A partir dos anos 1930 influenciou e inspirou os católicos brasileiros. Foi também embaixador da França junto à Santa Sé. No contexto da II Guerra Mundial, condenou os regimes totalitários; e escreveu sobre um “Humanismo Integral”, defendendo a ideia de que o ser humano deve ser visto em sua totalidade. Contudo, dentre todas as áreas, a espiritual é a que se sobressai. Ver: RODRIGUES, C. M. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 99-112.

Emmanuel Mounier (1905-1950), filósofo francês que se dedicou a escrever sobre o personalismo, sempre defendendo os direitos e a dignidade da pessoa humana, alerta para uma crise do catolicismo no mundo moderno. Suas obras também influenciaram os intelectuais brasileiros do século XX. Ver: SILVEIRA, C. R. A novidade do personalismo de Emmanuel Mounier. *Revista Theoria*, vol. 04, nº 10, 2012.

¹²⁰ MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

p. 46

¹²¹ TORRES, J. C. O. Continuidade e fidelidade. *A Ordem*, vol. LXX, nº 2, p. 26, 1963.

Para atingir tais objetivos, este texto foi dividido em dois momentos, a saber: (1) Instituição Religiosa: de uma defesa da neocristandade às novidades do reformismo; (2) O Centro Dom Vital e a Revista A Ordem.

No primeiro momento é ressaltada a conjuntura histórica e religiosa de duas fases da Igreja Católica no Brasil. O período da Neocristandade que tem seu início assinalado pela aclamação feita por Dom Sebastião Leme na Carta Pastoral de 1916, caracterizou-se pelos ideais de renúncia e combate as tendências da secularização, a todo o momento as buscas pela recatolicização da sociedade e das instituições fizeram parte do discurso proferido pela ala conservadora do clero e pelos intelectuais católicos leigos, cujo grande destaque nos primeiros anos foi Jackson de Figueiredo.

Entretanto, mudanças nesta forma de condução da postura da Igreja em relação à sociedade civil como um todo, passam ser observadas após o fim da II Guerra Mundial (1945), o qual é marcado por grande avanço na industrialização e urbanização, a reabertura para regimes democráticos, entre outros.

É importante ressaltar que o outro embate enfrentado pela Igreja Católica se deu no campo das lutas pelo monopólio religioso: as disputadas se davam na medida em que crescia consideravelmente o número de protestantes, e os grupos espíritas também foram conquistando contornos de maior destaque social.

Por outro lado, a rápida e constante modernização da sociedade colocou em xeque os ideais conservadores defendidos pela Igreja Católica. Inaugura-se um descompasso entre os discursos contra a secularização e a realidade da sociedade brasileira. Nesse âmbito, coloca-se como decisiva a crítica ao comunismo enquanto proposta de encaminhamento da questão social no Brasil, e a sistematização, a partir dos documentos elaborados pela Igreja desde o final do séc. XIX, de uma vertente do catolicismo social de intervenção.

A emergência de uma nova condição econômica, política, social e religiosa do país e os desdobramentos oriundos desta situação, estimularam um grupo dentro do clero a lutar por reformas na conduta da Igreja frente a estas questões e em suas práticas sociais, até que em meados dos anos 1950 tornou-se impraticável continuar com a mesma mentalidade. Em caráter de periodização teórica, a Igreja passava do seu modelo de neocristandade para uma vertente

denominada reformista, entre outros, marcada pelo desenvolvimento da missão pastoral.

A década de 1950 confere considerada importância na medida em que sedia a elaboração de uma ideologia de mudança social. No segundo momento do capítulo, tratou-se de situar o contexto de surgimento da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Ambos surgiram no ambiente conservador e combativo dos anos 1920, mas com passar dos anos e, sobretudo, após os anos 1940, o direcionamento de seus discursos vão paulatinamente adotando um viés mais liberal e social.

Ainda nesta seção do texto, são elencados alguns fatos importantes da vida de Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, bem como o apontamento da relevância destas duas personalidades para o discurso e ações da Igreja Católica ao longo do século XX.

A concluir, o capítulo nos fornece elementos de caráter histórico e teórico, que servirão de base para a análise que será desenvolvida nos próximos capítulos. Todo um conjunto de novos problemas que emergiram nos anos de 1950. A sociedade tende a se tornar mais complexa e desafiadora. Novos personagens e demandas se estruturam. Mas a própria Igreja encontra-se num momento de consolidação não mais dependente do Estado, mas enquanto organização da sociedade civil.

CAPÍTULO 2

Dividir ou Multiplicar:

O Centro Dom Vital no tempo de Alceu Amoroso Lima

Objetiva-se nesta seção reconstituir e analisar o papel do Centro Dom Vital na sociedade brasileira, no que tange ao projeto católico, verticalizando algumas das questões citadas no primeiro capítulo desta dissertação. De modo complementar, pensa-se assinalar quais as principais mudanças no posicionamento teórico e político nos anos em que foi coordenado por Alceu Amoroso Lima.

Cabe aqui explicitar que Alceu esteve à frente do Centro e da Revista por quarenta anos, de 1928 a 1968, porém a pretensão de estudo do presente capítulo, limita-se entre os anos 1930-1950. Anos que antecederam e, num certo sentido, prepararam as dinâmicas centrais que marcariam a vida do Centro Dom Vital nos anos de 1950 e início de 1960.

Partindo do pressuposto assinalado por Thomás Bruneau¹²² de que o Centro Dom Vital após seu apogeu (1920-1930) inicia uma fase de “decadência”, e a luz dos artigos publicados pelos intelectuais d’*A Ordem* são apresentados alguns questionamentos, tais como: em que medida pode-se entender este período como decadente? Quais os condicionantes para tal afirmação? Ou ainda, quais fatores são ponderados para classificar determinada fase como “decadente”?

Duas perspectivas diferentes podem ser levadas em consideração para traçar possíveis respostas às interrogativas lançadas. Tratou-se de uma *divisão* da atuação do apostolado leigo no campo da evangelização e da promoção da fé católica, uma vez que inúmeras instituições surgiram em cena ao longo da década de 1930 e posteriormente? Ou, em uma segunda hipótese, este mesmo quadro é mais bem visto da óptica da *multiplicação* de seus objetivos e focos de atuação, atingindo um raio evangelizador cada vez maior, chegando a nível nacional como, por exemplo, foi o caso da Ação Católica?

¹²² BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

2.1. Pensamento Católico Oficial

Antes de iniciar a discussões das questões que envolvem diretamente a ação do Centro Dom Vital, vê-se como necessário proporcionar uma visão mais global, ou uma visão “oficial” do que a Igreja Católica declarava como posicionamentos e alertas para a sociedade secular na primeira metade do século XX.

Alguns documentos papais inspiraram e definiram os princípios da atuação e da dedicação em questões sociais e no desenvolvimento do trabalho dos leigos.

É preciso retornar ao Pontificado de Leão XIII (1878-1903) para entender como a questão social, hoje tão difundida e comum, tornou-se presença viva nos discursos da Igreja Católica. Em 15 de maio de 1891, foi publicada a Encíclica *Rerum Novarum*, a qual representa um grande símbolo na trajetória do pensamento católico, atingindo todos os cristãos do mundo, uma vez que tratando das transformações pós Revolução Industrial, propôs novas formas de adaptação da Instituição no mundo secular e industrializado.

Frente às mudanças promovidas pela industrialização em diversos países, como a divisão da sociedade em dois grupos, um deles caracterizado pela posse de bens e capitais, e o outro cujos integrantes viviam na mais completa miséria. Para este contexto surgiram respostas em diversas esferas da sociedade. Protestos e rebeliões de cunho socialista como, por exemplo, o movimento cartista na Inglaterra (1837-1848). Entretanto, o mundo católico trouxe a tona o seu projeto social¹²³, marcando a diferença Leão XIII escreve que:

“Os socialistas, para curar este mal, instigam nos pobres o ódio invejoso contra os que possuem, e pretendem que toda a propriedade de bens particulares deve ser suprimida, que os bens dum indivíduo qualquer devem ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para - os municípios ou para o estado. [...] pelo contrário, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do estado e tender para a subversão completa do edifício social”¹²⁴.

¹²³ ZAGHENI, G. *A Idade Contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1999. p 189

¹²⁴ Leão XIII, *Rerum Novarum*, 1891.

Em outro trecho, afirmou “Assim, substituindo a providência paterna pela providência do Estado, os socialistas vão contra a justiça natural e quebram os laços da família”¹²⁵.

Durante seu pontificado, Leão XIII percebeu que a Igreja só continuaria com a sua preponderância no mundo moderno, se fizesse uma reforma na maneira de analisar a questão social. E mais ainda, era preciso afirmar, argumentar e persuadir que os ensinamentos cristãos estavam acima das demais ideologias existentes¹²⁶, e segundo o vocabulário da encíclica, estes seriam o “remédio” para os problemas sociais. Contudo vale lembrar que a postura defendida pelo clero não é a de luta, mas a de promoção de uma concórdia entre as classes sociais, e para exemplificar esta posição, cita-se aqui mais um trecho da *Rerum Novarum*:

“O primeiro princípio a pôr em evidência é que o homem deve aceitar com paciência a sua condição: é impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível. É, sem dúvida, isto o que desejam os Socialistas; mas contra a natureza todos os esforços são vãos. Foi ela, realmente, que estabeleceu entre os homens diferenças tão múltiplas como profundas; diferenças de inteligência, de talento, de habilidade, de saúde, de força; diferenças necessárias, de onde nasce espontaneamente a desigualdade das condições. Esta desigualdade, por outro lado, reverte em proveito de todos, tanto da sociedade como dos indivíduos; porque a vida social requer um organismo muito variado e funções muito diversas, e o que leva precisamente os homens a partilharem estas funções é, principalmente, a diferença das suas respectivas condições.”¹²⁷

E na sequência da carta encíclica são tratados outros desdobramentos desta temática, como: “Obrigações dos operários e dos patrões”; “Posse e uso das riquezas”; “Dignidade do trabalho”; “O quantitativo do salário dos operários”; “Benefícios das corporações”; entre outros.

Esta encíclica foi o marco inicial da doutrina social da igreja¹²⁸, Pio XI anos mais tarde, escreveu: “foi assim que à luz e sob o impulso da encíclica de Leão XIII nasceu uma verdadeira ciência social católica [...]”¹²⁹. De acordo com Guido Zagheni, este projeto de uma “Doutrina Social” apresentou-se como de

¹²⁵ Leão XIII, *Rerum Novarum*, 1891.

¹²⁶ SCHALLENMÜELLER, C. J. *Tradição e Profecia: o pensamento político da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e seu contexto social e intelectual (1952-1964)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 28

¹²⁷ Leão XIII. *Rerum Novarum*, 1891.

¹²⁸ ZAGHENI, G. *A Idade Contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1999. p 191

¹²⁹ Pio XI. *Quadragesimo Anno*, 1931.

extrema importância, uma vez que marcou presença e forneceu as bases para ação pastoral na Igreja no contexto da modernidade¹³⁰.

Esta carta promoveu uma releitura da sociedade contemporânea, bem como a participação da Igreja nesta, levando a um questionamento sobre a justiça social, sobre a classe operária, a qual foi alvo para movimentos posteriores.

Poucos anos depois da crise de 1929, que começou em decorrência da superprodução norte-americana, assolou duramente diversos Estados capitalistas e deixou consequências que foram sentidas por vários anos posteriores. Em meio a esta realidade, condenando o liberalismo e pensando na classe operária que o Papa Pio XI publicou a Encíclica *Quadragesimo Anno* (1931), a qual em comemoração aos quarenta anos da *Rerum Novarum*, reafirmou e aprofundou as ideias de Leão XIII¹³¹.

Nas palavras do Papa Pio XI:

“Conheceis, veneráveis Irmãos e amados Filhos, e sabeis perfeitamente a admirável doutrina, que tornou a encíclica ‘*Rerum novarum*’ digna de eterna memória. Nela o bom Pastor, condoído ao ver ‘a miserável e desgraçada condição, em que injustamente viviam’ tão grande parte dos homens, tomou animoso a defesa dos operários, que ‘as condições do tempo tinham entregado e abandonado indefesos à crueldade de patrões desumanos e à cobiça de uma concorrência desenfreada’. **Não pediu auxílio nem ao liberalismo nem ao socialismo**, pois que o primeiro se tinha mostrado de todo incapaz de resolver convenientemente a questão social, e o segundo propunha um remédio muito pior que o mal, que lançaria a sociedade em perigos mais funestos”¹³².

Em seu projeto constava a divulgação da Doutrina Social no meio sindical operário, e a Ação Católica seria o meio de preparação para que a população pudesse - munida de conhecimento cristão - reivindicar seus direitos nas diversas esferas da existência¹³³.

Vale lembrar que Pio XI foi considerado o Papa da Ação Católica, e foi durante o seu pontificado que a Igreja foi encorajada a fortalecer sua presença na sociedade, em detrimento de ideologias como o comunismo, liberalismo e totalitarismo, por exemplo.

¹³⁰ ZAGHENI, G. *A Idade Contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 189.

¹³¹ SCHALLENMÜELLER, C. J. *Tradição e Profecia: o pensamento político da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e seu contexto social e intelectual (1952-1964)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 30.

¹³² Pio XI. *Quadragesimo Anno*, 1931. Grifo nosso.

¹³³ MORAIS, M. B. *A Ação Social Católica: 1954-1964*. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo. p. 20-1;

O Papa Pio XI foi contrário a estes governos autoritários, os grandes causadores de guerras, assim como não aceitava os conflitos entre as classes sociais, os quais têm como gênese o individualismo liberal¹³⁴.

No Brasil, desde os anos 1920 Dom Leme e os intelectuais do Centro Dom Vital já vinham conquistando espaço entre os leigos, mas foi somente a partir da orientação do Papa Pio XI que o movimento de “Ação Católica” se tornou oficial¹³⁵.

2.2. Novos rumos do Centro Dom Vital

Com a morte inesperada de Jackson de Figueiredo, fundador e diretor do Centro e da revista *A Ordem*, Alceu Amoroso Lima foi designado para coordenar estes órgãos, os quais, segundo os escritos da época, foram fundamentais na formação de uma nova mentalidade cristã no Brasil. A nova administração trouxe novos ares, novos rumos e a continuidade do apoio e assistência de Dom Leme¹³⁶.

Entre os anos de 1957 e 1958, Alceu publicou n’*A Ordem* uma coletânea especial de doze artigos intitulada “*Notas para a história do Centro Dom Vital*”, cujo objetivo voltava-se não apenas para relembrar as principais ações, posturas e dificuldades do Centro, desde que o recebeu, oito dias após o acidente de Jackson, em 1928. Pretendia, sobretudo, realizar um balanço geral e uma reflexão no sentido de redefinir rumos e princípios de ação, num contexto que se apresentava como novo.

Para iniciar os escritos sobre a trajetória do Centro e algumas reminiscências pessoais sobre sua também nova fase como intelectual cristão católico, Alceu Amoroso Lima comenta sobre algumas personalidades que se destacaram e contribuíram com seu amadurecimento espiritual. Dom Leme é, também neste caso, o personagem de destaque. Alceu faz uma breve comparação: “*Se Jackson era o opôsto do meu próprio temperamento, senti no*

¹³⁴ MORAIS, M. B. *A Ação Social Católica: 1954-1964*. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo. p. 20-1;

¹³⁵ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 88.

¹³⁶ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de abril de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 6, p. 55, 1958.

*Cardeal, não o Pastor, ou o Príncipe da Igreja, nada disse. Senti o pai, o irmão, o amigo, o homem que punha Deus ao meu alcance*¹³⁷.

Alceu afirma que nunca negou sua missão, contudo também não deixa de assinalar a existência de receios. Neste mesmo texto, escreve que o Centro sempre enfrentou dificuldades para manter-se, mas se por ventura eles não tivessem contado com o apoio de Dom Leme, a caminhada seria ainda mais dura¹³⁸.

Embora Jackson tenha influenciado muito na conversão de Alceu, este último sempre deixou claro que não havia uma coerência entre as perspectivas e desejos de cada um. Sendo assim, inevitável seria que não houvesse mudança na linha defendida pelo Centro Dom Vital após a mudança de diretor.

No pensamento de Jackson de Figueiredo, as ações do Centro deveriam estar ligadas a uma *intenção política* e, neste âmbito, o seu papel seria o de defender o **princípio de autoridade**¹³⁹, algo tão característico daquele momento histórico¹⁴⁰ e dos ideais de Jackson, possuidor de uma posição considerada reacionária, não tolerando os eventos da modernidade e nem o liberalismo político. Segundo sua intenção, era preciso *“lutar contra a Desordem em todos os domínios”*¹⁴¹.

Porém, esta maneira de apresentar-se socialmente e orientar sua ação foram completamente reformulados sob a direção de Alceu, o qual confessa, em certa passagem de seu texto, que o **princípio de liberdade** era o mais coerente a ser defendido, dado tantos acontecimentos marcantes que o colocaram em xeque já início do século XX, como por exemplo, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa (1917)¹⁴².

Sob a nova orientação de Alceu Amoroso Lima, o Centro vai paulatinamente tomando novos rumos, inicialmente abandonando todos os vínculos políticos partidários e concentrando-se apenas no plano doutrinário,

¹³⁷ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital II. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº 5, p. 58, 1957.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 59.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 62.

¹⁴⁰ O Centro Dom Vital é fundado no mesmo ano em que é criado o Partido Comunista no Brasil. E no campo cultural, acontece a Semana de Arte Moderna. LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital III. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº 6, p. 37-38, 1957.

¹⁴¹ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital III. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº 6, p. 39, 1957. Esta passagem justifica mais uma vez a escolha do nome da revista.

¹⁴² LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital II. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº 5, p. 62-63, 1957.

visando interferir de maneira mais efetiva nos debates sobre os rumos da cultura brasileira¹⁴³.

Alceu deu continuidade às reuniões com os sócios do Centro, sempre às sextas-feiras. O grupo recebeu alguns novos adeptos, mas ainda continuava com poucos sócios. Estes encontros obedeciam a certo rigor, inclusive o folheto utilizado pelos membros recebia o nome de “A liturgia do Centro Dom Vital”, nele constava como elementos básicos: o Rosário, a recitação da Ladainha de Nossa Senhora e a Oração dos intelectuais¹⁴⁴.

Além da parte espiritual, nestas reuniões também se promoviam debates; liam-se os escritos, textos e cartas deixadas por Jackson de Figueiredo, por exemplo. Buscavam novas interpretações. Havia também um espaço para comentários sobre os autores que mais os influenciaram a se juntar a este grupo que colocava a religião católica como a grande mestra.

E foi através destas conversas que o espírito de *reação*, marcado pelas ideias de Jackson, foi dando espaço ao espírito de *renovação*, voltado para o futuro e não mais apenas mirando-se no passado.

Sobre esta nova concepção, escreveu Amoroso Lima: “*Viu-se então que os novos rumos do Centro tinham mesmo de ser no sentido de o libertar dos laços e rumos pragmáticos ou político-partidários, para cuidar mais de perto e de alto, da verdadeira restauração ontológica dos valores*”¹⁴⁵

Para Alceu era preciso libertar-se da esfera política, no que diz respeito a partidos e demais implicações, pois o verdadeiro sentido do Centro não era o de defender a restauração de uma ordem política, mas sim o de prezar por uma “instauração espiritual”. Foi para agir no campo espiritual que ele havia sido criado.

E esta revisão nos valores e objetivos, fez com o que o próprio conceito de “ordem” tão utilizado por Jackson fosse repensado e readequado por Alceu: “[...] a **Ordem** para nós só tinha um valor de **meio** e **não de fim**. Era uma lei, uma relação, um caminho, um método de ação, e não um objetivo a alcançar, uma

¹⁴³ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IV. A Ordem. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 63, 1958.

¹⁴⁴ Esta oração foi encomendada por Jackson de Figueiredo e escrita por Dom Leme. Ibid., p. 64.

¹⁴⁵ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IV. A Ordem. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 66, 1958.

*finalidade última a atingir*¹⁴⁶. Se num primeiro momento o termo *ordem* foi utilizado como o objetivo a ser alcançado mediante as ações daquele grupo, a conotação dada a esta mesma palavra nos tempos de Alceu foi invertida, sinalizando a maneira como devem caminhar as atividades do laicato católico.

Uma maior estabilidade se deu à medida que conseguiram alugar um espaço e estabelecer reuniões regulares. Inicialmente era uma saleta na Av. Rio Branco¹⁴⁷, depois mudaram para um sobrado um pouco maior, na esquina da Rua do Ouvidor. Com o objetivo era aprimorar as atuações desenvolvidas pelo Centro, Amoroso Lima arrisca dizer que estas atividades foram precursoras da Ação Católica oficial¹⁴⁸.

Quando mencionado que a atenção do Centro Dom Vital passou a direcionar-se para o futuro, isso estava relacionado à sua nova orientação, dedicando-se à geração jovem¹⁴⁹ e não mais consumindo energia em buscas por atuação política. Neste sentido, uma das primeiras iniciativas se deu no campo universitário¹⁵⁰, onde organizou-se “[...] como primeiro núcleo de irradiação do Centro Dom Vital, a ‘Ação Universitária Católica’, a A.U.C.”¹⁵¹, no ano de 1929.

Universitários dos cursos de direito, medicina e engenharia participavam de reuniões na sede do Centro Dom Vital. Este grupo, com o intuito de conquistar um maior número de adeptos, discutir e difundir suas ideias, fundou a sua própria revista, denominada “Vida”¹⁵². Cabe ressaltar ainda que no contexto dos anos 1930, o principal enfrentamento dos aucistas¹⁵³ foi os comunistas, os quais também conquistavam espaço no meio acadêmico¹⁵⁴.

Os membros do Centro estavam sempre em busca de ampliar seu espaço físico e de atuação, foi quando, em 1932, conseguiram se instalar no famoso casarão antigo da Praça 15¹⁵⁵, e foi neste local, onde permaneceram por

¹⁴⁶ Ibid., p. 68. Grifos conforme o original.

¹⁴⁷ Passaram poucos meses neste local, ano de 1929. Ibid., p. 68.

¹⁴⁸ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital V. A Ordem. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 2, p. 65, 1958.

¹⁴⁹ Nos termos da época, também chamada de mocidade.

¹⁵⁰ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital V. A Ordem. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 2, p. 65, 1958.

¹⁵¹ Ibid., p. 65.

¹⁵² Plano de Ação. *Vida Revista Universitária*. Rio de Janeiro, nº 1, ano 1, p. 1, 1934.

¹⁵³ Aucista é um termo utilizado na época, corresponde aos membros da A.U.C.

¹⁵⁴ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital V. A Ordem. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 2, p. 67, 1958.

¹⁵⁵ Famosa no sentido de que a casa foi historicamente diversas vezes ocupada. Inicialmente pelos frades carmelitas, nos fins do século XVI; quando a Família Real veio para o Brasil, esta foi

vinte anos, que o Centro passou por momentos de considerável expansão institucional¹⁵⁶.

Os anos iniciais da década de 1930 são lembrados por conta de seus diversos acontecimentos na esfera política, todavia, aqui nos concentraremos aos fatos que estiveram mais diretamente relacionados à trajetória do Centro Dom Vital propriamente dito. Assim sendo, o ano de 1932 traz mais uma novidade, que é a fundação do Instituto Católico de Estudos Superiores¹⁵⁷.

Com o apoio clerical, a ideia de oferecer cursos sobre temáticas religiosas e filosóficas como, por exemplo, o Tomismo¹⁵⁸, tornou-se realidade. E foi na presença de personalidades como Dr. Fernando de Magalhães, reitor da Universidade do Rio de Janeiro; Pe. Leonel Franca; Dom Sebastião Leme; Núncio Masella, que o Rio de Janeiro presenciava pela primeira vez cursos superiores nas áreas de teologia, filosofia e sociologia. Do ponto de vista dos objetivos relacionados à formação do leigo e disseminação cultural, este foi um grande salto¹⁵⁹.

Nesta oportunidade veio da Alemanha para o Brasil, em 1931, o monge beneditino D. Martinho Michler, o qual foi responsável pelas aulas sobre liturgia no Instituto, a partir de 1933. Cabe aqui ressaltar que este foi o primeiro curso de liturgia oferecido para leigos no Brasil¹⁶⁰.

Aconteceu neste mesmo ano um retiro para os jovens da AUC, no qual D. Matinho organizou um evento renovador em termos de liturgia, *“realizou a primeira missa versus populum (na qual o sacerdote está virado para a assembléia) do Brasil, bem como introduziu, objetivando o mesmo público*

a residência de D. Maria I; foi também sede do Instituto Histórico e da Sociedade de Geografia; abrigou durante um tempo a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. Ver: LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 3/4, p. 95-97, 1958.

¹⁵⁶ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 3/4, p. 94, 1958.

¹⁵⁷ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 5, p. 63, 1958.

¹⁵⁸ Doutrina filosófica ou teológica fundamentada nas ideias de São Tomás de Aquino.

¹⁵⁹ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 5, p. 63, 1958 / Em outra passagem, de data anterior, Amoroso Lima escreveu que o Instituto Católico de Estudos Superiores foi o “germen da futura Universidade Católica e outros movimentos como a A.B.C. (Associação das Bibliotecas Católicas) e a Livraria Anchieta”. Ver: LIMA, A. A. Discurso de abertura. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 14, 1957.

¹⁶⁰ ISNARD, Dom C. G. O papel de D. Martinho no movimento católico brasileiro. *A Ordem*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº. 12, p. 5-7, 1946.

*universitário, a celebração semanal da ‘missa dialogada’ no São Bento*¹⁶¹. E pouco a pouco este novo estilo foi aderindo mais adeptos entre as Dioceses do país, em São Paulo, por exemplo, os membros da JUC participaram de uma missa dialogada. Belo Horizonte, Uberaba, Belém do Pará também tiveram suas celebrações¹⁶².

O monge beneditino trouxe muitas novidades para o país, apesar da ala mais conservadora do catolicismo não aceitarem suas ideias¹⁶³, estas encontraram terreno para sucesso entre seus jovens alunos. A nova temática resultou na formação de um grupo denominado “Centro de Liturgia”, dentro da AUC, e em proporções ainda maiores iniciou-se o Movimento Litúrgico¹⁶⁴ em terras brasileiras¹⁶⁵.

Somente a título de complementação sobre a situação do Instituto, o qual tenha passado por dias de glória entre os anos 1930, na década seguinte, segundo afirmações publicadas pela própria revista *A Ordem*: “[...] o Instituto, apesar de ter conseguido sobreviver ao tempo, não tem hoje nem de longe a relevância que teve nos seus primeiros anos”¹⁶⁶, o autor continua argumentando que mesmo assim, o Instituto não pode deixar de ser considerado quando se é analisado o pensamento católico no Brasil.

Cabe ressaltar aqui, que não é pretensão desta pesquisa verticalizar a investigação sobre todas estas instituições citadas, mas de apresentar um panorama geral dos grupos que surgiram e se desenvolveram ao redor e/ou em conjunto com o Centro Dom Vital dos anos 1930 em diante, para assim possibilitar uma reflexão se este importante órgão de expressão do laicato católico multiplicou-se, ampliando (mesmo que temporariamente) seus raios de atuação; ou o que houve foi uma diminuição de sua relevância.

¹⁶¹ COSTA, M. T. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação* em Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Loyola, 2006. p. 144.

¹⁶² ISNARD, Dom C. G. O papel de D. Martinho no movimento católico brasileiro. *A Ordem*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº. 12, p. 10, 1946.

¹⁶³ COSTA, M. T. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação* em Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Loyola, 2006. p. 144-5.

¹⁶⁴ O Movimento Litúrgico pregava a necessidade de promover a participação ativa dos fiéis durante o culto oficial da Igreja Católica. Este movimento encontrou grandes dificuldades e resistências entre grupos clérigos e até leigos, uma vez que suas propostas abalavam o clericalismo presente há muitos anos. Ver: AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil*: ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 500-501.

¹⁶⁵ ISNARD, Dom C. G. O papel de D. Martinho no movimento católico brasileiro. *A Ordem*, Rio de Janeiro, ano XXVI, nº. 12, p. 8-9, 1946.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 6.

Ao continuar o estudo de sua atuação e posicionamentos, além das já mencionadas iniciativas, o Centro foi responsável também por organizar conferências mensais, com o Pe. Leonel Franca¹⁶⁷. Os assuntos discutidos variavam entre problemas familiares como o divórcio; vida sobrenatural; a temática sobre Psicologia da Fé também era bastante cogitada, comenta Alceu em sua coletânea de artigos publicada ao longo de um ano na revista *A Ordem*¹⁶⁸.

Na sala de entrada da sede do Centro, foi fundada a Livraria Anchieta, segundo as declarações da época foi criada para atender aos intelectuais com “bons livros” nacionais ou estrangeiros e, sobretudo, com livros que interessassem as discussões deste grupo¹⁶⁹. Em ambiente intelectual a boa leitura deve ser preservada, portanto ainda neste ramo, foi idealizada mais uma organização, a Associação de Bibliotecas Católicas (ABC), cujo objetivo era estimular a formação de bibliotecas de cunho católico, bem como oferecer livros e demais produções a estes estabelecimentos.

Ideias congruentes com as ações daqueles leigos, porém não conseguiram alcançar o âmbito prático em sua plenitude¹⁷⁰, não ultrapassando os limites do pequeno balcão de atendimento na sede do Centro D. Vital¹⁷¹.

Alceu Amoroso Lima arisca-se a uma breve avaliação deste período que o Centro esteve sobre sua administração: *“fico pensando no passo enorme que foi dado, de 1929 para cá, nesses trinta anos, pela recuperação de uma espiritualidade mais pura e mais forte e por uma prática religiosa mais efetiva”*¹⁷². Relembrando que estas palavras de Alceu remontam para o final da década de 1950.

Na sequência, diz que são nos momentos de crise que devemos lembrar-nos de todos os fatos já conquistados, pois assim não seria colocada em xeque toda a estrutura, fortificada entre seus altos e baixos. Assim o Centro D. Vital cresceu e se desenvolveu, passando dos aproximados cinquenta sócios em

¹⁶⁷ Leonel Franca foi uma personalidade de grande estima para os membros do Centro Dom Vital. *“Foi nosso grande conselheiro de todos os dias, como o foi o Cardeal Leme”*. Ver: LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 5, p. 63, 1958.

¹⁶⁸ *Ibid.*, loc. cit.

¹⁶⁹ Avanço lento, mas seguro. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 72, p. 273, 1936.

¹⁷⁰ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IX. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 1, p. 52, 1958.

¹⁷¹ ATHAYDE, T. *Colligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição*. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 58, p. 352, 1935.

¹⁷² LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VIII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 6, p. 40, 1958.

1928, quando Alceu Amoroso Lima assumiu a presidência, para mais de quinhentos membros filiados em meados da década de 1930¹⁷³. Além dos cursos e discussões intelectuais, os sócios do Centro buscaram fortalecer a espiritualidade também, a prática do retiro foi repetida anualmente¹⁷⁴.

No campo da atuação social, tivemos a Confederação Nacional de Operários Católicos, as quais estiveram à frente da contenção da ideologia comunista nos meios urbanos¹⁷⁵. Dentre as pretensões desta organização estava a formação de sindicatos católicos, procuradorias de trabalho, centros de assistência e, sobretudo, a fundação das chamadas “Casas do Operário”¹⁷⁶.

Além da Confederação, formaram-se também as Equipes Sociais, compostas pelos jovens da AUC, embora com decisões autônomas, as Equipes integravam aos quadros do Centro D. Vital. Definidas em uma publicação da revista *A Ordem* como: “*Circulo[s] de estudo, de amizade, de vida em commum entre estudantes e operários, estabelecem o contacto entre classes sociaes e permitem aos moços levar a esses meios, onde já se abandonou a escola pelo trabalho, a cultura [...]*”¹⁷⁷.

Segundo este mesmo artigo, esta é umas das atividades sociais de maior repercussão, no ano de 1935, por exemplo, já contava com doze núcleos de atuação no Rio de Janeiro.

Ao longo destes anos o Centro, juntamente com outras instituições católicas leigas, criou a Coligação Católica Brasileira, a qual vigorou até a oficialização da Ação Católica, no ano de 1935, a partir deste momento a AC passou arregimentar as instituições, sobre a qual falaremos mais adiante.

Após comentar sobre as mudanças e o aperfeiçoamento observado no campo social, intelectual e religioso dos membros e amigos¹⁷⁸ do Centro Dom Vital, faz-se necessário oferecer mais um momento de ênfase sobre a questão política. Conforme já mencionado, Alceu decidiu afastar o Centro de qualquer

¹⁷³ ATHAYDE, T. Coligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 58, p. 348, 1935.

¹⁷⁴ Ibid., loc. cit.

¹⁷⁵ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IX. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 1, p. 52, 1958.

¹⁷⁶ ATHAYDE, T. Coligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 58, p. 350, 1935.

¹⁷⁷ Ibid., p. 350-1.

¹⁷⁸ Inicialmente as reuniões e cursos do Centro D. Vital eram oferecidos apenas para sócios, mas com o passar dos anos Alceu Amoroso Lima abriu à participação geral, professores, empresários, intelectuais de diversas áreas estavam entre o grupo de interessados.

enlace partidário, porém argumenta que não é porque o Centro não teve diretamente um alinhamento político partidário, que a política é-lhe indiferente.

No contexto do governo provisório de Vargas foi elaborado e publicado anonimamente um manifesto chamado “Reivindicações Católicas”. Pouco tempo depois este documento serviu como esboço para a organização da Liga Eleitoral Católica (LEC)¹⁷⁹, a qual não se tratava de um partido político. Sua pretensão era orientar os votos segundo os preceitos católicos. Uma descrição um pouco mais detalhada pode ser encontrada no tópico seguinte deste capítulo.

Como podemos notar as atividades que direta ou indiretamente estavam ligadas ao Centro Dom Vital são de uma diversidade considerável. No ano de 1935, Dom Sebastião Leme, obediente aos clamores do Papa Pio XI, fundou no Brasil o movimento Ação Católica. E se “diversidade” pode ser um bom adjetivo para sua atuação, a “mudança” também é uma palavra constante.

A sede da Ação Católica foi também no mesmo casarão da Praça 15, em sentido figurado “*o Centro deixou a sala-mestra, para se instalar numa das laterais [...] para marcar nitidamente a sua condição de associação **auxiliar** da Ação Católica*”¹⁸⁰. Ao contrário de algumas instituições que desapareceram e outras que foram incorporadas, como é o caso da AUC que deu origem a JUC (Juventude Universitária Católica)¹⁸¹, o Centro D. Vital permaneceu ativo por muitos anos, e continua até a atualidade. “*O Centro ia assim fazendo o seu papel de semeador [...]*”¹⁸², conforme dizia seu diretor-presidente.

A terminar, são destacadas duas citações sobre a continuidade dos projetos do Centro e seus objetivos traçados por Alceu Amoroso Lima. O primeiro é um pequeno trecho do discurso proferido durante o evento da Semana de Inauguração dos trabalhos do Centro Dom Vital, em 1957, trouxe a seguinte mensagem sobre as transformações do Centro D. Vital ao longo dos anos:

¹⁷⁹ Ibid., p. 42-3.

¹⁸⁰ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital XI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 3, p. 62, 1958. Grifos conforme o original.

¹⁸¹ Sobre as substituições e/ou fusões das organizações católicas: “*A A.U.C. na Juventude Universitária Católica; o Instituto de Estudos Superiores, em Pontifícia Universidade Católica; a Confederação de Operários Católicos no movimento autônomo de igual nome ou na J.O.C.*”. Ver: LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital XII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 4, p. 54, 1958.

¹⁸² LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital XI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 3, p. 63, 1958.

“[...] para que saibamos, todos, continuar a missão do Centro Dom Vital, cujos frutos não teem sido pequenos, mas que poderão ser cada vez mais numerosos se soubermos corresponder à graça de Deus e à esperança que já em nós depositam tantas e tantas pessoas, não apenas no Rio, mas em todo o Brasil”¹⁸³

Nos ano 1958, Alceu pontua que:

“Os novos rumos que tentávamos imprimir eram indicados [...] pela **Liberdade**, pela **Universalidade** e pela **Paz**. Até hoje creio que são esses os pontos capitais que desejo manter como guias, entre outros, da nossa rota, na base da **filosofia tomista**, da **ação católica** e do **movimento litúrgico**”¹⁸⁴.

A partir destas argumentações de Alceu Amoroso Lima são fornecidos subsídios para explorar uma nova forma de pensar o papel do Centro Dom Vital, bem como a sua atuação na sociedade. Pontos estes que serão ainda discutidos adiante neste capítulo.

2.3. Novas Instituições Católicas

É sabido que a equipe do Centro D. Vital fora formada por intelectuais leigos, uma vez que fizeram parte do projeto de Dom Leme de cristianizar as elites para que estas pudessem inspirar e intervir nos rumos da nação, de maneira coerente com os preceitos católicos. Mas, com o passar dos anos, sobretudo a partir de meados da década de 1930, este movimento contagiou também centenas de milhares de pessoas ao entorno dos grupos de leigos. *“Estritamente controlados pela hierarquia, esses movimentos afirmam uma presença católica mais forte nas instituições e no Estado”*¹⁸⁵.

Foram selecionadas algumas das inúmeras associações de caráter religioso que surgiram ao longo da primeira metade do século XX, entraram para esta pequena listagem aquelas que estiveram mais diretamente relacionadas à atuação do Centro D. Vital, ou porque em algum ponto decorrem questões

¹⁸³ BARBOSA, Dom M. Palavras de congratulação. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 10, 1957.

¹⁸⁴ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 2, p. 66, 1958. Grifos conforme o original.

¹⁸⁵ MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.p. 47.

mobilizadas no presente texto, tais como, pensar a situação e posicionamento do laicato católico diante dos acontecimentos de seu tempo.

2.3.1. Ação Universitária Católica (1929)

Incentivados por Alceu Amoroso Lima, um grupo de jovens universitários ligados ao círculo de convivência do Centro Dom Vital, decidiu defender e propagar publicamente a mensagem cristã católica.

“[...] deliberaram de acordo com o Centro, fundar uma associação destinada especialmente a congregar os estudantes catholicos, que não se resignava, a passar pelas escolas apenas para ganhar seu diploma, nem se resignavam com o espetáculo de ver os meios universitários cada vez mais penetrados de comunismo, theorico e pratico.”¹⁸⁶

E assim nasceu a Ação Universitária Católica, a qual foi ao primeiro desdobramento do Centro Dom Vital, e isso já sinaliza um primeiro indício que o Centro não se manteve fechado em sua sede, além disso, seus novos rumos delineados por Amoroso Lima começavam a tomar tons de realidade.

O combate ao inimigo comunista; a luta contra o espírito materialista e revolucionário; a indiferença da burguesia; e as propostas de reforma social conquistaram adeptos entre esta juventude, a qual passou a estudar e a se dedicar às causas católicas. Ao relatar sobre sua missão, a AUC se define como: *“uma associação de moços, que compreendem que a inatividade da juventude no momento atual é um pecado grave e que a indiferença é um crime”*¹⁸⁷.

A atuação prática desta Instituição ocorreu de forma específica e abrangedora, pois além do crescimento espiritual e intelectual, estes jovens desenvolveram também ações no campo social, tal como descrita por eles próprios:

*“Uma associação de universitários onde não se vive, como se pensa toda a obra catolica, para rezar o rosario e cantar as ladainhas; mas onde se vive da verdadeira ação no meio social e universitario, guiados em tudo, naturalmente, pelo farol certo dos ensinamentos da Igreja Romana”*¹⁸⁸.

¹⁸⁶ ATHAYDE, T. Colligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição. A Ordem. Rio de Janeiro, nº. 58, p. 349, 1935.

¹⁸⁷ SECÇÃO UNIVERSITÁRIA. Acção Universitaria Catholica. A Ordem. Rio de Janeiro, nº. 26, p. 298, 1931.

¹⁸⁸ SECÇÃO UNIVERSITÁRIA. Acção Universitaria Catholica. A Ordem. Rio de Janeiro, nº. 26, p. 298, 1931.

Podem ser contemplados também outros relatos sobre as atividades da Ação Universitária Católica em uma seção no final da revista *A Ordem*, periodicamente de 1930 a 1933, na qual foram publicadas diversas notícias e reflexões.

E também, conforme já foi citado aqui neste capítulo, este grupo de estudantes editou um periódico próprio, “Vida”¹⁸⁹ como era chamado, manteve-se em circulação dos anos 1934 a 1936.

Em seu exemplar comemorativo de um ano de publicações devidamente regulares, Alceu Amoroso Lima escreve o texto de apresentação da primeira página, no qual destacou que é a primeira vez que uma revista universitária católica sobreviveu a mais de “três números”¹⁹⁰. Mesmo com tantos obstáculos os jovens auctistas persistiram com seu propósito, e a regularidade de seus trabalhos contribuiu para o fortalecimento da Instituição.

A equipe da AUC além de palestras; cursos; retiros; participava de solenidades públicas como a procissão de Nossa Senhora de Aparecida, na qual chamou a atenção por causa da grande quantidade de auctistas que compareceram com suas flâmulas¹⁹¹. Eles chegaram a promover também excursões entre seus associados. Estes registros de suas atividades instigam uma reflexão sobre sua presença nos acontecimentos do cotidiano, o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem* que desejavam ampliar seus espaços de atuação.

Tal era a intensidade dos trabalhos destes moços, que dentre as inúmeras contribuições e resultados alcançados por este grupo, observou-se um crescimento das vocações. Em outros termos, diversos jovens que participaram das atividades da AUC fizeram votos à ordem dos beneditinos ou dominicanos. E

¹⁸⁹ “Em duas palavras podemos resumir nosso programa: reagir e formar. Revista de universitários para universitário, escrita e dirigida por moços para ser lida por moços, vimos reagir, em nosso meio contra a indiferença cultural [...] o cepticismo prematuro; a falta de espírito corporativo; [...] o espírito de negação, sob todos os seus aspéctos. [...] Formar, em nossa mocidade, o gosto da verdadeira cultura. Formar, em nós, o sentimento de responsabilidade dos estudos. Formar o espírito universitário, na base das nossas virtudes tradicionais como povo católico e latino-americano. Formar as nossas inteligências com a substância de doutrinas sadias. Formar o nosso caráter sobre o fundamento de princípios morais e espirituais intangíveis. Formar a nossa confiança na vida [...]”. Ver: PLANO DE AÇÃO. *Vida Revista Universitária*. Rio de Janeiro, nº 1, ano I, p. 1, 1934.

¹⁹⁰ LIMA, A. A. Um ano de Vida. *Vida Revista Universitária Católica*. Rio de Janeiro, nº. 12, ano II, p. 1 1935.

¹⁹¹ SECÇÃO UNIVERSITÁRIA. Ação Universitaria Catholica no Rio. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. VI, nº. 17 p. 58, 1931.

não apenas os rapazes, mas as moças também foram inspiradas pelas apresentações de D. Martinho Michler e passaram a se dedicar à vida religiosa¹⁹².

Um exemplo é o caso do estudante de direito José Carlos Isnard, que se dedicou a vocação beneditina, alguns anos à frente passou a ser chamado de D. Clemente, O.S.B.¹⁹³, e é um dos colaboradores da revista *A Ordem*.

Vale ressaltar que este movimento não permaneceu apenas circunscrito ao Rio de Janeiro, mas progressivamente a AUC desenvolveu núcleos em cidades de outros Estados também, tais como São Paulo, Recife, Fortaleza e Belo Horizonte¹⁹⁴. Por meio de cartas a juventude de Porto Alegre declarou as suas possibilidades para a fundação de uma AUC naquela cidade. Esta difusão do programa da AUC trouxe esperança à mocidade leiga sobre a continuação de seu projeto¹⁹⁵.

A Ação Universitária Católica esteve em franca atividade até meados da década de 1930, quando foi fundada a Ação Católica Brasileira, sobre a qual falaremos mais adiante. Esta nova Instituição absorveu os grupos menores. Neste contexto, a AUC deu origem a JUC - Juventude Universitária Católica, em 1950, um ramo especializado da AC, mas que mantinha o mesmo objetivo de difundir a fé católica no ambiente universitário¹⁹⁶.

2.3.2. Confederação Nacional dos Operários Católicos (1931)

Muito foi dito sobre universitários e elite estudantil em geral, mas e os operários? Tiveram eles também vez nos projetos de cristianização da sociedade? Líderes católicos consideravam de grande importância a atuação no meio operário, uma vez que este era visto como vulnerável às ideologias

¹⁹² LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IX. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 1, p. 54, 1958.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 55.

¹⁹⁴ AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 475-777.

¹⁹⁵ SEÇÃO UNIVERSITÁRIA Ação Universitaria Catholica no Rio. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. VI, nº. 17 p. 180-181, 1931.

¹⁹⁶ AZZI, R. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003. p. 15. / DELLA CAVA, R. Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916-1964. *Estudos Cebrap*, nº. 12, p. 43, 1975.

comunistas. Esta questão, fundamentada na Encíclica de Leão XIII, foi discutida durante do 1º Congresso Eucarístico Nacional (1922)¹⁹⁷.

O Centro Dom Vital teve a iniciativa de organizar os operários católicos em sindicatos guiados pela Doutrina Social da Igreja, e buscando uma participação mais justa da classe trabalhadora na vida econômica nacional¹⁹⁸.

De acordo com as publicações da época: *“A criação da Confederação Nacional dos Operários Católicos, cuja tarefa principal, para começar, é promover a queda da iniqua proibição que a actual lei de sindicalização consagra contra os sindicatos profissionaes de base religiosa”*¹⁹⁹.

Esta Instituição marcou um avanço da ação social católica no Brasil, e foi mais um passo protagonizado pelo Centro Dom Vital na luta pela recatolização da sociedade.

2.3.3. Instituto Católico de Estudos Superiores (1932)

Este Instituto é outro desdobramento do Centro Dom Vital, foi responsável por proporcionar cursos aos associados, à juventude universitária e posteriormente a demais interessados. Ou seja, esta Instituição contribuiu diretamente com a formação cristã dos leigos, tal como idealizou Alceu quando decidiu oferecer novos rumos ao Centro.

Interessante é observar como eles mesmos descreviam a função do Instituto:

“A função primordial de nossas associações é colaborar na cura dessa desordem mental contemporanea. E o remedio que offerecemos é a volta aos princípios imutaveis da sabedoria christã, assentes na recta razão e na autoridade immemorial da Igreja.”²⁰⁰

A partir desta óptica o Instituto vem a disponibilizar aos jovens do Rio de Janeiro cursos que não eram encontrados nas Universidades, a saber: teologia, filosofia, sociologia e liturgia.

¹⁹⁷ DIAS, R. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996. p. 104.

¹⁹⁸ Mais um ano de trabalho. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 33, p. 327-329, 1932.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 329.

²⁰⁰ ATHAYDE, T. Colligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 58, p. 351, 1935.

O relatório, publicado na revista *A Ordem*, sobre as atividades dos leigos no ano de 1933, traz uma informação importante sobre a situação no Instituto: “[...] manteve e aumentou os seus cursos, com os de pedagogia do Dr. Everardo Backheuser e de D. Xavier de Marros, O. S. B., contando com 212 alunos matriculados durante o ano”²⁰¹.

Três anos após a regulamentação deste órgão, Alceu Amoroso Lima, assinando como Tristão de Athayde, publica um artigo sobre o bom andamento do Instituto Católico, oferecendo ao leitor alguns dados numéricos também, de acordo com seu artigo que o Instituto recebia de 180 a 220 matrículas por período e mantinha uma frequência variando entre 40% e 50%. São valores expressivos se levarmos em conta a situação estrutural do Instituto, marcada pela precariedade financeira²⁰².

Argumentavam a existência do Instituto a partir da carência e da necessidade de estudos/cursos que não estiverem vinculados a “desordem moderna”²⁰³. Porém cientes de que resultados mais expressivos só podem ser contemplados anos à frente.

2.3.4. Associação das Bibliotecas Católicas

Obedecendo a lógica dos anos 1920 e 1930, a qual buscava reafirmar a presença da Igreja Católica na sociedade brasileira, para tanto além das publicações, foram criadas diversas instituições com o objetivo de materializar seus anseios. Neste contexto, também é fundada a Associação das Bibliotecas Católicas, cujo propósito foi o de promover a divulgação da boa leitura, mas também para vetar produções não aceitas pela Igreja.

Fortemente vinculada ao Centro Dom Vital, e deste receberam conselhos, explicações, indicações e, na medida do possível, até os livros²⁰⁴.

Em uma propaganda sobre a Associação no volume de maio de 1937, nas páginas finais do exemplar, o seguinte excerto esclarece sobre os objetivos específicos da Associação: “*Tem por fim desenvolver a boa leitura; a divulgação*

²⁰¹ 1932-1933. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 41, p. 9, 1933.

²⁰² ATHAYDE, T. *Colligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição*. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 58, p. 351, 1935.

²⁰³ ATHAYDE, T. *Colligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição*. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 58, p. 351, 1935.

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 335.

*de livros uteis; a impressão de livros morais e intelectualmente sadios; traduções, venda e empréstimos de livros, etc.*²⁰⁵. É interessante observar sobre o teor dos adjetivos utilizados neste trecho - úteis, morais, sadios -, os quais nos fornecem vestígios de uma postura conservadora e também controladora por parte da Instituição.

2.3.5. Liga Eleitoral Católica (1932)

A Liga Eleitoral Católica, ou LEC como ficou conhecida, foi fundada no ano 1932, também contando com o apoio de Dom Sebastião Leme, cujo objetivo era promover uma melhor articulação dos católicos no campo da política, o qual pode ser contemplado nas palavras de Amoroso Lima:

“Todo o nosso propósito ao elaborar os Estatutos da Liga Eleitoral Católica era precisamente, como providencialmente o via o Cardeal Leme, encontrar o meio termo justo entre o Partido e a omissão. A Liga veio servir, como uma luva, a essa intenção”²⁰⁶.

Sendo assim, a LEC não possuía nenhuma filiação partidária, a sua atuação tinha como propósito promover uma orientação aos eleitores para que votassem em candidatos que respeitavam o programa católico.

E para um partido ou candidato receber a recomendação da Liga, este tinha que se enquadrar e aceitar seu programa de defesa da Doutrina Social da Igreja²⁰⁷, independente de ser católico ou não. Dentre os principais pontos de seus postulados, estava o ensino religioso facultativo, a indissolubilidade do casamento, entre outros²⁰⁸.

A LEC não foi novidade apenas para Brasil, uma vez que foi a única organização deste tipo em toda a América Latina. Na Argentina, por exemplo, a Igreja continuava muito próxima ao Estado²⁰⁹.

No cenário da eleição para a Assembleia Nacional Constituinte de 1934, a campanha empreendida pela LEC marcou presença, conquistando

²⁰⁵ ASSOCIAÇÃO DAS BIBLIOTECAS CATÓLICAS. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 78, p. 521, 1937.

²⁰⁶ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VIII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 6, p. 43, 1958.

²⁰⁷ Mais um ano de trabalho. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 33, p. 334, 1932.

²⁰⁸ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital VIII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 6, p. 44, 1958.

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 44-5.

resultados positivos para uma nova relação entre a Igreja e o Estado, rompendo com a situação que vinha desde 1891²¹⁰.

Este órgão fazia parte do Centro Dom Vital, nasceu por intermédio de seus sócios; o capital humano que mobilizava seus projetos eram os mesmos do Centro, até sua sede era no mesmo local²¹¹. Sendo assim, seus ganhos são também conquista dos membros do Centro Dom Vital.

2.3.6. Ação Católica Brasileira (1935)

Não é propósito central fazer aqui uma exaustiva análise sobre a Ação Católica, uma vez que a grandiosidade e complexidade de sua trajetória demandaria um trabalho somente sobre esta temática. Ao contrário, a pretensão é elencar alguns dos principais pontos sobre a atuação da AC no Brasil, e mais precisamente a sua relação com o Centro Dom Vital.

No pontificado de Pio XI houve o lançamento oficial da Ação Católica, e no Brasil o grande apreciador e líder foi Dom Leme, o qual conseguiu que este projeto fosse implantado em várias dioceses do país.

Dentre os objetivos deste movimento estava a convocação de leigos para colocar em prática os projetos da Igreja Católica; formação de líderes para atuar na esfera social, e cooperar com a missão evangelizadora²¹². A Ação Católica teve ainda o papel de divulgar a Doutrina Social da Igreja em todas as esferas da existência, cuja perspectiva era concebida como o modelo de salvação para as mazelas sociais.

No Brasil, de acordo com o estudo de Thomás C. Bruneau, após a declaração oficial sobre sua fundação em 1935, a AC se espalhou rapidamente pelo país, sendo adotada pelos então setenta bispos. Dois anos depois, a AC já tinha conquistado uma gama considerável de leigos²¹³.

²¹⁰ Dentre as campanhas defendidas pela LEC e que passaram a integrar o corpo da Constituição de 1934, estava o voto feminino e o ensino religioso facultativo nas escolas regulares. Ver: LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IX. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 1, p. 50-1, 1958.

²¹¹ *Ibid.*, loc. cit.

²¹² INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002): jubileu de ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 25. / BASTOS DE ÁVILA, F. Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Loyola, 1991. p. 10.

²¹³ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 88.

Em termos organizacionais, estes leigos eram divididos em grupos por sexo e idade, seguindo o modelo italiano²¹⁴, para assim serem preparados com uma boa formação²¹⁵. Nas palavras de Ney de Souza “*Os primeiros anos da ACB foram marcados por uma ação formativa muito acentuada: uma verdadeira catequese especializada*”²¹⁶.

Sobre este contexto de reestruturação do movimento leigo pela Ação Católica²¹⁷, surgiu nas páginas d’A Ordem o seguinte questionamento: “*poderia sobreviver uma instituição como o Centro, ou a Ação Católica iria absorver todas as atividades da vida católica, não deixando lugar à variedade dentro da unidade?*”²¹⁸.

E neste mesmo artigo vem a resposta do escritor:

[...] “O Chefe da Igreja indica com tãda nitidez que, ao lado da Ação Católica oficial, existe outra ação, que também podemos considerar oficial, e por êle designada com apostolado **livre**, que não é uma ação individualista, libertária, indisciplinada [...] e menos ainda um capricho individual. É simplesmente a penetração no mundo da mensagem evangélica através da plasticidade que permite a diversidade dos meios de ação apostólica”²¹⁹.

Neste sentido, o apostolado leigo livre não deve ter um programa engessado, mas ao contrário deve ser flexível a mudanças de método e formas de agir. E conforme o próprio autor escreve na última linha deste pequeno fragmento: “*plasticidade que permite a diversidade dos meios de ação apostólica*”.

Apesar de passar por momentos de dificuldades, o Centro Dom Vital não precisou fechar as suas portas. Fato curioso é observar que em um anúncio sobre a inscrição de novos sócios do Cento D. Vital, publicado nas páginas finais da revista de fevereiro de 1938, estava escrito o seguinte: “*Não limite a sua ação à leitura de A Ordem. A Ação Católica reclama a sua cooperação nas fileiras do Centro D. Vital*”²²⁰.

²¹⁴ O Modelo italiano é caracterizado por sua centralização e por ser autoritário. Ver: BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 89.

²¹⁵ AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil*: ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 511-12.

²¹⁶ SOUZA, N. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 14, nº. 55, p. 49, 2006.

²¹⁷ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 88.

²¹⁸ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Écos da sessão inaugural das atividades de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº. 1, p. 63, 1958.

²¹⁹ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Écos da sessão inaugural das atividades de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº. 1, p. 63, 1958.

²²⁰ Inscreva-se como sócio do Centro D. Vital do Rio de Janeiro. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 88, p. 249, 1938.

Durante seus anos de atividade, a Ação Católica alcançou diversos resultados positivos, a saber: houve o aprimoramento de uma espiritualidade centrada em Cristo; uma maior aproximação entre o fiel e a Palavra de Deus; expansão do Movimento Litúrgico entre clérigos e leigos. Apesar destas conquistas, no final de sua vida Cardeal Leme já pensava em como solucionar as limitações deste movimento²²¹.

Na III Semana Nacional de Ação Católica, ocorrida em Porto Alegre, no ano de 1948, iniciou-se um debate entre Pe. Helder e Pe. Távora sobre as especificidades da Ação Católica Geral e a Ação Católica Especializada²²². Dois anos depois, a Comissão Episcopal da ACB oficializou a Ação Católica Especializada (ACE) no Brasil, a qual veio substituir o modelo em vigor no tempo do Cardeal Leme²²³.

Em síntese, a atuação da Ação Católica Brasileira pode ser periodizada da seguinte maneira: Dos anos 1935 a 1950, esteve em vigor a *Ação Católica Geral*; e deste ano até 1960, a *Ação Católica Especializada* (ACE), conforme já dantes citado²²⁴.

Todavia, os antigos departamentos²²⁵ da Ação Católica Geral permaneceram sob administração da ACE, porém por um curto período de tempo. No ano de 1952, em virtude da fundação da CNBB estes foram “*absorvidos e reformulados*”²²⁶.

A Ação Católica continuou viva por mais alguns anos, quando na década de 1960 esbarrou em obstáculos que impossibilitam dar continuidade no projeto. Somente para fazer um breve fechamento, após o Concílio Vaticano II, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) passaram a substituir a AC²²⁷. Não aprofundaremos neste assunto, uma vez que extrapola os limites temporais estabelecidos para esta pesquisa.

²²¹ INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002)*: jubileu de ouro da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 25.

²²² A Ação Católica Especializada seguia o modelo francês, no qual suas subdivisões obedeciam ao critério da função social de cada grupo, exemplo: estudantes e operários.

²²³ *Ibid.*, p. 28.

²²⁴ SOUZA, N. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 14, nº. 55, p. 50, 2006.

²²⁵ Juventude Estudantil Católica; Juventude Operária Católica; Juventude Universitária Católica.

²²⁶ INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002)*: jubileu de ouro da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 28.

²²⁷ *Ibid.*, p. 57.

2.4. Dividir ou multiplicar: uma crítica

Objetiva-se com esta discussão trazer luz a uma nova maneira de pensar e interpretar as ações do Centro posterior aos acontecimentos dos anos 1930. O que ocorreu foi um duplo movimento de expansão. O primeiro podendo ser entendido a partir das ramificações de suas ideias, bem como a presença de seus intelectuais em outras Instituições. O segundo relacionando-se com a difusão do Centro para além do Rio de Janeiro, com as fundações de filiais em outros Estados. Movimento duplo de inserção qualitativa e expansão quantitativa.

Pensar os posicionamentos tomados pelo Centro Dom Vital nos tempos da administração de Alceu Amoroso Lima requer lembrar-se do que escreveu Villaça, o qual destacou que as mudanças após a sucessão na presidência foram profundas, afinal o grande espírito político fora substituído por um universitário, dando início a uma fase mais cultural e propriamente religiosa no movimento católico leigo no Brasil²²⁸.

De fato o Centro não era mais o mesmo do primeiro decênio de sua fundação. Mudanças significativas ocorreram no contexto mais geral da sociedade brasileira em termos econômicos e sociais. A expansão da indústria e da urbanização tornaram a sociedade mais complexa e mais diversificada em termos de interesses, necessidades e desejos, nos seus vários segmentos sociais. Mudanças importantes também na própria estrutura organizacional da Igreja Católica. A posição de Igreja privilegiada durante o Governo Vargas, bem como a atuação unificadora e articuladora de lideranças fortes e orientadas por objetivos claros, resultaram no final dos anos de 1940 e início de 1950 num aparato institucional novo e com abrangência nacional. Com Alceu Amoroso Lima, o Centro foi reorganizado em torno de uma proposta cunhada na educação e não na militância política, como foi no tempo de Jackson de Figueiredo. Sendo assim, como esperar uma relevante participação política de um órgão que há tempos não tinha mais este interesse?

A partir dos anos 1930 observou-se uma irradiação do Centro D. Vital, seja ela em âmbito intelectual ou religioso, e para cada uma destas esferas, têm-se exemplos significativos: o Instituto Católico de Estudos Superiores e a Ação

²²⁸ VILLAÇA, A. C. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1975. p. 13.

Universitária Católica. E apesar de não ser mais o foco principal, os intelectuais do Centro D. Vital estiveram também presentes no campo político com a LEC - Liga Eleitoral Católica.

Existiu um nexo de coesão entre os propósitos do Centro D. Vital, da Ação Universitária Católica e do Instituto Católico de Estudos Superiores. Os três investiram na concepção de uma cultura católica e na formação de leigos, para que estes pudessem atuar na sociedade defendendo os princípios e valores católicos. Nesse sentido, desempenharam um papel importante no processo mais abrangente da chamada neocristandade.

E como as duas últimas surgiram como um desdobramento do Centro D. Vital, isso pode nos fornecer elementos para elucidar uma reflexão sobre o que chamamos aqui de *multiplicação* das ações do Centro após a morte do seu fundador, Jackson de Figueiredo.

O Centro do “Reflorescimento Católico”, conforme qualifica Bruneau²²⁹, não se manteve fechado nos limites de sua sede e de seus sócios, mas ampliou suas possibilidades para que outras associações surgissem e se juntassem a ele na luta contra os males da modernidade e em defesa da fé católica. Além de toda inovação que indiretamente o Centro trouxe para a Igreja no Brasil, com pensadores que instigaram o estudo de uma democracia cristã e de um movimento litúrgico, por exemplo.

Sendo assim, não é o caminho mais interessante observar estes movimentos a partir da óptica de que as ações obscurecem ou substituem os objetivos de outro, segregando sua atuação social. Muito pelo contrário, pois à medida que mais Instituições definem propósitos em sintonia, maior será o seu raio de atuação e maiores também serão as possibilidades de sucesso, segundo seus desejos.

Em outras palavras, podemos considerar que houve uma ramificação e enraizamento do Centro Dom Vital, e apesar do objetivo geral, cada vertente/instituição especializou-se em determinados tipos de atividade. Como resultado observou-se uma maior difusão de seus objetivos e atividades entre a população. A mensagem de Alceu Amoroso Lima, no discurso de inauguração na sede própria do Centro Dom Vital em 1957, traz sucintamente o elenco das

²²⁹ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.p.89.

Instituições que surgiram a partir do Centro, ou estiveram fortemente vinculadas a ele.

“[...] o Centro se desdobrou na Coligação Católica Brasileira, em seus diferentes setores: a Ação Universitária Católica, dos estudantes; a Confederação Nacional dos Operários Católicos, dos trabalhadores manuais; o Instituto Católico de Estudos Superiores, dos trabalhadores intelectuais, germen da futura Universidade Católica e outros movimentos como a A.B.C. (Associação das Bibliotecas Católicas) e a Livraria Anchieta [...]”²³⁰.

Não apenas os dois órgãos citados - AUC e o Instituto Católico de Estudos Superiores -, mas diversos outros grupos surgiram, se organizaram e foram apoiados pelo Centro Dom Vital e seus membros. Muito embora, é importante salientar que estes grupos também cooperaram com a difusão do ideal católico, cada qual ao seu modo e com suas particularidades.

Além dos desdobramentos em outras Associações, outro acontecimento que merece ser considerado é a questão da diversificação. A diversidade de atividades oferecidas indicam maiores chances de conquistar o “público”.

Sobre as contribuições ligadas diretamente ao campo religioso, como já vimos anteriormente, o incentivo vindo das atividades promovidas pelos intelectuais católicos e religiosos de grande renome, inspirou jovens a se dedicarem a vida religiosa no Brasil, e nas palavras de Amoroso Lima, esta renovação da vida monástica “foi [...] o mais forte papel que o Centro D. Vital representou naquele momento decisivo na revolução de nossas instituições e na renovação de nossa cultura”²³¹.

No campo intelectual, novos cursos e debates foram promovidos, novas correntes de pensamento foram apresentadas em solo brasileiro. No campo político, observaram-se as conquistas da LEC.

E tudo isso implicou positivamente em uma expansão geográfica do próprio Centro em si, ou seja, foram fundadas filiais do Centro Dom Vital em diversas outras cidades do país, tais como: “Rio, Recife, S. Paulo, Aracajú, S. João d’El Rey, Belo-Horizonte, Baía, Juiz de Fóra, Porto-Alegre, Fortaleza e Itajubá”²³².

²³⁰ LIMA, A. A. Discurso de abertura. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 14, 1957.

²³¹ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IX. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 1, p. 55, 1958.

²³² 1932-1933. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 41, p.807, 1933.

A atuação do Centro ao longo de todos esses anos encontrou muitas possibilidades, todavia também se deparou com limitações como, por exemplo, anos com menor número de sócios, dificuldades financeiras, entre outras que veremos em seguida.

O Centro passou por diversas fases e assim como qualquer outra instituição possui seu apogeu e seu período de declínio. Entretanto, uma grande particularidade, o Centro não desapareceu e nem se fundiu em outros movimentos, como foi o destino de diversas associações nos tempos da Ação Católica. Nem ele, nem a revista *A Ordem* tiveram suas atividades interrompidas.

Neste contexto, foi questionado entre o laicato se o Centro teria espaço de atuação ou seria incorporado ao organismo da Ação Católica Brasileira? A resposta encaminhada por Amoroso Lima é que mesmo tornando-se auxiliar da Ação Católica, ainda assim havia a possibilidade de trabalho do apostolado leigo ligado ao Centro.

Em outra passagem:

“O Centro Dom Vital, porém, não tinha motivo de desaparecer, dado o seu **caráter específico**. E prosseguiu, na sua atividade, como associação auxiliar da Ação Católica, no terreno da formação intelectual [...] Já agora é o próprio Papa que vem confirmar a necessidade do ‘apostolado livre’ junto ao apostolado da Ação Católica e também, como esta, considerado ‘ação católica oficial’, quando sob a orientação da hierarquia e por mandato desta”²³³.

Essa constatação, entretanto, não pode desconsiderar as linhas gerais do contexto nacional e institucional apontado acima. Embora a atuação dos leigos, conforme vimos, foi efetivamente se ampliando, este crescimento ocorreu num enquadramento institucional diferente dos anos de 1920. Podemos observar que a mudança de natureza de atuação do Centro Dom Vital, e mesmo da Ação Católica, a partir dos anos 1940 e 1950, ou seja, menos política e mais cultural e religiosa, pode ser interpretada como uma atuação com menor grau de autonomia em relação à hierarquia eclesial. A perda crescente de autonomia não significou, portanto, decadência das organizações do apostolado leigo, mas ampliação e diversificação dentro de uma nova estrutura e com um novo objetivo.

Os anos 1940 foram os mais árdios para o Centro, sendo duramente atingido após as perdas irreparáveis: Dom Sebastião Leme (1942) e Pe. Leonel

²³³ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. A Ala Moça do C.D.V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 2, p. 74, 1958

Franca (1948). Sobre este cenário, Bruneau completa dizendo que “O Centro ainda existe e Alceu Amoroso Lima ainda é seu Presidente, mas não foi capaz de se renovar”²³⁴.

É de comum acordo que o Centro passou por momento de extrema dificuldade, porém existe aqui um pequeno ponto desarmônico com o posicionamento de Bruneau. A atuação do Centro não foi completamente anulada, pois com um olhar mais atento, mirando-se para década posterior é possível observar tentativas e buscas por caminhos que visavam renovação²³⁵.

Existem indícios de que esta crise tenha sido superada, como veremos no terceiro capítulo desta dissertação. No final da década de 1950, é possível perceber o início de um movimento de rejuvenescimento do Centro com o surgimento de um novo grupo integrado a ele, cujo nome era “Ala Moça”²³⁶.

Nesse sentido, foi se desenvolvendo uma concepção, sobretudo na ótica da hierarquia eclesial, de que a maior contribuição do Centro deveria ser a de incentivar e formar novos intelectuais leigos e instigar vocações, missões, ou seja, o sentimento de evangelizar e conhecer mais sobre a Igreja Católica. Efetivamente foi se diluindo a ideia de um protagonismo independente do mesmo.

É nesse ponto que devemos sinalizar a especificidade do recorte temporal definido em nossa pesquisa. Pois a passagem dos anos de 1940 e 1950 explicita aspectos decisivos daquilo que foi denominado a neocristandade. Por um lado, momento de construção de um projeto ambicioso de cristianização, ou recatolização de todas as instituições da sociedade brasileira, batizado então de neocristandade.

Em linhas gerais, a neocristandade pode ser definida levando em conta os seguintes aspectos: trata-se de um modelo de Igreja e do entendimento de como deveria ser vivida a religião cristã no Brasil, que orientou as ações da Igreja entre os anos de 1920 e 1950. Sua formulação inicial pode ser encontrada num conjunto de proposições que constavam em carta pastoral redigida por Dom Sebastião Leme, em 1916, recém nomeado arcebispo de Recife e Olinda. Seu objetivo, do ponto de vista institucional, era garantir a manutenção do monopólio

²³⁴ BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.p.89.

²³⁵ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Écos da sessão inaugural das atividades de 1958. *A Ordem*, v. LX, nº. 1, p. 63, 1958.

²³⁶ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. A Ala Moça do C.D.V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 2, p. 73-76, 1958.

religioso pela Igreja Católica, e para isso a condição básica dependia da relação de apoio mútuo entre Igreja e Estado.

O mecanismo de funcionamento envolvia a capacidade da Igreja em estancar e fazer recuar o processo de secularização em curso, na medida em que cristianiza, ou confessionaliza, o conjunto de valores e instituições da sociedade. Em outros termos, a religião retoma sua natureza de sistema abrangente e transcendental, articulando e justificando as várias instâncias da realidade. Em termos de agentes, envolvia tanto uma hierarquia eclesial bem formada e disciplinada, quanto organizações de leigos comandada pela hierarquia. Vale lembrar que o projeto da neocristandade emerge num momento em que a Igreja, separada formalmente do Estado após a Proclamação da República em 1889, está engajada num esforço de reorganização institucional e reforma religiosa.

Nas suas formulações mais radicais, não se tratava apenas de garantir a sobrevivência da Igreja na nova ordem social, urbana, industrializada, mas construir um modelo de nação cristã. Nesse sentido, a inauguração, em 12 de outubro de 1931, da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, com a presença de Dom Leme, Getúlio Vargas e todo seu Ministério, possuía um sentido preciso. Na ocasião, Dom Leme consagra a nação ao Coração Sacratíssimo de Jesus, reconhecendo-o *“para sempre seu Rei e Senhor”*²³⁷

Mas havia ainda no modelo não apenas um objetivo e uma linha de ação, mas um projeto de Igreja, o qual visava a construção de uma estrutura institucional abrangente, hierárquica e romanizada. Certamente isso contribuiu decisivamente também para a formação de certa imagem da Igreja no Brasil. Estrutura e imagem que certamente interferem nas possibilidades e limites que se colocam para a Instituição no momento atual.

²³⁷ BEOZZO, J. O. A Igreja entre a revolução de 1930: o Estado Novo e a Redemocratização, IN: FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986. p. 283.

CAPÍTULO 3

As vozes d'A *Ordem* na década de 1950

O capítulo anterior tratou da especificidade do Centro Dom Vital, a qual em certa medida possibilitou que este órgão continuasse em cena, e mesmo com tantas dificuldades não tenha desaparecido, e nem cessarem as publicações da revista *A Ordem*.

Foi apresentada também uma breve discussão sobre a amplitude e os desdobramentos das instituições católicas que surgiram e ganharam força e espaço na sociedade brasileira a partir dos anos 1930. Contudo, neste capítulo faremos um último aprofundamento de como ficou a situação singular do Centro Dom Vital e da revista trinta anos após a sua fundação.

Objetiva-se verificar como o fenômeno religioso é visto, interpretado e difundido pelos leigos nas páginas da revista. E ainda quais as principais atividades e novidades do Centro ao longo da década de 1950.

Não se pode deixar de considerar uma nova voz que surge neste contexto, eram os bispos do Brasil que se uniram em uma Conferencia Nacional para discutir e buscar soluções para os problemas sociais e outras questões que envolvam a sociedade brasileira.

3.1. O Centro Dom Vital na década de 1950

Nos capítulos anteriores já foi apresentado sobre sua origem, objetivo e particularidades assinaladas nos tempos de Alceu Amoroso Lima. Contudo, avançamos aqui para a década de 1950, visando um melhor entendimento do conteúdo publicado na revista, não podemos deixar de considerar as atividades e eventos desenvolvidos pelo Centro D. Vital, uma vez que uma grande parcela dos artigos publicados ao longo da década de 1950 faz referência direta ou indiretamente a estes momentos.

O Centro foi o grande incentivador e formador do pensamento católico leigo. Durante sua trajetória, ele passa por um movimento oscilatório entre perdas e ganhos; entre períodos de crise e momentos em que a esperança de continuar seu projeto é renovada. E assim também se apresentou a década de 1950.

Os membros do Centro Dom Vital ainda não tinham superado plenamente as perdas importantes que tiveram há alguns anos antes: em 1942 faleceu o Cardeal Leme, e em 1948 também deixava a vida o Pe. Leonel Franca. Salvo suas particularidades, ambos foram fundamentais no desenvolvimento do Centro e do movimento leigo. A imagem e o exemplo deixado por estes homens foram frequentemente recordados nas páginas d'A Ordem, seja em artigos específicos, citações ou referências a ideias e pensamentos defendidos por eles.

E os anos 1950 se iniciaram com uma notícia de grande abalo, depois de vinte anos, o Centro teve que deixar sua sede na Praça 15²³⁸. Neste mesmo local ficaram instalados de 1932 até 1952, aonde além das atividades do Centro Dom Vital e da redação ininterrupta da revista *A Ordem*, chegaram a abrigar movimentos de grande relevância do apostolado leigo como, por exemplo, a Ação Católica Brasileira, a Liga Eleitoral Católica, a Associação dos Professores Católicos, as Equipes Sociais, o Movimento Litúrgico, entre outras organizações da Coligação Católica Brasileira²³⁹.

Todavia, era preciso tirar do passado ensinamentos e olhar sempre para o futuro, conforme mensagem deixada por Alceu Amoroso Lima quando escrevia as suas "Notas para a história do Centro Dom Vital"²⁴⁰.

E muito embora a década de 1950, para os intelectuais do Centro, teve um início um tanto quanto turbulento, estes mesmos anos acolheram transformações e uma nova fonte de esperança para dar continuidade aos seus projetos, bem como a presença de uma nova organização eclesial em terras brasileiras, sobre estes assuntos comentaremos ao longo deste capítulo.

Retornando ao assunto sobre a sede do Centro D. Vital, no final da década de 1950, depois de longos 35 anos peregrinando por diversas casas, eles conquistaram um endereço fixo, um espaço para poder alojar a sua sede.

Nas páginas d'A *Ordem* foram publicados os discursos proferidos durante a semana de inauguração, entre 17 e 24 de junho de 1957²⁴¹. Alceu Amoroso Lima inicia sua exposição lembrando de uma passagem: "*mais de uma vez ouvi da boca do nosso inesquecível Cardeal Leme a declaração de que,*

²³⁸ REGISTROS & COMENTÁRIOS. Adeus à Praça 15. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLVIII, nº 6, p. 77, 1952.

²³⁹ LIMA, A. A. Discurso de abertura. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 16, 1957.

²⁴⁰ Coletânea publicada na revista *A Ordem* entre 1957 e 1958. Ver: LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº 4, p. 50-55, 1957.

²⁴¹ Inauguração da nova sede. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 5, 1957.

a seu ver, a maior das virtudes humana era - a gratidão²⁴², e continua sua fala agradecendo por aquele momento, por ter se tornado realidade o sonho de 1922; agradece a personalidades que marcaram a trajetória do Centro, entre eles: Jackson de Figueiredo; Dom Leme é novamente referido; Cardeal Jaime Câmara²⁴³. E continua manifestando suas impressões:

“[...] hoje realizamos o sonho de 35 anos de nomadismo: uma casa própria, um chão e um teto nossos, uma mesa em torno da qual possamos reunir a família e umas cadeiras em que se possam sentar os amigos e convidados, que ansiamos por incorporar à nossa família”²⁴⁴

A alegria era grande, porém os encadeamentos deste acontecimento foram maiores ainda. A certeza de uma sede trouxe a tranquilidade de poder permanecer lutando por seus ideais, além de que implicou positivamente em sua organização, e conforme publicado na seção “Notícias do Centro Dom Vital” da revista *A Ordem*, esta nova sede permitiu “realizar mais amplamente os [...] objetivos de formação do apostolado leigo”²⁴⁵. E mais ainda, simbolizou a garantia de permanência da Instituição, e de sua fidelidade aos seus objetivos²⁴⁶.

Entretanto, além da estrutura física foi necessário investir e renovar outros campos para que o Centro pudesse novamente ter dias prósperos. Um aspecto de grande importância e que não pode deixar de ser considerado, foi a fundação de uma nova instituição associada ao Centro, denominada “Ala Moça”, porém dada a sua relevância falaremos sobre esta mais adiante.

Ainda na década de 1950, os intelectuais do Centro Dom Vital lançaram uma campanha para aumentar o número de sócios, uma vez que o número de mensalidades recebidas não estava sendo suficiente para honrar todos os gastos da Instituição²⁴⁷

A ação recebeu o nome de “Campanha dos mil sócios”, seus objetivos eram bastante claros, ultrapassar os aproximados 650 sócios da década de 1950

²⁴² Ibid., p. 11. 1957.

²⁴³ Ibid., p. 11-2.

²⁴⁴ LIMA, A. A. Discurso de abertura. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 12, 1957.

²⁴⁵ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. A Ala Moça do C.D.V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 2, p. 73, 1958.

²⁴⁶ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Écos da sessão inaugural das atividades de 1958. *A Ordem*, v. LX, nº. 1, p. 63, 1958.

²⁴⁷ Notícias do Centro Dom Vital. Mês de agosto de 1959. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LXII, nº 4, p. 59, 1959.

e chegar a marca dos desejados mil contribuintes²⁴⁸. Em contrapartida, cabe lembrar que já há vários anos o Centro oferecia benefícios aos seus sócios como, por exemplo, descontos em teatros, livrarias e outras instituições culturais²⁴⁹.

Em síntese, durante esses anos o Centro conquistou uma sede própria; arregimentou a criação de uma associação de moços e moças formalizados dentro de seus princípios; lutou com campanhas para continuar atuante em sua cidade natal; porém como se sabe o Centro espalhou-se por outros Estados, e na década de 1950, obtiveram mais uma conquista neste sentido, foi fundado um Centro Dom Vital de João Pessoa sob liderança professor José Rafael Menezes, no ano de 1957, o qual iniciou suas atividades com o curso de Cultura Humanística²⁵⁰.

3.1.1. As atividades do Centro Dom Vital

O Centro Dom Vital organizava e desenvolvia uma gama bastante completa de atividades destinadas aos seus sócios e interessados em geral. Para ficar de mais fácil entendimento a listagem de alguns exemplos destes encontros, dividimos aqui em dois grupos, conforme os interesses: eventos de cunho intelectual, cultural e informativo; e os que seguiam uma vertente espiritual e religiosa.

Para este primeiro grupo, destacam-se as palestras, as conferências de sexta-feira à noite e os encontros em geral, ministrados por intelectuais do Centro ou não, por brasileiros ou estrangeiros. Somente para citar um exemplo, em 1957, o Pe. Paul Ramlot fez uma apresentação com o título “Podemos fazer um mundo melhor?”.

Esporadicamente ocorriam encontros como a “Noite de convivência”, reuniam-se na sede do Centro para participar de uma palestra e discutir sobre o respectivo assunto. Para terem uma ideia sobre a grandiosidade e variedade dos

²⁴⁸ Ibid., loc.cit.

²⁴⁹ O Teatro de Arena oferecia um desconto de 50% no preço do ingresso para quem apresentasse a carteirinha de sócio do Centro Dom Vital. Ver: NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Centro Dom Vital de S. Paulo. *A Ordem*, Rio de Janeiro. v. LIV, nº 5, p. 92, 1955.

²⁵⁰ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de abril de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 6, p. 57, 1958.

temas abordados, em outubro de 1955, Gustavo Corção²⁵¹ palestrou sobre a lírica de Camões²⁵².

Também nestas mesmas salas, em outro dia da semana, também aconteciam sessões cinematográficas, no período da noite, e após o filme realizavam uma discussão sobre o tema e demais questões relacionadas²⁵³.

Muito já se foi mencionado no capítulo anterior sobre as metas do Centro em reunir e formar o laicato católico, sendo assim, para alcançar tais objetivos, os cursos oferecidos pelo Centro Dom Vital foram fundamentais. Existiam dois tipos de cursos: os regulares e aqueles que aconteciam apenas durante o período de férias.

Os cursos regulares, com calendário fixo durante o ano letivo, contemplavam as seguintes áreas: religião, filosofia, política e língua portuguesa. E a partir destas grandes áreas os professores propunham o estudo e a discussão de determinados temas²⁵⁴. Quanto aos cursos de férias, estes aconteciam de duas a três aulas semanais, no horário das 18h às 18h, entre os meses de janeiro e fevereiro.

²⁵¹ “Gustavo Corção Braga nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no dia 17 de dezembro de 1896 [...] A morte de sua mulher, Diva Paiva, em 1936, desencadeou uma grave crise existencial [...] Decidido a encontrar uma nova diretriz para sua vida, aprofundou-se na leitura das obras dos pensadores católicos Gilbert Chesterton e Jacques Maritain, aproximando-se gradativamente da religião. Converteu-se definitivamente em 1939, quando, por intermédio de Carlos Chagas Filho, veio a conhecer Alceu Amoroso Lima, na época presidente do Centro Dom Vital, associação civil para o estudo, a discussão e o apostolado, vinculada à Igreja. Sob a influência desse líder católico, passou a estudar a filosofia tomista [...]. A conversão ao catolicismo despertou sua vocação literária, levando-o, ainda em 1939, a colaborar na revista *A Ordem*, uma publicação do Centro Dom Vital”. Para maiores informações, ver: Gustavo Corção. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gustavo-corcao-braga>>. Acesso em 06.01.2016.

²⁵² NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Programa das atividades do C. D. Vital em outubro e novembro. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIV, nº 6, p. 79, 1955.

²⁵³ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de dezembro de 1957. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 2, p. 76, 1958.

²⁵⁴ A título de conhecimento: a partir de abril do ano de 1958 foram oferecidos os seguintes cursos regulares: às terças-feiras, “Ideia de Vida Cristã”, ministrado por Dom Timoteo Amoroso Anastácio; às quartas-feiras, “Problemas contemporâneos”, sob responsabilidade do prof. Gustavo Corção; e às quintas-feiras, o curso lecionado por Dom Justino Paoliello recebia o título de “A inteligência em face de Deus”. Ver: NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de abril de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 6, p. 53-58, 1958. / No mês de maio de 1958, teve início mais dois cursos: “O Existencialismo de Kierkegaard”, que aconteceu as sextas-feiras, quinzenalmente, com o professor Henrique J. Hargreaves; e um segundo curso “Regimes Políticos”, dirigidos por Alceu Amoroso Lima, semanalmente às segundas-feiras. Ver: NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Écos da sessão inaugural das atividades de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº. 1, p. 64, 1958. / No ano de 1955, o professor Gladstone Chaves de Melo ofereceu os seguintes cursos “Machado de Assis, defensor do homem” e “Modernismo Brasileiro”. Ver: REGISTROS. Notícias do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIII, nº. 6, p. 82-83, 1955.

Uma novidade que surgiu a partir de maio de 1955, foi que o Centro inaugurou mais um serviço ao apostolado e a sociedade, chamado de “A Porta Aberta”, tratou-se de um plantão diário para atender dúvidas em assuntos filosóficos ou religiosos²⁵⁵.

Dada a quantidade e diversidade de funções desenvolvidas pelo Centro D. Vital, e visando um melhor entendimento, estas foram separadas aqui em dois grupos, conforme já mencionado. O segundo grupo de atividades diz respeito àquelas mais diretamente relacionada ao campo religioso.

Dentre as principais ações está a Missa dialogada²⁵⁶, a qual acontece um domingo por mês. Vale lembrar que esta metodologia foi incorporada após a difusão do Movimento Litúrgico pelos alunos de D. Martinho Michler, assunto tratado no segundo capítulo.

Realizavam também com certa periodicidade os “Retiros”, em data e local previamente agendados, eram oferecidos retiros individuais ou em coletivo (grupos pequenos); e ainda, peregrinações ao Santuário de Nossa Senhora de Aparecida²⁵⁷.

Estes encontros noturnos no Centro, seus cursos e demais eventos em muito contribuem para uma maior aproximação entre os sócios e demais frequentadores do Centro. E defendendo a importância destas reuniões, que um dos articulistas d’*A Ordem* publica:

“Parece pouco o que fazemos: aulas, conferência e publicações; mas esse pouco, se tivesse sido colocado no itinerário dos desvários, poderia deter a avalanche do marxismo e do racismo, porque - notem bem! - foi com aulas, conferências e publicações que essas histórias começaram. Ajudem-nos pois a ajudar!”²⁵⁸

²⁵⁵ REGISTROS. Notícias do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIII, nº. 6, p. 81-82, 1955.

²⁵⁶ Missa dialogada: “*Nela, o leigo passava a dividir com o celebrante a participação no ofício litúrgico. Isto é, a assembléia foi incluída na estrutura dialogante da cerimônia*”. Ver: COSTA, M. T. Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Loyola, 2006.p. 146.

²⁵⁷ REGISTROS. Notícias do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIII, nº. 6, p. 82, 1955.

²⁵⁸ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Ajudem-nos a Ajudar. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIV, nº. 4, 92, 1955.

3.1.2. O início de um rejuvenescimento?

Continuando e trazendo mais elementos para a reflexão sobre a trajetória e relevância do Centro Dom Vital dirigido por Alceu Amoroso Lima, um acontecimento bastante relevante não pode deixar de ser enfatizado: a fundação da Ala Moça do Centro Dom Vital.

Um grupo composto por universitários e jovens recém-formados ganhou vida institucional no dia 04 de novembro de 1957, embora sendo integrado ao Centro Dom Vital, este movimento possuía algumas especificidades e autonomia em relação os seus métodos.

Este movimento pode ser considerado como uma continuação, depois de trinta anos, da Ação Universitária Católica²⁵⁹. A fim de esclarecer sobre esta instituição que surgia, publicou-se n'*A Ordem*:

“A fundação da ala moça do Centro, portanto, não vem inovar coisa alguma. Não é uma nova associação. É apenas o **rejuvenescimento** dos quadros do Centro, pela entrada e participação mais ativa da juventude católica, universitária ou não, nos trabalhos do Centro”.²⁶⁰

Sem promessas de ser algo original e inovador, mas ao se referir a fundação desta Instituição, a palavra que se destaca no texto é “rejuvenescimento”, visto em sentido literal uma vez que os integrantes deste grupo eram bem mais novos do que os veteranos do Centro, inclusive diversos deles eram filhos daqueles que anos atrás encorajaram a fundação da AUC²⁶¹. Em outro sentido, era também visto como a fonte das novas ideias, novos projetos, como o futuro do Centro Dom Vital.

Estes moços e moças vistos como continuadores dos exemplos de 1929 trazem a possibilidade de “sangue novo” aos ideais do Centro. Além de suas atividades, estes jovens também colaboraram com artigos para *A Ordem*.

²⁵⁹ A A.U.C. (1929) foi o primeiro movimento da mocidade católica, chegaram a criar uma revista própria “A Vida”, diversas foram suas principais conquistas, dentre elas o aumento das vocações. Esta associação abriu caminhos para a futura Juventude Universitária Católica - JUC. Ver: NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. A Ala Moça do C.D.V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 2, p. 74, 1958; INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002)*: jubileu de ouro da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 25.

²⁶⁰ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. A Ala Moça do C.D.V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 2, p. 74, 1958.

²⁶¹ *Ibid.*, p. 75.

Ao lembrar que no capítulo passado foi dito que a época de maior dificuldade para o Centro foi ao longo dos anos 1940, com este novo panorama animado por jovens universitários, no final da década de 1950, o Centro floriu novamente.

No evento inaugural das atividades do Centro de 1958, Sr. Luiz Orlando de Carneiro, um membro da Ala Moça, realiza o discurso, no qual lembra sobre a fundação do Centro e reafirma o seu papel na formação de uma mentalidade cristã, e completa dizendo que a Ala Moça está ciente e deseja contribuir o projeto iniciado por Jackson de Figueiredo²⁶². Nesta mesma apresentação, salientou:

“O Centro D. Vital sentiu a necessidade de uma renovação, sentiu a importância de aconchegar jovens, que tivessem o desejo de participar desta obra, que é apostolar, e derramar no seu meio de vida e trabalho, no seio de sua geração, uma vivência maior do catolicismo”²⁶³

A nova geração vive em um ambiente bastante distinto do qual viveu os pioneiros do Centro. *“O delírio da velocidade, os problemas da conquista do Espaço e o desejo de penetrar a intimidade do átomo preocupam o mundo atual”*²⁶⁴.

Os homens preocupando-se muito com as questões do próprio homem, acabam deixando pouco tempo para a vida católica, a vivência em comunidade é cada vez mais afetada, uma vez que a tendência egoísta ganha força.

E conforme publicação d’*A Ordem*, lutando contra este panorama, a preocupação do Centro deve ser sempre a de irradiar o “calor da vida católica”²⁶⁵.

3.2. Uma nova voz: a CNBB

Conforme já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, no ano de 1952, graças a iniciativa do então Pe. Helder Câmara foi fundado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Vale lembrar que antes deste acontecimento, no período entre 1922 e 1942, a Igreja no Brasil foi comandada por Dom Sebastião Leme, sua atuação

²⁶² NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de abril de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 6, p. 55, 1958.

²⁶³ Ibid., loc. cit.

²⁶⁴ Ibid., p. 56.

²⁶⁵ Ibid., p. 57.

buscando reafirmar a presença da Igreja Católica na sociedade brasileira, foi marcada por dois aspectos: em primeiro lugar a preocupação foi a de fortalecer a Instituição católica, ampliando seus campos de ação; e num segundo momento, firmar os valores religiosos a toda nação. Nas palavras de Riolando Azzi e Klaus van der Grijp: *“a Igreja voltava-se mais diretamente sobre si mesma, procurando, a partir daí, ampliar sua influencia e seu domínio sobre a vida social”*²⁶⁶.

Diferentemente deste quadro inicial, os dez primeiros anos²⁶⁷ da CNBB sinalizaram uma mudança de perspectiva sobre a atuação da Igreja. A situação e as dificuldades apresentadas pelo povo brasileiro tornaram-se mais presentes entre as preocupações da Igreja, outra variação da Instituição católica em relação ao pensamento anterior foi à busca por uma harmonia com o novo contexto histórico, estando mais atentos aos interesses e problemas sociais²⁶⁸.

A sensibilidade às necessidades da população levou a medidas mais adequadas, e marcou um grande avanço nas ações da Igreja Católica, a partir da segunda metade do século XX. Neste sentido, a fundação da CNBB foi singular, além de sua importância no campo da organização interna da Instituição, uma vez que o grande aglutinador do catolicismo no Brasil havia falecido há alguns anos. Era latente a necessidade de uma administração geral, de uma uniformização do discurso católico a nível nacional. De acordo com Araujo, havia uma *“urgência de uma ação planejada, que deve ser coordenada pelas forças apostólicas”*²⁶⁹.

Entretanto, isso também nos provoca a pensar sobre a situação dos antigos movimentos católicos, liderados por membros do clero ou pelo laicato. Tiveram eles espaço para continuar atuando? Conseguiram manter a autonomia?

O estudo feito por Riolando Azzi e Klaus van der Grijp fornecem algumas indícios para pensar estas questões. De acordo com estes autores, o caráter hierarquizado permanece presente, *“[...] são sempre os bispos que mantêm, sob o seu comando, a direção eclesial, limitando-se os leigos, os*

²⁶⁶ AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 620.

²⁶⁷ De 1952 a 1962, período em que Dom Helder Câmara esteve à frente da organização.

²⁶⁸ Ibid., p. 620-1.

²⁶⁹ ARAUJO, E. M. *Dom Helder Camara: Profeta-Peregrino da justiça e da paz*. Aparecida, Ideias & Letras, 2012. p. 76.

*religiosos e os próprios padres a cerrar fileiras ao seu lado, como fiéis colaboradores*²⁷⁰.

Amparados pelos leigos da Ação Católica (AC), os bispos foram se tornando cada vez mais alertas aos problemas sociais do Brasil. Houve uma aproximação entre os leigos da AC e o episcopado nacional. Como vimos no segundo capítulo todos os cardeais e metropolitas tornaram-se membros da AC, a forma como esta se organizava foi também modelo inspiração para a CNBB²⁷¹.

“No processo de consolidação, entre 1952 e 1964, a CNBB realizou cinco assembleias gerais e oito encontros e reuniões regionais com o objetivo primordial de estudar a situação brasileira, para orientar a sua atuação conjunta. Esse período caracterizou-se pela intensificação da corresponsabilidade episcopal em face de situações e problemas comuns; pelo apoio e estímulo dos bispos à tomada de consciência e maior participação dos leigos na vida eclesial; e por uma ação decisiva dos bispos em favor da promoção do homem e das reformas socioeconômicas.”²⁷²

Somente para citar um exemplo, entre os dias 17 e 20 de agosto de 1953, realizou-se a primeira reunião ordinária da CNBB, para tratar entre outros assuntos sobre os Estatutos da Ação Católica e a atuação dos leigos²⁷³. Conforme mencionado no capítulo 2, a CNBB absorveu e reformulou os departamentos da Ação Católica Especializada²⁷⁴. Um aspecto que merece ser comentado é que esta ligação entre a ACE e a CNBB até aos anos 1960, está em vários casos relacionada a dupla função de Dom Helder Câmara, o qual era assistente geral da Ação Católica e secretário-geral da CNBB²⁷⁵.

Apesar de todas as inovações, por trás havia ainda as raízes da neocristandade, a qual esteve mais fortemente presente nos primeiros cinco anos, quando a principal luta dentro do campo religioso foi contra as heresias

²⁷⁰ AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 621.

²⁷¹ *Ibid.*, p. 624-6.

²⁷² ARAUJO, E. M. *Dom Helder Camara: Profeta-Peregrino da justiça e da paz*. Aparecida, Ideias & Letras, 2012. p. 77.

²⁷³ AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 625.

²⁷⁴ INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002): jubileu de ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 28.

²⁷⁵ INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002): jubileu de ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 42.

modernas, por exemplo, o espiritismo, o protestantismo, umbanda e maçonaria²⁷⁶. Problemas agrários e o combate ao comunismo também marcavam espaço em suas discussões e produções.

A partir de meados da década de 1950, passou-se a buscar por uma presença apostólica mais eficiente, os bispos tomaram consciência de que uma imensa parcela da população não estava ativamente envolvida nas questões da religião católica.

Somente a título de complementação, uma ação mais concreta só tomou forma no início dos anos 1960:

“O primeiro plano pastoral do episcopado brasileiro foi elaborado em 1962, e passou a ser conhecido como Plano de Emergência. Atendia a um desejo expresso do Papa João XXIII, de que os bispos da América Latina não se limitassem apenas a combater o comunismo, mas procurassem também adotar medidas eficazes para melhorar as condições religiosas e sociais do povo”²⁷⁷.

3.3. As publicações da Ordem na década de 1950

Muito já comentado sobre a trajetória do Centro Dom Vital desde que Alceu Amoroso Lima assumiu a sua presidência, e apesar de altos e baixos, ou seja, momentos em que suas ideias e projetos prosperaram na sociedade brasileira; mas também houve tempos de relativa dificuldade e limitação. Porém, em nenhuma destas fases o Centro teve suas portas fechadas, e o mesmo ocorreu com a Revista *A Ordem*, que apesar das circunstâncias, nunca deixou de lançar seus fascículos, com periodicidade praticamente mensal, salvo alguns números que chegaram ao público, editados em um único exemplar.

Ao longo da década de 1950 são publicados 107 números da revista, contendo aproximadamente 650 artigos assinados pelos intelectuais do Centro, por diversos membros da hierarquia, de ordens religiosas, por demais leigos e grandes personalidades da filosofia e teologia nacional e internacional.

Este número equivale apenas aos artigos convidados, porém em cada número da revista existe uma gama de outras informações textuais, as quais

²⁷⁶ AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 627-630..

²⁷⁷ AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 633.

compunham as seções fixas da revista, e que estão presentes em grande parte dos exemplares. As revistas contavam também com uma seção de cunho temático, que vigoravam por um tempo determinado.

Os “Registros” ou por vezes editado sob o título de “Registros & Comentários”, era uma seção fixa, cujo objetivo era relatar os principais acontecimentos do mês, como palestras, cursos, congressos, reuniões, semanas temáticas²⁷⁸, entre diversos outros eventos promovidos pelo Centro Dom Vital e destinados a leigos e clérigos²⁷⁹.

Com certa similaridade aos objetivos deste segmento, entre os anos 1955 e 1964, considerável maioria dos fascículos *d’A Ordem* apresentava uma seção fixa denominada: “Notícias do Centro Dom Vital”. Inicialmente esta seção surgiu como uma parte integrada aos “Registros”, entretanto aos poucos conquistou um espaço próprio na revista. Marcada por uma especificidade, uma vez que esta tornava público fatos sobre o Centro propriamente dito, como suas conquistas, seus desdobramentos em novas instituições, suas limitações, momentos de dificuldades.

Existiram inúmeros outros ramos que complementaram as publicações da metade do século como, por exemplo: Livros; Cinema & Teatro; Jornais & Revistas; Documentários; Perguntas e Respostas; Documentos Pontifícios; Correspondências; e outros²⁸⁰.

Em linhas gerais, a revista apresenta uma grande quantidade de artigos, porém imensa é variedade de tipos, gêneros e assuntos abordados. Apresenta textos de cunho teológico, doutrinário, filosófico; escritos sobre economia e política, sobre questões sociais e educacionais; transcrições de sermões, homenagens, comunicações em congressos, discursos em inaugurações, abertura de eventos e formaturas. Conforme já dantes mencionado a diversidade se dá também entre gêneros, abarcando traduções; textos argumentativos; músicas; poemas e cartas.

²⁷⁸ Um exemplo que pode ser citado é a “Semana Leonel Franca”. Ver: REGISTROS. Semana Leonel Franca. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, n° 4, p. 58, 1958.

²⁷⁹ A seção “Registros” esteve presente em grande parcela dos exemplares publicados ao longo dos anos de 1950, com incidência de praticamente 100% nos três primeiros anos da década, porém depois desta data, mesmo presente até o final da década, nem todos os números constavam esta seção.

²⁸⁰ Dados obtidos a partir da observação dos exemplares *d’A Ordem*.

Sendo assim, para contemplar a tarefa de fazer um breve estudo sobre os artigos d'A *Ordem* publicados ao longo da década de 1950 à luz da interpretação de seus intelectuais, determinou-se aqui quatro eixos básicos, a saber: questão de fé; questão dos leigos; questão da missão da Igreja; e questão social.

3.3.1. Primado da Fé

Para iniciar esta discussão, vale ressaltar aqui uma comparação metafórica entre mundo e religião elaborada por Alceu Amoroso Lima em seu livro "Mensagem de Roma", e também publicada n'A *Ordem* por meio da resenha de H. J. Hargreaves. Nesta explicação é feita a comparação com um **pão**, no qual a **massa** representa o mundo e o **fermento** simboliza a misteriosa presença de Cristo no mundo.

No trecho: *"Sua preocupação [...] não é apenas mostrar a 'presença' do fermento ao lado da massa, mas a presença dêle na massa, com único meio de restaurar na terra a ordem e a paz"*²⁸¹. Atenção especial para as palavras grifas pelo próprio autor e o sentido totalmente diferente que elas conferem. A presença do fermento "ao lado da massa" pode ser visto como mais um dos ingredientes necessários para preparo do alimento, entretanto, a sua existência "na massa" computa a ideia de algo essencial, intrínseco, e de tão grande importância que se torna o agente da transformação.

E na sociedade, pensava Alceu e seu grupo de intelectuais, o mistério cristão deve ser o fator essencial para as mudanças, para a continuidade, enfim para a vida dos fiéis. Hargreaves salienta que dia a dia o mundo perde a sua configuração cristã. Mas aqui é possível discutir uma certa leitura que vai sendo construída diante do processo de secularização.

Se a ideia de secularização enquanto separação da Igreja e do Estado, enquanto laicidade do ordenamento jurídico foi deixando de ser um problema para os intelectuais do Centro Dom Vital, o mesmo não ocorria em relação ao processo de secularização dos valores e da sociedade.

²⁸¹ HARGREAVES, H. J. Mensagem de Roma. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLIII, nº. 4-5, p. 4, 1950.

Na citação fica evidente a defesa de que na sua vida cotidiana, privada, mas também no âmbito da conduta pública, os cristãos deveriam ser realmente cristãos em termos do estabelecimento das suas linhas de orientação de conduta. Mas o curioso nesse ponto, é que essa ideia, central na fé cristã, de uma realidade transcendente que se faz história e se faz na história, a ideia do ato humano impregnado do divino e, ao mesmo tempo, a humanização daquilo que antes era sobrenatural, essa ideia não deixa de ser também um dos registros da secularização.

3.3.2. Atuação dos leigos

Os leigos que foram fortemente influenciados pela Carta Pastoral (1916) de Dom Sebastião Leme, desenvolveram um considerável trabalho entre os anos 1920, apesar das grandes mudanças na sociedade como um todo e, especificamente, no campo institucional religioso com a fundação da Ação Católica e anos depois da CNBB, os leigos continuaram exercendo seu papel evangelizador e em defesa dos princípios católicos.

Tendo em vista este panorama, os próprios intelectuais do Centro Dom Vital trazem à cena uma reflexão sobre a posição destes leigos nos quadros da Igreja Católica no Brasil.

A fim de iluminar esta discussão, Frei Romeu Dale publicou um artigo na revista *A Ordem*, no qual traz já na primeira página a afirmação de que os leigos são parte integrante da Igreja. Tal apontamento é colocado propositalmente para deixar em xeque a cultura comum de que a Igreja é a hierarquia, e é esta Instituição que tudo manda e tudo resolve. Esta associação da Igreja com a hierarquia acarreta um grande ônus na prática de evangelização, uma vez que provoca certa passividade entre o laicato²⁸².

E o desejo naquele momento era completamente o contrário, escreve Dale que *“deve, pois, o leigo antes de tudo tomar consciência de que a hierarquia constitui apenas uma parte da Igreja total, a Igreja dos crentes; desta, o leigo católico é verdadeiro membro; pode sem usurpação falar em ‘nossa Igreja’”*²⁸³. A partir do momento que o leigo concebe a ideia de que ele faz parte da Igreja, e

²⁸² DALE, R. A posição dos leigos na Igreja. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 3, p. 5-7, 1957.

²⁸³ *Ibid.*, p. 5.

que é um membro importante dentro de todo organismo católico, inúmeras são as possibilidades de ação²⁸⁴.

Contudo, é importante ressaltar que mais do que palavras, algumas mudanças de atitudes foram contempladas pela sociedade, no sentido de aguçar a atividade do laicato no meio católico. Pio XI deu vida a Ação Católica (AC), cuja definição lançada pelo próprio Papa, foi a de uma Instituição que se estruturava na “*colaboração dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja*”²⁸⁵. A Ação Católica ainda que com grande presença da hierarquia, constituiu um apostolado próprio dos leigos²⁸⁶.

Outro grande exemplo disso foi o Movimento Litúrgico, o qual conforme já mencionado, abriu espaço para participação ativa dos leigos durante as Celebrações Eucarísticas. Frei Romeu, fundamentando-se em Pio XII, complementa dizendo que o Movimento Litúrgico cooperou para difusão deste pensamento de que o leigo também é parte integrante do corpo católico²⁸⁷.

Este conceito “corpo” origina-se da expressão “Corpo Místico”, o qual pode ser explicado com a Carta Encíclica *Mystici Corporis* de Pio XII:

“Como na natureza não basta qualquer aglomerado de membros para formar um corpo, mas é preciso que seja dotado de órgãos ou membros com funções distintas e que estejam unidos em determinada ordem, assim também a Igreja deve chamar-se corpo sobretudo porque resulta de uma boa e apropriada proporção e conjunção de partes e é dotada de membros diversos e unidos entre si”²⁸⁸.

Deste modo, entende-se ao mesmo tempo em que se concebe a Igreja como um organismo composto de várias partes, estas mesmas partes apresentam diferenças e especificidades. Por exemplo, o sacramento da Ordem é o que marca a distinção entre clérigos e leigos²⁸⁹.

Sobre esta questão, embora distintas, cada uma das partes unidas harmoniosamente em muito contribuem para o desenvolvimento e conquistas da

²⁸⁴ ,Conforme já citado anteriormente neste capítulo e ao longo do segundo.

²⁸⁵ BASTOS DE ÁVILA, F. Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Loyola, 1991. p. 10.

²⁸⁶ DALE, R. A posição dos leigos na Igreja. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 3, p. 14, 1957.

²⁸⁷ *Ibid.*, p. 6.

²⁸⁸ PIO XII. *Mystici Corporis*, 1943.

²⁸⁹ “O nome *leigo* deriva do vocabulário grego *laós*, que São Pedro usa para designar todo o povo cristão. Dêle derivou em seguida no *laicos* que Tertuliano já utiliza como termo técnico para indicar os fiéis que não pertencem ao clero, terminologia que foi seguir aceita até nossos dias”. Enciclopedia Cattolica, Città del Vaticano, art. Laict, t. VII, p. 814 Apud. DALE, R. A posição dos leigos na Igreja. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 3, p. 9-10, 1957

Igreja no decorrer do tempo histórico. De modo bastante claro e impactante é publicado em outro artigo d'*A Ordem* a seguinte conclusão: “*Todos têm sua função. O laicato faz parte integrante da unidade do Grande Corpo, e, neste sentido, é uma complementação vital da Igreja [...]*”²⁹⁰.

Em uma breve consideração sobre as palavras escolhidas pelo autor, a primeira afirmação “*íntegra*” e afirma o pertencimento do grupo laical ao Corpo Místico, contudo, na continuação da frase há caracterização desta relação, ela é **vital**, ou seja, é apenas mais um órgão do corpo, a sua presença é determinante e essencial.

Foi comentado sobre duas instâncias, o Movimento Litúrgico e a Ação Católica, todavia as raízes sobre o estímulo a participação dos leigos na comunidade católica pode ser buscado na primeira década do século XX, na mobilização e organização deste grupo promovida por Dom Sebastião Leme²⁹¹. De acordo com o seu pensamento este seria um fator importantíssimo no aprimoramento da imagem pública da Igreja. Somente para lembrar, o estudo de T. Bruneau confirma a situação anterior a Dom Leme, na qual os leigos, do ponto de vista de agentes ativos na divulgação da mensagem cristã católica, eram praticamente esquecidos²⁹².

3.3.3. Missão da Igreja

Esta é mais uma das temáticas discutidas pelos intelectuais d'*A Ordem* que se preocupam com os desdobramentos da sociedade moderna e secular. Sendo inevitável pensar na missão da Igreja Católica e quais mecanismos utilizar para continuar perpetuando socialmente e historicamente.

O Padre Zeferino Rocha publicou um artigo na revista *A Ordem*, intitulado “A Igreja, os cristãos e o mundo”, um texto bastante interessante, apresentando uma discussão sobre a função da Igreja no mundo e as relações com esta realidade.

²⁹⁰ ROCHA, Pe. Z. A Igreja, os cristãos e o mundo. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 21, 1957. Grifo nosso.

²⁹¹ LEME, S. Carta Pastoral a Olinda. IN: DIAS, R. B. *Deus e a pátria: Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - UFPB/João Pessoa. p. 201-203.

²⁹² BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 86.

Mais do que considerar que o advento da modernidade trouxe mudanças, faz-se necessário ponderar sobre o ritmo em que isso acontece, a velocidade aumenta cada vez. E de acordo com o artigo citado, “o cristão não pode ficar indiferente a tudo isso”²⁹³. A indiferença e ausência são uma das maiores falhas da contemporaneidade.

Neste sentido, a Igreja deve ser vista como a peregrina da eternidade, esta questão sobre a necessidade de uma plasticidade é de maneira bastante peculiar tratada pelo autor, segundo seus escritos: “*É na transcendência divina da mensagem evangélica, que a Igreja encontra o segredo de sua transtemporalidade. E mais do que nunca, hoje se faz necessário insistir neste caráter transtemporal, transétnico e transpolítico da Igreja*”²⁹⁴. Ou seja, uma postura que transcende, extrapola, que vai além da trivial esfera temporal, étnica e/ ou política

Uma vez abalizado este cenário, vale expor que a consideração sobre o adaptar-se a modernidade não diz respeito a questões doutrinárias, mas sim de método.

“E quando o cristianismo nos parecer - como em verdade o deve - uma **vida** que se **comunica** ao invés de uma simples **instituição**, compreenderemos que não é tanto o cristianismo que deve adaptar-se ao mundo moderno, mas sim o mundo moderno que deve adaptar-se ao cristianismo [...]”²⁹⁵.

A proposta não é mais adaptar a Igreja às circunstâncias mundanas, mas muito pelo contrário, espera-se a partir do entendimento de que a Igreja não é única e exclusivamente uma instituição, que as demais instâncias se adaptem a Igreja, ao seu estilo de vida. Complementando esta visão e tentando estimular a reflexão sobre o verdadeiro sentido da Igreja, escreveu:

“[...] a Igreja não é compreendida no sentido integral de seu ministério. Infelizmente, nos acostumaram a reduzir a Igreja às dimensões de uma ‘instituição eclesiástica’, hierarquicamente organizada. Os teólogos do século passado e do início deste século, quase somente assim consideraram a igreja. A Eclesiologia foi praticamente reduzida a uma Hierarquiologia”²⁹⁶.

²⁹³ ROCHA, Pe. Z. A Igreja, os cristãos e o mundo. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 10, 1957.

²⁹⁴ Ibid., p. 11-12.

²⁹⁵ Ibid., p. 13.

²⁹⁶ ROCHA, Pe. Z. A Igreja, os cristãos e o mundo. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 20, 1957.

A explicação dada sobre a gênese desta mentalidade é a reação que se fez necessária após as Reformas Religiosas, as quais colocaram em xeque a estrutura hierárquica do catolicismo. Os reacionários, assim foram chamados os defensores desta maneira de conceber a Igreja, acabaram deixando de lado a dimensão comunitária da Igreja.

Retornando a proposta do Pe. Zeferino para o entendimento da composição da Igreja, para a qual existem dois aspectos de diferentes naturezas, porém mantém-se sempre unidos: *“o visível e o invisível, o divino e o humano”*²⁹⁷. E aqui é retomada a analogia da Igreja como Corpo Místico, questão também discutida no tópico sobre o laicato, em suma, a Igreja é formada pela Hierarquia e pelo Laicato.

Pe. Zeferino Rocha utiliza-se de mais uma analogia “a Igreja como mãe”, sendo assim, há mais uma expressão para situar e qualificar o papel da Igreja, a qual é vista também a partir da missão “maternal” da hierarquia, cuja função é gerar, formar e amar “seus filhos”. Em outros termos, tem-se a responsabilidade de conceber e instruir seus fiéis. Nesta óptica, o laicato ocupa uma dupla função, pois *“se, por uma parte, é formado pela Igreja, por outra, é também forma a Igreja”*²⁹⁸.

3.3.4. Situação político-social

O objetivo desta breve análise é suscitar algumas questões recorrentes ao posicionamento dos intelectuais leigos no que tange ao campo político-social brasileiro, ressaltando quais seus principais embates e soluções defendidas.

Pierucci comenta que no período imediatamente após o término da Segunda Guerra Mundial, produções críticas ao capitalismo ganharam espaço no meio católico brasileiro, as quais repugnavam a ambição excessiva e o pensamento individualista.²⁹⁹

Contudo, não apenas o capitalismo recebe pesadas rejeições, o socialismo/comunismo também foi alvo de críticas, não sendo tolerada a divisão

²⁹⁷ Ibid., p. 21.

²⁹⁸ Ibid., p. 22

²⁹⁹ PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, P. F. C. Igreja Católica: 1945 – 1970, IN:FAUSTO, B. (dir.). História Geral da Civilização Brasileira. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986. p. 347.

da sociedade em classes opostas, tal como pregado por esta ideologia.³⁰⁰ Vale ressaltar que esta postura não era algo novo, mas desde muito tempo já eram temáticas discutidas, e a busca por soluções para o desordenamento social tem como ponto de partida a encíclica *Rerum Novarum* (1891), de Leão XIII.

Diante do acirramento das tensões entre os grupos sociais, sobretudo, a partir da intensificação da industrialização nos países, a Igreja Católica formula a sua própria solução. Em linhas gerais, diferentemente do capitalismo liberal que já tinha se mostrado inapto a solucionar os problemas sociais, e também do comunismo não era adequado, o qual conforme apresentado por Pio XI, “*propunha um remédio muito pior que o mal*”³⁰¹.

A partir deste cenário e se fundamentando nas encíclicas de Leão XIII e Pio XI, Lacerda publica na revista *A Ordem* um artigo consideravelmente extenso sobre a proposta de uma “Reforma Social”³⁰². Entretanto, para dissertar sobre as soluções cogitáveis da problemática social, cabe anteriormente saber o que é a “Questão Social”, e o autor a define como um: “*conjunto das questões relativas à sociedade. Mas é também, mais precisamente, o conjunto de problemas econômicos resultantes da atual ‘organização do trabalho, do capital e das relações*”³⁰³.

Três são as correntes que se apresentam como solução, inevitavelmente todas já foram citadas neste texto, mas vale a pena retomar e entender como se dá a construção argumentativa do autor. A primeira é a ideologia *liberal*, a qual não considera a existência de um grande problema, uma vez que sua ação possibilita o progresso, e acreditam que as forças que movem a sociedade podem resolver sozinhos quaisquer empecilhos³⁰⁴.

A segunda solução apresentada é a de cunho *socialista*, na qual existe sempre um grupo de privilegiados e um de vítimas. A terceira e última solução é a *Reforma Social*, considerada pelo autor como escola cristã e é sobre ela que Lacerda dedicou preciosas linhas³⁰⁵.

³⁰⁰ Ibid. loc, cit.

³⁰¹ Pio XI, Quadragésimo Anno, 1931.

³⁰² LACERDA, C. A Reforma Social. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLIII, nº. 1-2, p. 5-53, 1950.

³⁰³ Ibid., p. 12.

³⁰⁴ LACERDA, C. A Reforma Social. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLIII, nº. 1-2, p. 13, 1950.

³⁰⁵ Ibid., p. 12.

Partindo do princípio que somente a Igreja poderia restabelecer a justiça, ou seja, não existiria solução admissível sem o auxílio da religião³⁰⁶. Lacerda comenta que diferentemente das outras propostas, os reformistas³⁰⁷ não apresentam fórmulas prontas, mas sim uma busca incessante por melhores soluções.

Neste sentido, a solução para os problemas sociais foi buscada dentro da esfera religiosa, pois acreditavam que *“fora da Igreja não há a razão moral para o respeito fundamental ao que há de sagrado na pessoa humana”*, e mais adiante completa escrevendo que *“não há cura para o egoísmo sem a prática das virtudes cristãs”*³⁰⁸.

Os benefícios deste pensamento e atitudes não se restringiram apenas aos fiéis católicos, resoluções como a regularização de salário justo, o direito de associação e de descanso semanal, a proibição do trabalho para aqueles que ainda não tivessem atingido a maioridade, foram contempladas por toda a sociedade³⁰⁹.

3.4. Um balanço

Em meio a um cenário marcado pela necessidade de reestruturação e readaptação da Igreja Católica na sociedade brasileira após as mudanças do final do século XIX, ou seja, após a separação do Estado promovida pelo novo governo republicano liberal.

Além da administração interna das atividades da hierarquia católica, havia no Brasil uma carência de intelectuais que escrevessem a partir da perspectiva cristã católica. Como já vimos ao longo deste trabalho, novas possibilidades começam a surgir após o impulso dado por Dom Sebastião Leme em sua Carta Pastoral de 1916.

Em 1921, foi publicado o primeiro exemplar da Revista *A Ordem*, no ano seguinte, fundado o Centro Dom Vital. Estes eventos marcam os novos caminhos do pensamento católico, e de acordo com Riolando Azzi, *“é o início da mobilização da intelectualidade [...] para levar avante a obra de fortalecimento da*

³⁰⁶ Ibid., p. 15.

³⁰⁷ Expressão utilizada para designar os adeptos a Reforma Social.

³⁰⁸ Ibid., p. 16.

³⁰⁹ Ibid., p. 17-18

*fé do país*³¹⁰. Esta foi a primeira vez na História da Igreja Católica no Brasil que um grupo leigo assume o debate de assuntos religiosos e passa a defender uma maior participação da Igreja Católica nas esferas política e social do país.

Tanto a revista quando o Centro Dom Vital deram continuidade em seus respectivos trabalhos, e perpetuaram suas ações por anos e anos, chegaram aos anos 1950 sem nunca fechar as portas e com publicações ininterruptas. Contudo, é relevante enfatizar que durante sua trajetória sofre inúmeros “altos e baixos”, ou seja, momentos de considerável destaque social e momentos de timidez e limitações.

De acordo com a análise de Thómas Bruneau, entre os anos 1920 e 1930 a revista e o Centro³¹¹ encontravam-se em seu auge, foi o momento de maior prestígio; apresentando ao Brasil pensadores estrangeiros, cujas ideias eram novidades à população nacional; conforme já mencionado anteriormente também, por influência das atividades desenvolvidas pelo Centro Dom Vital, houve um crescimento no número de ordenados, Beneditinos e Dominicanos eram os mais desejados³¹².

Em contrapartida na década seguinte, enfrentaram dificuldades, sobretudo, após a morte de Dom Leme, o grande líder e apoio espiritual. A grande maioria dos trabalhos acadêmicos que abarcam estas questões, ou possuem como objeto de estudo o Centro Dom Vital, a revista *A Ordem*, ou até mesmo algum de seus intelectuais, limitam o seu recorte cronológico a década de 1940. E nesta pesquisa, tal como expresso nas apresentações iniciais, nossa pretensão foi prolongar os estudos até a década de 1950, um novo momento para o catolicismo e política mundial.

Na década de 1950 os condicionantes externos são outros, o catolicismo no Brasil apresentava-se de modo consideravelmente diferente do início do século XX, o ideal conservador da neocristandade foi dando espaço para o pensamento mais liberal e social, dando ênfase à missa pastoral. Segundo

³¹⁰ AZZI, R. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994. p. 105.

³¹¹ Sempre nos referimos aos dois órgãos, pois apresentavam o mesmo presidente, o mesmo corpo administrativo e também os mesmos colaboradores.

³¹² BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. p. 86.

Mainwaring, as ideias de antimodernismo se tornaram insustentáveis, para Igreja continuar tendo visibilidade social e conquistando fieis, foi preciso repensar-se.³¹³

Para facilitar a compreensão sobre o panorama geral da revista *A Ordem*, apresentamos aqui uma proposta de divisão da década de 1950 em dois períodos: sendo que a primeira fase contempla os anos de 1950 a 1955, e a segunda fase refere-se aos cinco anos finais da década.

Em resumo, na primeira fase, eram poucos os artigos que discutiam sobre questões políticas e/ou sobre a perspectiva dos intelectuais leigos diante dos acontecimentos de sua contemporaneidade. Os textos de cunho teológico ocuparam espaço de destaque na revista durante esses anos; também os artigos baseados na vida e/ou obra de determinadas personalidades importantes. Havia também poesias, hinos, oração, homenagens; textos sobre educação e envolvendo discussões filosóficas³¹⁴.

No período de 1955-1959, além da manutenção de vários destes textos, observou-se um cuidado maior em divulgar as atividades do Centro Dom Vital no mês ou ano corrente, mas também se criou espaços para artigos referentes a acontecimentos passados, um exemplo é a coletânea de doze textos escrita por Alceu Amoroso Lima entre os anos 1957 e 1958, a qual retoma a situação do Centro Dom Vital nos idos dos anos 1930 e início da década de 1940.

E a promoção desta autoanálise sobre seu percurso, foi algo recorrente, sobretudo, no que diz respeito às atividades, avanços e retrocessos do Centro Dom Vital. Nesta perspectiva foi publicado em 1958:

“Assim vem o Centro se desenvolvendo até hoje, mantendo uma tradição de vanguarda e um elevado espírito de catolicismo, sempre assistido e um elevado espírito de catolicismo, sempre assistido de perto pelos representantes da Igreja, que acompanham com interesse o desenvolvimento da obra de Jackson fez nascer, Hoje temos entre nós um grande representante da nossa Igreja, o nosso querido D. Helder, que sempre se interessou por tudo que seja movimento católico, e que tem como poucos uma noção elevada da importância primeira da ação, dentro do meio cristão”³¹⁵.

³¹³ MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 53.

³¹⁴ Dados obtidos a partir da análise da revista *A Ordem*.

³¹⁵ NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de abril de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 6, p. 56, 1958.

Além de diversos artigos que redigiam discursos já proclamados, apresentações em Congressos, aula magna de cursos, formaturas, missas, semanas temáticas.

Outro fator que pode ser considerado nestas ponderações mais gerais sobre o aspecto da revista na metade do século XX, e agora não mais dividindo em uma fase ou outra, observou-se que muitos dos artigos publicados transmitiam a sensação de parecerem uma conversa entre os sócios do Centro, na qual cada uma conta seus avanços e conquistas, suas limitações e medos, utilizavam de expressões como, por exemplo: *“Lembramo-nos todos do...”*, entre outras.

Estas são algumas das impressões gerais sobre o periódico. Todavia, ao longo deste capítulo foram designados quatro eixos específicos - questão de fé; questão dos leigos; questão da missão da Igreja; e questão político-social -, a fim de investigar a postura desempenhada pelos intelectuais católicos diante de determinados temas e acontecimentos internos e externos ao campo religioso, em meados do século XX.

No que tange ao pensamento sobre a figura da Igreja, como era vista e interpretada socialmente. A maneira como definem a sua missão, sobretudo, quando identificada com a mãe que “gera, forma e ama seus filhos”, e num sentido mais estrutural, quando caracterizada como um Corpo Místico, trazendo à luz a importância do papel do leigo junto à hierarquia e a Igreja como um todo, fornece subsídios para uma reflexão de seu próprio trabalho.

Todas estas definições podem ser entendidas como formas de legitimar as ações dos intelectuais leigos do Centro Dom Vital, os quais dotados de um ideal de contribuir para a formação e instrução dos leigos, sobretudo a juventude, à causa católica. E também mesmo sempre submetidos a autorizações do clero, desempenharam e desempenham um papel singular.

Os artigos que abraçam questões sobre a fé tornaram-se cada vez mais presente, desde que Alceu Amoroso Lima assumiu o Centro. Cabe aqui lembrar as mudanças que o Centro sofreu neste contexto, abandonando os vínculos político-partidários, em virtude da promoção de debates de cunho cultural e espiritual³¹⁶

³¹⁶ LIMA, A. A. Notas para a história do Centro Dom Vital IV. A Ordem. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 63, 1958.

E a fé católica não se desvincula de nenhum dos temas discutidos, até mesmo as propostas para solucionar os problemas sociais estavam iluminadas pelos ideais católicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No último capítulo do livro *“Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)”*³¹⁷, o brasilianista Scott Mainwaring lista três fatores que, segundo ele, definiriam um “caráter singular da Igreja brasileira”, ou seja, a constituição de uma “tradição progressista”, a partir dos anos de 1950, com poucos equivalentes na América Latina.

Os fatores seriam os seguintes: primeiro, os vínculos a apoio mútuo da principal liderança católica brasileira, Dom Hélder Câmara, com os setores mais progressistas do Vaticano; segundo, uma forte presença leiga, com impactos renovadores crescentes, como elemento de compensação da relativa fragilidade institucional que historicamente marcou a trajetória da instituição no Brasil; terceiro e último, a limitada hostilidade das forças liberais, burguesas e republicanas com relação à presença da Igreja brasileira.

Não podemos deixar de observar, entretanto, que ironicamente, esse caráter progressista aparece como resultado final de uma configuração anterior marcadamente conservadora, intitulada de “neocristandade”, que teria sido o nexo interno do período de “construção institucional”³¹⁸, ou “restauração católica”. Como isso foi possível? Como efetivamente se dá a passagem de um momento para outro?

Nossa hipótese é a de que as dinâmicas institucionais, bem como sócio-históricas, externas à Igreja, dos anos de 1950 foram decisivas nesse sentido. Buscamos entender como as iniciativas tomadas no início do século XX, pelas principais lideranças católicas (Dom Sebastião Leme), foram viabilizando a “construção institucional”, mas colocando igualmente alguns desafios e ameaças. Vale dizer que estas iniciativas são as que dizem respeito à composição e atuação do clero, relação com as elites dirigentes e o Estado e o lugar e função específica dos leigos na estrutura institucional.

Entendemos que as dimensões e resultados mais problemáticos dessas iniciativas, ou seja, a possibilidade de um distanciamento irreversível com a religiosidade popular, a subordinação acrítica da Igreja ao projeto estatal, o

³¹⁷ MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 265-280.

³¹⁸ Ver: MICELI, S. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

engessamento pastoral diante de um mercado religioso em expansão, a autonomia da ação leiga, foram desarmados e equacionados com grande habilidade pelas lideranças eclesiais.

Hoje talvez estaríamos em condições melhores de refletir sobre os custos desse processo, nos seus aspectos positivos e nos seus limites. Mas a questão de fundo que impulsionou nossa pesquisa caminha nesse sentido. Como estratégia, entendemos que uma base documental possível para enfrentar a questão, um bom termômetro digamos assim, poderia ser a trajetória do Centro Dom Vital e os debates e posicionamentos que podemos encontrar na sua revista *A Ordem*, uma vez que são considerados instrumentos mobilizadores da intelectualidade católica e também formadores de um laicato católico. É nesse sentido que a pesquisa se debruçou sobre alguns aspectos centrais dessa trajetória.

No primeiro capítulo “Estado laico, Nação católica: a Igreja Católica no Brasil em meados do século XX”, buscou-se apresentar os principais acontecimentos que marcaram a relação entre a Igreja e o Estado brasileiro em meados do século XX, ênfase também foi dada ao contexto histórico de surgimento da Revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, acrescentado detalhes sobre a atuação de seus principais líderes.

Sobre a conjuntura histórica e religiosa pertinente a esta temática, foram ressaltadas duas fases da Igreja Católica no Brasil. A primeira delas foi chamada de “período da Neocristandade”, seu início é assinalado pela aclamação feita por Dom Sebastião Leme em sua Carta Pastoral de 1916, cujo momento caracterizou-se pelos ideais de renúncia e combate às tendências da modernidade e secularização. O tom conservador e a argumentação visando a recatolicização da sociedade e das instituições foram a grande marca do discurso proferido pela ala conservadora do clero e pelos intelectuais católicos leigos, cujo grande destaque nos primeiros anos foi Jackson de Figueiredo.

Entretanto, após o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), a derrocada de Vargas no Brasil, e a emergência de uma nova condição econômica, política, social e religiosa do país, estimularam um grupo dentro do clero a lutar reformas na conduta da Igreja frente a estas questões e em suas práticas sociais, até que em meados dos anos 1950 tornou-se impraticável continuar com a mesma mentalidade.

Em outros termos, a considerável velocidade e dinâmica da modernidade colocaram em xeque os pensamentos conservadores defendidos pela Igreja Católica. Inaugura-se um descompasso entre os discursos contra a secularização e a realidade da sociedade brasileira. Em caráter de periodização teórica, a Igreja passava do seu modelo de neocristandade para uma vertente denominada reformista, entre outros, marcada pelo desenvolvimento da missão pastoral.

Ainda neste capítulo, foi comentado sobre o contexto de fundação da Revista A Ordem e do Centro Dom Vital, ambos surgiram no ambiente conservador e combativo dos anos 1920, mas com o passar dos anos seus rumos e objetivos foram sendo renovados, e o viés de seus discursos foram paulatinamente adotando uma postura mais liberal, cultural e social.

O segundo capítulo “Dividir ou Multiplicar: o Centro Dom Vital no tempo de Alceu Amoroso Lima”, objetivou-se repensar a trajetória do Centro, a qual mudou consideravelmente seus rumos após a alteração na figura do presidente e também em virtude das mudanças na sociedade como um todo.

A problematização ficou entorno da relevância de suas ações e do surgimento de diversas outras associações de cunho religioso. Considerou-se aqui que o conceito de “divisão” em perspectiva da diminuição de sua atuação, ou seja, o Centro Dom Vital teria perdido ou segregado o campo de atuação social após o surgimento de inúmeras outras Instituições, não é o mais adequado.

Nossa proposta é pensar em uma “multiplicação” de suas atividades e áreas de abrangência, uma vez que existiu um nexo de ligação entre o Centro e as Instituições, muitas delas inclusive nasceram a partir do próprio Centro Dom Vital e mantiveram os mesmos nomes como colaboradores. Considerou-se válido para este panorama que maior será o seu raio de atuação e possibilidades de sucesso, se mais grupos ou instituições estabelecerem uma sintonia em suas intenções.

Conforme mencionado ao longo da explanação sobre a situação do Centro D. Vital a partir da década de 1930, a multiplicação poder ser contemplada por um movimento duplo de inserção qualitativa e expansão quantitativa, uma vez que podem ser observadas diversas ramificações e fundações de outras instituições, além da expansão do Centro para outros Estados.

Neste sentido, houve uma irradiação das ações e atividades do Centro D. Vital, seja ela em âmbito intelectual ou religioso, exemplos significativos podem ser aqui citados: o Instituto Católico de Estudos Superiores e a Ação Universitária Católica. Porém, apesar do envolvimento direto em questões políticas não ser mais o foco principal deste órgão, seus intelectuais estiveram também marcando presença no campo político com a LEC - Liga Eleitoral Católica.

Em nenhum momento o Centro D. Vital esteve fechado em sua sede, muito pelo contrário, seus membros promoveram uma ramificação, na qual cada vertente/instituição especializou-se em determinados tipos de atividade. Como resultado teve-se uma maior difusão na sociedade. Naturalmente, como qualquer outra Instituição, o Centro possuiu momentos gloriosos e momentos de maiores dificuldade, mas o seu aspecto e objetivos singulares o manteve sempre vivo, não precisando, até pelo menos a década de 1950, nunca fechar suas portas.

Um último fator a ser ressaltado deste capítulo, é a esperança que surge entre os sócios do Centro Dom Vital, no final da década de 1950, com a fundação da Ala Moça, um grupo de jovens universitários - formados ou em curso -, que veio a organizar-se de modo a contribuir com a perpetuação das atividades do Centro Dom Vital. Nas palavras de Alceu Amoroso Lima, este grupo simbolizou o “sangue novo” que o centro precisava.

Cabe ressaltar que as fontes utilizadas para elaboração deste percurso são praticamente todas de origem da revista A Ordem, isso colabora no entendimento de como eles próprios viam e julgavam a sua participação.

No terceiro e último capítulo “As vozes d’A Ordem na década de 1950”, teve-se a pretensão de prolongar os estudos sobre o Centro e a revista para uma década ainda pouquíssimo estudada entre os pesquisadores.

Dando continuidade a este estudo sobre o Centro Dom Vital suas atividades e principais colaboradores, a primeira seção deste capítulo explorou sobre a atuação do Centro nos anos de 1950, recorte escolhido justamente por ser uma época de transição da conjuntura geral do catolicismo no país, o qual paulatinamente vai abandonando os ideais de neocristandade e formatando uma configuração mais coerente com o novo momento histórico. Porém, apresentando ainda mudanças sutis se comparadas com a grande renovação e atualização que o catolicismo que contemplaremos na década de 1960.

Num segundo momento deste capítulo, foi apresentado sobre a importante fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e os principais desdobramentos em escala nacional da atuação desta instituição. A Instituição católica necessitava de uma administração geral, de uma uniformização de seu discurso, e foi com base nesta e em outros argumentos que foi defendida a fundação da CNBB. E de maneira geral, a partir de meados de 1950, a hierarquia eclesiástica desejava uma presença apostólica mais impactante e eficiente na sociedade.

Em um último tópico do capítulo, mas não menos importante, salientou-se algumas das visões dos intelectuais católicos ligados ao Centro Dom Vital diante de algumas temáticas inerentes ao seu contexto, denominadas no texto de: primado de Fé; atuação dos leigos; missão da Igreja; e situação político-social. É importante lembrar que os artigos utilizados para elaboração, escrita e argumentação deste tópico foram todos retirados da revista *A Ordem*, e datam diferentes anos da década de 1950.

De maneira geral, dentre as temáticas presentes nos artigos, podemos destacar a questão de que Alceu Amoroso Lima e o seu grupo de intelectuais consideravam que a fé, o mistério cristão deveria ser o fator essencial para a vida dos fiéis. E para este ponto destacamos que se, por um lado, a secularização simbolizada pela separação da Igreja do Estado já tinha sido superada nos discursos dos intelectuais, por outro lado, a secularização dos valores era fortemente repreendida.

Outro ponto bastante elencado pelos intelectuais em seus artigos na revista *A Ordem* é quanto o papel e importância do próprio leigo dentro do corpo católico, cuja presença e participação é defendida como vital.

Questões sobre a missão da Igreja na sociedade também fazem parte do repertório de temas publicados ao longo da década de 1950. Destaque para a defesa da necessidade de uma plasticidade por parte da Instituição Católica, diante dos desdobramentos da sociedade moderna e secular. Sendo assim, a Igreja deve portar-se como uma peregrina da eternidade, segundo as palavras dos intelectuais do Centro Dom Vital.

Implicações sobre a continuidade do Centro e da revista da década de 1960 não incorporaram esta pesquisa, mas deixam um enorme campo de possibilidades para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

Fontes Pontifícias

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*, 1891. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso em 03.11.2015.

PIO XI. *Quadragesimo Anno*, 1931. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em 03.11.2015.

PIO XII. *Mystici Corporis*, 1943. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html>.

Acesso em 03.11.2015.

Fontes - Revista Vida

Ação Universitária Católica: almoço aos calouros. *Revista Universitária Vida*. Rio de Janeiro, nº. 3, ano I, p. 6, 1934.

LIMA A. A. Um ano de Vida. *Vida Revista Universitária Católica*. Rio de Janeiro, nº. 12, ano II, p. 1 1935.

Plano de Ação. *Vida Revista Universitária*. Rio de Janeiro, nº 1, ano 1, p. 1, 1934.

Fontes - Revista A Ordem³¹⁹

1932-1933. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 41, p. 799-810, 1933.

ASSOCIAÇÃO DAS BIBLIOTECAS CATÓLICAS. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 78, p. 521, 1937.

ATHAYDE, T. *Colligação Catholica Brasileira: esboço histórico e constituição*. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 58, p. 345-354, 1935.

Avanço lento, mas seguro. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 72, p. 272-274, 1936.

BARBOSA, Dom M. Palavras de congratulação. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 9-11, 1957.

³¹⁹ A referência de alguns fascículos encontra-se sem a descrição do “volume”, o qual não foi possível localizar, uma vez que as páginas iniciais da revista não se encontram disponíveis para acesso.

- BARRETO, M. L. B. Saudação a Alceu Amoroso Lima. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. LVII, nº 2-3, p. 63-66, 1957.
- CORÇÃO, G. O que o mundo espera da Igreja. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 18-26, 1957.
- DALE, Frei R. A posição dos leigos na Igreja. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 3, p. 5-18, 1957.
- HARGREAVER, H. J. Alceu Amoroso Lima. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LXX, nº 2, p. 31, 1963.
- _____. Mensagem de Roma. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLIII, nº. 4-5, p. 3-11, 1950.
- Inauguração da nova sede. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 5, 1957.
- ISNARD, Dom C. G. O papel de D. Martinho no movimento católico brasileiro. *A Ordem*, Rio de Janeiro, nº. 12, p. 5-15, 1946.
- LACERDA, C. A Reforma Social. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLIII, nº. 1-2, p. 5-53, 1950.
- LEME, S. Em torno da Ordem. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 1 (Nova Série), nº 1-2 Especial, p. 384, 1929.
- LIMA, A. A. Discurso de abertura. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº. 2, p. 11-17, 1957.
- _____. Notas para a história do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº 4, p. 50-55, 1957.
- _____. Notas para a história do Centro Dom Vital II. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº 5, p. 57 -63, 1957.
- _____. Notas para a história do Centro Dom Vital III. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVIII, nº 6, p. 36-42, 1957.
- _____. Notas para a história do Centro Dom Vital IV. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 63-68, 1958.
- _____. Notas para a história do Centro Dom Vital V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 2, p. 65-70, 1958.
- _____. Notas para a história do Centro Dom Vital VI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 3/4, p. 93-99, 1958.
- _____. Notas para a história do Centro Dom Vital VII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 5, p. 59-64, 1958.

_____. Notas para a história do Centro Dom Vital VIII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 6, p. 39-45, 1958.

_____. Notas para a história do Centro Dom Vital IX. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 1, p. 50-56, 1958.

_____. Notas para a história do Centro Dom Vital X. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 2, p. 70-76, 1958.

_____. Notas para a história do Centro Dom Vital XI. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 3, p. 62-68, 1958.

_____. Notas para a história do Centro Dom Vital XII. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº 4, p. 52-57, 1958.

_____. O Brasil Católico. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVII, nº 2 e 3, p. 5-11, 1957.

Mais um ano de trabalho. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 33, p. 325-339, 1932.

MELO, G. C. O testemunho cristão de Ozanam em relação à cultura. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLV, nº. 3-4, p. 3-37, 1951.

MENEZES, J. R. Pluralismo e Cultura. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LVII, nº 2 e 3, p. 45-47, 1957.

NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. A Ala Moça do C.D.V. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 2, p. 73-76, 1958.

NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de abril de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 6, p. 53-58, 1958.

NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Atividades do mês de dezembro de 1957. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº. 2, p. 76, 1958.

NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Centro Dom Vital de S. Paulo. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. LIV, nº 5, p. 92, 1955.

NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Écos da sessão inaugural das atividades de 1958. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº. 1, p. 61-65, 1958.

NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Programa das atividades do C. D. Vital em outubro e novembro. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIV, nº 6, p. 79-81, 1955.

NOTÍCIAS DO CENTRO DOM VITAL. Ajudem-nos a Ajudar. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIV, nº. 4, 90-93, 1955.

Perguntas e Respostas. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LXII, nº. 4, p. 72, 1959.

REGISTROS. Notícias do Centro Dom Vital. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIII, nº. 6, p. 81-84, 1955.

REGISTRO. Semana Leonel Franca. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LX, nº. 4, p. 58, 1958.

REGISTROS & COMENTÁRIOS. Adeus à Praça 15. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. XLVIII, nº 6, p. 77, 1952.

ROCHA, Pe. Z.. A Igreja, os cristãos e o mundo. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LIX, nº 1, p. 7-27, 1957.

SECÇÃO UNIVERSITÁRIA. Acção Universitaria Catholica no Rio. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. VI, nº. 17 p. 180-181, 1931.

SECÇÃO UNIVERSITÁRIA. Acção Universitaria Catholica. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 26, p. 297-299, 1931.

Bibliografia

ALMEIDA, C. A. *Meios de comunicação católicos na construção de uma ordem autoritária 1907-1937*. 2002. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo.

ARAUJO, E. M. *Dom Helder Camara: Profeta-Peregrino da justiça e da paz*. Aparecida, Ideias & Letras, 2012

AZEVEDO, D. Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, v. 18, nº. 58, p. 109-120, 2004.

AZZI, R. O início da Restauração Católica no Brasil (1920-1930). *Revista de Filosofia - Síntese*, v. 4, nº. 10, p. 61-89, 1977.

_____. O fortalecimento da Restauração Católica no Brasil (1930-1940). *Revista de Filosofia - Síntese*, v. 6, nº. 17, p. 69-85, 1979.

_____. A Igreja e o Estado no Brasil: um enfoque histórico. *Revista Perspectiva Teológica*, nº. 29 a 31, p. 7-17, 1981.

_____. *A Neocrisandade: um projeto restaurador*. Coleção História do Pensamento Católico no Brasil – V. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.

AZZI, R.; VAN DER GRIJP, K. *História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BASTOS DE ÁVILA, F. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1991.

BEIRED, J. L. B. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Loyola, 1999.

- BEOZZO, J. O. A Igreja entre a revolução de 1930: o Estado Novo e a Redemocratização, IN:FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986.
- _____. *Cristãos na Universidade e na Política: história da JUC e da AP*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Trad. de Carmen C. Varrialle et al. 4ª. Ed. Brasília: Editora da UNB, 1992.
- BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BRUNEAU, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- CAMARGO, Candido Procópio Ferreira. *Católicos, Protestantes e Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CORDI, C. *O tradicionalismo República Velha*. 1984. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro/RJ.
- _____. *Igreja e Desenvolvimento*. São Paulo: Edições CEBRAP, 1971.
- CARDOSO, C. F.; VAIFAS, R. (Org.). *Domínios da História*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COSTA, J. W. B. *Dom Leme e os movimentos religiosos de massas: a proposta de ordem cristã para o Brasil*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- COSTA, M. T. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. São Paulo: Loyola, 2006.
- DEBRUM, M. Intelectuais orgânicos, intelectuais tradicionais. IN: _____. *A conciliação e outras estratégias*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 94-104.
- DELLA CAVA, R. Igreja e Estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916-1964. *Estudos Cebrap*, nº. 12, p.6-52, 1975.
- DIAS, R. B. *Deus e a pátria: Igreja e Estado no processo de Romanização na Paraíba (1894-1930)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.
- DIAS, R. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

- FARIAS, D. D. *Em defesa da Ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: USP/Hucitec, 1998.
- FERREIRA, J. A significação em listas de discussão: uma análise do discurso. *Colabora - Revista Digital da CVA*, v. 1, nº. 2, p. 57-71, 2001.
- FIGUEIREDO, J. *A Ordem, revista de cultura, órgão do Centro D. Vital*. Rio de Janeiro, ABC, 1938.
- GIUMBELLI, E. Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações da pluralidade. *Plura: Revista de Estudos de Religião*, v. 3, nº. 1, p. 79-96, 2012.
- GONÇALVES, M. Uma reflexão sobre a intelectualidade católica. *Revista Sociologia Política*, nº. 28, p. 245-250, 2007.
- GONÇALVES, P. S. L. *Questões Contemporâneas de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRESCHAT, H. J. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.
- GROPPO, C. M. *Ordem no céu, ordem na terra: A revista "A Ordem" e o ideário anticomunista das elites católicas (1930-1937)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- HAUCK, J. F.; et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Segunda Época - Século XIX. Petrópolis: Vozes, 1980.
- HERMANN, J. História das Religiões e Religiosidades, IN: CARDOSO, C. F.; VAIFAS, R. (orgs.). *Domínios da História*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 329-352.
- HOBSBAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOORNAERT, E.; et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Primeira Época - Período Colonial. Petrópolis: Vozes, 1977.
- HOORNAERT, E. *A formação do catolicismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época-período colonial*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- IGLESIAS, F. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.) *Presença pública da igreja no Brasil (1952-2002): jubileu de ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003.

- KAUFMANN, F. X. *A crise na Igreja: como o Cristianismo sobrevive?.* São Paulo: Loyola, 2013.
- LEONIDIO, A. Notas de pesquisa sobre a correspondência entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo (1919-1928). *Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 4, nº. 1, 2007.
- LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja Católica no Brasil República.* São Paulo: Paulinas, 1991.
- _____. Separação da Igreja e do Estado no Brasil (1890): uma passagem para a libertação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 35, n. 130, 1975.
- _____. A presença da Igreja no Brasil. IN: SANTOS, B.B. (Org.). *A religião do povo.* São Paulo: Paulinas, 1978.
- MAINWARING, S. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985).* São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- MATTOS, R. C. O. A Juventude Operária Católica. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 6, nº. 2, 2009.
- MICELI, S. *A Elite Eclesiástica Brasileira.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- _____. *Intelectuais à brasileira.* São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- _____. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945).* Rio de Janeiro: Difusão Editorial, 1979.
- MORAIS, M. B. A Ação Social Católica: 1954-1964. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo.
- MUÑOZ, Ronaldo. *Nova consciência da Igreja na América Latina.* Petrópolis: Vozes, 1979.
- PEREIRA, M. A. M. L. A revista A Ordem e o flagelo comunista- na fronteira entre as esferas política, intelectual e religiosa. *Revista Brasileira de História*, v. 35, n.69, 279-300, 2015.
- PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, P. F. C. Igreja Católica: 1945 – 1970, IN:FAUSTO, B. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira.* 2ª edição. Tomo III - O Brasil Republicano. V. 4. Economia e cultura (1930-1964). São Paulo: DIFEL - Difusão Editorial, 1986.
- PINHEIRO FILHO, F. A. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. *Tempo Social Revista Sociológica da USP*, v. 19, nº. 1, p 33-49, 2007.
- RODRIGUES, C. M. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945).* Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fapesp, 2005.

_____. *Alceu Amoroso Lima: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica (1928-1946)*. 2006. Tese (Doutorado em História e Sociedade) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual de São Paulo.

_____. Expoentes do pensamento conservador e intelectuais católicos no Brasil: apropriações e transições, IN: Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina. Set/2013. p. 30-44.

SALEM T. Do Centro Dom Vital a universidade católica. IN: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982. p. 97-134.

SCHALLENMÜELLER, C. J. *Tradição e Profecia: o pensamento político da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e seu contexto social e intelectual (1952-1964)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. *Tempos de Capanema*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas e Editora Paz e Terra, 2000.

SENA, L. G. Juventude Universitária Católica. Reflexões sobre uma experiência de vida cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 61, nº. 242, 2001.

SILVA, A. F. Intelectuais e a defesa da religião. *Revista Último Andar*. nº. 14, 2006.

SOUZA, N. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, v. 14, nº. 55, p. 39-59, 2006.

USARSKI, F. *Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2016.

VELLOSO, M. P. A Ordem: Uma Revista de Doutrinação, Política e Cultura Católica. *Revista de Ciência Política*, v. 21, nº. 3, p. 117-159, 1978.

_____. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

VILLAÇA, A. C. Alceu Amoroso Lima: do agnosticismo ao catolicismo militante. IN: PAIN, A. F. *Alceu Amoroso Lima (1893-1983): Bibliografia e Estudos Críticos*. Salvador: CDPB, 1987. P. 29-34.

_____. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1975.

ZAGHENI, G. *A Idade Contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1999.

ANEXOS

Imagem 1:

Almoço anual da Ação Universitária Católica, no qual os estudantes mais velhos oferecem este encontro aos recém-chegados³²⁰.



³²⁰ Ação Universitária Católica: almoço aos calouros. *Revista Universitária Vida*. Rio de Janeiro, n.º. 3, ano I, p. 6, 1934.

Imagens de 2 e 3:

Instituto Católico de Estudos Superiores³²¹.

Instituto Católico de Estudos Superiores

Praça 15 de Novembro 101 2.º and. — Tel. 42-3055

ANO LETIVO DE 1938

SECÇÕES E CADEIRAS	PROFESSORES
Estudos Teologicos	
Teologia Historia da Igreja Ação Católica	D. Martinho Michler, O. S. B. Rev. Pe. Helder Camara Dr. Alceu Amoroso Lima
Estudos Filosoficos	
Filosofia Geral Historia da Filosofia	Frei Sebastião Tauzin O. P. Dr. João P. de Gouveia Vieira
Estudos Morais e Politicos	
Intr. á Ciencia do Direito Economia Política Direito Político Sociologia	Dr. Silvio Edmundo Elia Dr. Luiz Sucupira Dr. Francisco Barreto Campelo Dr. Luiz A. de Rego Monteiro
Estudos Biologicos	
Biologia e Antropologia	Dr. Hamilton Nogueira
Estudos Literarios	
Literatura Brasileira Latim	Dr. Alceu Amoroso Lima Dr. Guilherme de A. Ribeiro

Instituto Católico de Estudos Superiores

Fundado em 24 de Maio de 1932

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101 - 2.º and. - TEL. 42-3055

FUNDADOR:
DR. ALCEU AMOROSO LIMA

DIRETOR:
DE HERACLITO FONTOURA SOBRAL PINTO

VICE-DIRETOR:
DR. SILVIO EDMUNDO ELIA

SECRETARIO:
DR. PIO BENEDITO ÔTONI

TEZOUREIRO:
CARLOS DE CARVALHO PALMER

CORPO DOCENTE:

Frei Sebastião Tauzin, O. P.	Dr. Silvio Edmundo Elia
Dom Martinho Michler, O. S. B.	Dr. Luiz Sucupira
Pe. Helder Camára	Dr. Guilherme de Azevedo Ribeiro
Dr. Alceu Amoroso Lima	Dr. Luiz A. de Rego Monteiro
Dr. Hamilton Nogueira	Dr. Joao Pedro de Gouveia Vieira
Dr. Francisco Barreto Campelo	Smta. Altair Malan D'Angrogne (Assistente da A. C.)

INICIO DAS AULAS: 18 DE ABRIL, 1938

ESTAB. GRAPH. "APOLLO" MISERICORDIA, 38 — RIO

³²¹ Instituto Católico de Estudos Superiores. A *Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 88, 1938. Era um folheto publicado no final da revista A Ordem, e não possuía número de página.

Imagens 4:

Propaganda do Centro Dom Vital³²².

“O Centro D. Vital é a maior afirmação da inteligência cristã em terras do Brasil.”
Cardial Leme, Arcebispo.

Inscreva-se como socio do
CENTRO D. VITAL
do Rio de Janeiro
Fundador: JACKSON DE FIGUEIREDO

DIRETORIA:
Presidente perpetuo:
Alceu Amoroso Lima.
Presidente:
Hamilton Nogueira
Vice-presidente:
Barreto Campelo
Secretario:
Hannibal Porto.
Tesoureiro:
M. Xavier Pedrosa.

Não limite sua ação apenas á leitura de A ORDEM. A Ação Catolica reclama sua cooperação nas fileiras do Centro D. Vital.

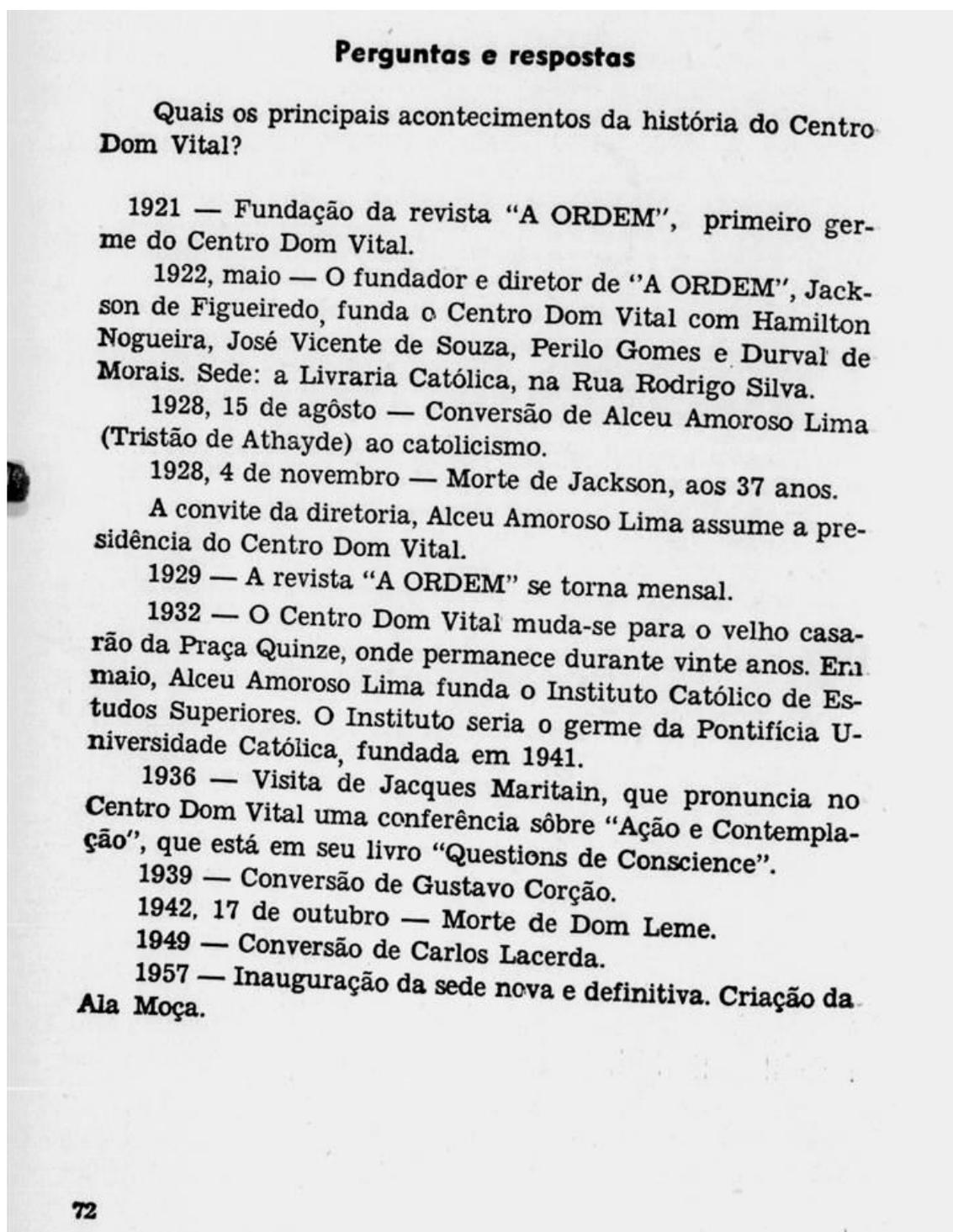
O C. D. V., fundado ha 18 anos no Rio de Janeiro, por Jackson de Figueiredo, é representado, hoje, por mais 19 entidades congengeres nas seguintes cidades: Recife, S. Paulo, S. João del Rei, Belo Horizonte, Aracajú, Fortaleza, Porto Alegre, S. Salvador, Juiz de Fóra, Itajubá, Ouro Preto, Uberaba, Campos, S. Luiz do Maranhão, Diamantina, Manaus, Florianopolis, Pelotas e Pesqueira.

Centro D. Vital — Praça 15 de Novembro, 101-2.º
— Caixa Postal 294 — Rio de Janeiro.

³²² Inscreva-se como sócio do Centro D. Vital do Rio de Janeiro. *A Ordem*. Rio de Janeiro, nº. 88, p. 249, 1938.

Imagem 5

Perguntas e respostas³²³



³²³ Perguntas e Respostas. *A Ordem*. Rio de Janeiro, v. LXII, nº. 4, p. 72, 1959.